

ÚLTIMA HORA
REGIME ASSASSINA
INOCENTES NAS LUNDAS

Folha 8

WWW.JORNALF8.NET



+744 dias Discriminação Judicial

Procurador mentiroso

O Procurador Geral Adjunto da República, Adão Adriano, mentiu, no dia 06 de Novembro de 2012, ao País sobre o advogado William Tonet, caluniando, difamando e colocando-o no desemprego sem provas. Até hoje ninguém toma medidas. É a justiça ideológica, submissa e militarizada.

ZÉNU, AGORA TAMBÉM CONTROLA DIVISAS DOS BANCOS COMERCIAIS

AFINAL SE NÃO É DO PAI É DO FILHO TUDO O QUE DEVERIA SER DE TODOS



O Banco Kwanza Invest, um banco de investimento de capitais angolanos, com sede em Luanda, foi - como não poderia deixar de ser neste regime feudal - fundado em 2008 por José Filomeno ("Zénu") dos Santos, um dos filhos do Presidente. Numa inequívoca demonstração de que as regras monarca-ditatoriais aí estão para durar, os fundos da reserva cambial do Banco Nacional de Angola (BNA), destinados aos bancos comerciais, passaram - como não poderia deixar de ser - a estar sob a gestão do Banco

OUTRO AMIGO DE JES EM MAUS LENÇÓIS

SUJEIRA DO BESA PODE SUJAR DIRIGENTES ANGOLANOS

Ricardo Salgado, ex-presidente executivo do Banco Espírito Santo e velho amigo do presidente José Eduardo dos Santos, caiu em desgraça. Foi detido no 24.07, para ser ouvido no Tribunal Central de Instrução Criminal, em Lisboa, no âmbito da Operação Monte Branco.



MAIS UMA DE QUEIROZ

JORNAL DO MPLA ATACA PORTUGAL PARA DEFENDER AMIGO OBIANG

O Jornal de Angola, órgão oficial do regime e correia de transmissão das teses do governo e do partido liderado por José Eduardo dos Santos, voltou a disparar sobre o seu alvo privilegiado, por sinal o mais fraco: Portugal. Desta vez em defesa do comparsa ditador que lidera a Guiné Equatorial e que, só por acaso, também está no poder desde 1979.



DITADURA CORROMPE

CORRUPÇÃO E PETRÓLEO ABREM AS PORTAS DA CPLP AO REINO DE TEODORO OBIANG

Um pequeno país corrupto e torturador, mas rico em petróleo, onde nunca se falou nem falará português, entrou no 23.07 para a CPLP. Que país é este?



PRÉMIO NOBEL

MANIFESTO DE APOIO A CANDIDATURA DE DOS SANTOS

José Eduardo dos Santos está no poder desde 21 de Setembro de 1979. Como contributo para o dossier de candidatura ao Prémio Nobel, aqui fica uma visão que mais não pretende ser do que um modesto contributo para apoio ao chamado "querido líder" ou "o escolhido de Deus".



MAIS UMA

REGIME PROMETE UM MILHÃO DE EMPREGOS EM 2008 PROMETERA UM MILHÃO DE CASAS

O Executivo pretende criar "mais de um milhão de empregos directos" até 2017 com "legislação que facilite" o acesso dos jovens ao mercado de trabalho, disse o chefe da nossa diplomacia. "Um milhão" é, aliás, a imagem de marca do regime. Em 2008 também era prometida a criação de um milhão de casas, bem como a construção ou reconstrução de 1.500 pontes e a reabilitação de mais de 12 mil quilómetros da rede nacional de estradas até... 2012.



JUSTIÇA BRASILEIRA

KANGAMBA, AFINAL, CONTINUA A SER ARGUIDO NO "CASO GARINAS"



O seu jornal de sempre em Mac ou PC

folha 8 digital
Angola e o Mundo mais perto!
bit.ly/f8digital

Por apenas 0,99 USD

em todos os dispositivos

bit.ly/f8digital

POWERED BY **press reader**
— connecting people through news —

COMPATIBILIDADE



folha 8 digital



WILLIAM TONET
kuibao@hotmail.com

ELES PODEM TUDO NÓS PODEMOS NADA

Perdi a conta de quantos processos judiciais tenho, depois de atingido as mais de 95 queixas-crime, movidas pelo regime do Presidente Eduardo dos Santos.

A maioria aponta o crime de calúnia, injúria e difamação, como móbil, face as denúncias publicadas no F8.

Paradoxalmente, os acusadores, têm plena consciência de serem verdadeiras as matérias publicadas, mesmo sem lupa, bastando verificar a ostentação e o nível de vida, que levam enquanto funcionários públicos. É crime denunciar a mina de um general ou o seu poço de petróleo, dado sem qualquer concurso público, apenas por ser de conveniência partidária e do Presidente da República?

É crime chamar ladrão, gatuno a quem roube, desalmadamente, o erário público, em milhões e milhões de dólares?

É crime denunciar, um dirigente que faz tráfico de influência para se apropriar ilicitamente de bens do património público ou de cidadãos pobres?

É crime denunciar a forma como o Presidente da República, cuja figura deveria ser de “pai dos angolanos”, discrimina, persegue e por vezes, elimina quem não lhe bajula ou membros dos partidos da oposição?

É crime denunciar o excessivo culto de personalidade e a privatização do Estado, a favor não só dos filhos, como de familiares, amigos e dirigentes do partido do Presidente da República?

Democracia e Constituição condenam BI com mais de uma efígie. A existência em Angola mostra a ditadura e o culto de personalidade



Não! Se fosse, já Eduardo dos Santos me teria oferecido um canal de televisão, um poço de petróleo ou uma mina de diamantes. Teria, igualmente, dado a todos os angolanos sem distinção e discriminação, de qualquer espécie.

Não o fez. Não o fará nunca, por não ter latitude para tal, uma vez abominar a democracia, que lhe “foi imposta”.

Quem diz isso, não acredita nos valores da democracia, logo se torna fácil agir com os preceitos ditatoriais.

O que faço, com orgulho e sentido de responsabilidade, enquanto homem de esquerda, defensor de uma economia de mercado socializante é denunciar, todos quantos querem comprometer o

futuro de Angola, nossa mãe.

Eu critico, com base na elevação e nos direitos constitucionalmente consagrados, respeitando os limites da ética.

Sou, completamente, diferente aos métodos da cobardia daqueles, que na calada da noite, não se coíbem de ceifar a vida aos críticos ou ainda lançá-los ao desemprego, para os ver rastejar aos seus pés.

Desde longos anos deixei de acreditar no Presidente Eduardo dos Santos, ainda que muitos o considerem, legitimamente, como arquitecto da Paz.

Uma paz que discrimina, não é paz.

Uma paz sem voz, não é paz é medo, logo os homens da democracia

devem, no seu tempo denunciar os excessos, pois a omissão não é boa conselheira e neste caso, os dirigentes do MPLA, que se acobardam e consentiram, no pedestal da sua responsabilidade, a concentração desse poder absoluto, serão, seguramente, um dia, julgados pelos militantes, filhos e populares, por terem permitido a descaracterização de Angola.

Neste momento de tantos escândalos envolvendo a família presidencial, deixei de respeitar, todos quantos desrespeitam os povos sofredores, fazendo-os viver abaixo do limiar da pobreza.

Por esta razão, continuo e estou tranquilo, quando mais um processo, vai a barra do tribunal e estarei na condição de ar-

guido, no dia 31 de Julho de 2014, na 2.ª Secção da Sala dos Crimes Comuns do Tribunal Provincial de Luanda, Palácio Dona Ana Joaquina.

Sei existir muita confusão sobre os crimes dos quais sou acusado, por isso um pequeno subsídio aos meus algozes, sobre os chamados crimes contra a honra, cunhados no Código Penal. Calúnia é acusar alguém publicamente de um crime. Difamação é acusar de um acto desonroso. Injúria é basicamente uma difamação que os outros não ouviram: é chegar e dizer para um sujeito algo que o destinatário considere prejudicial.

Acusar alguém de ter roubado dinheiro público, mas sem provas, é calúnia. Ficando provado é uma contribuição a democracia.

Dizer num encontro, que o dirigente fulano, tem um grupo de larápios, com protecção institucional, que lhe permitem apoderar-se de bens de pobres camponeses, sem provas é difamação. O contrário é defender os discriminados e a liberdade.

Já ofender directamente à pessoa, chamar-lhe nomes pejorativos é um crime de injúria.

Nós devemos continuar a lutar em nome da defesa do art.º 23.º da Constituição jessiana, pois o País está a resvalar para o caos, face a corrupção institucional e o silêncio dos bons, no seio do MPLA, da sociedade civil e dos partidos da oposição, por medo do exército privado do Presidente da República, que não se assume como presidente de todos angolanos.

ficha técnica

Propriedade

WT/Mundovideo, Lda.
Reg. n.º 62/B/94

Director

William Tonet

Director Adjunto

Fernando Baxi

Editor-Chefe

António Setas

Chefe de Redacção

Orlando Castro

Editor Cultura

Nvunda Tonet

Editor Economia

António Neto

Editor Política & On-Line

Orlando Castro

Editor Nacional

Fernando Baxi

Editor Sociedade

César Silveira

Editor Desporto

Fernando Baxi

Editor Regiões

William Tonet

Redacção

Tito Marcolino,
Nvunda Tonet,
António Neto,
Antunes Zongo,
Luísa Pedro,

Colaboradores

Arlindo Santana
Sívio Van-Dúnem
Gil Gonçalves
Kassinda Henda
Kuiba Afonso
Wango Tondela
Nelo de Carvalho
Luís Filipe
Patrício Batsikama
Marta de Sousa Costa
Fongani Bolongongo
Domingos da Cruz
Armando Chicoca
Israel Samalata

Fotografia

Theo Kassule
Garcia Mayomona

Edição Gráfica

Francisco da Silva
(Editor Gráfico)
(dsilvafrancisco@hotmail.com)
Vladimir Francisco

Administração & Finanças

Manuela Joaquim

Secretariado & Publicidade

Paula Padrão

Redacção

Rua Cons. Júlio de Vilhena, n.º
24 - 5.º andar, Apart. 19;
Tels: 222 391 943;
222 394 077; 222 002 052;
Fax: 222 392 289;
Luanda, Angola

E-mails

folha@ebonet.net

QUANDO OS ENTEADOS SE UNIREM O LEÃO VAI MESMO PASSAR FOME

POR ORLANDO CASTRO

M e s m o
s a b e n -
d o q u e o
r e g i m e
o c o n s i -
d e r a d e
s e g u n d a

(o que será, com certeza, um privilégio distintivo daqueles catalogados oficialmente como de primeira), o cidadão William Tonet reivindica, no quadro do seu direito constitucional, o que está sintetizado como princípio de igualdade, plasmado no art.º 23 da Constituição da República de Angola.

Ou seja, que “todos são iguais perante a Constituição e a Lei”. Na prática, quando a Constituição é republicana mas o regime é monárquico, como é o caso, há sempre uns que são mais iguais do que outros. Mesmo assim, inconformado com a colagem no Bilhete de Identidade de Cidadão Nacional, das efígies de Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos, por sinal, dois presidentes do MPLA, que foram - reconheçamos - competentemente incompetentes na criação de símbolos verdadeiramente nacionais, decidiu manifestar-se publicamente, ao abrigo do art.º 47º da tal Constituição republicana que a monarquia usa como quer, para demonstrar a sua indignação.

A manifestação está marcada para os dias 27 e 28 de Agosto de 2014. Embora seja um direito legal, a mesma colide com a lei do regime que nada tem a ver com a Lei do país. Uma coisa é o embrulho criado para enganar os incautos ou corruptos, outra é o conteúdo que não corresponde minimamente ao anunciado. Por outras palavras, o embrulho diz “olhai para o que dizemos”, enquanto o conteúdo esclarece “que



o que fazemos é outra coisa”.

Assim sendo, e assim é, o regime reagiu à anunciada manifestação com uma das suas monárquicas regras. Como forma de coacção, coincidência ou não, eis que o dito cidadão foi notificado no passado dia 23 para uma audiência judicial, na 2ª Secção da Sala dos Crimes Comuns, do Tribunal Provincial de Luanda, no Palácio Ana Joaquina.

Ao dispor do regime está uma imensa panóplia de crimes passível de ser usada de acordo com as conveniências. Desta vez, o “crime” é calúnia e difamação, queixa apresentada por generais, face à denúncia de terem minas de diamantes. Embora seja verdade, esta tem nuances próprias de quem a pinta ao gosto do cliente, à medida e por medida. O mesmo caso já havia sido julgado na 7.ª Secção, para onde na altura todos os processos foram encaminhados, para não se julgarem vezes sem conta os mesmos factos.

Mas é assim. Sobre os mesmos factos surge um novo julgamento. O cidadão interroga-se se é possível ser julgado mais do que uma vez pelo mesmo “crime”. Numa democra-

cia, num Estado de Direito, não era possível. Mas Angola não é nem uma nem outra coisa, muito menos as duas. Por isso, o cidadão será julgado tantas vezes quantas o regime quiser, por tudo e por nada, como estabelece a sui generis regra de que, por cá, até prova em contrário todos somos culpados.

“Estou preparado para continuar a lutar por princípios e valores adquiridos no MPLA original, como elemento de esquerda do mercado social, ainda que me montem todas estas cabalas”, diz William Tonet, certamente esperançado que a matriz histórica do partido que, por força da desmedida ambição de muitos dos seus dirigentes actuais, degenerou no que hoje se conhece, possa ainda ajudar os angolanos a serem de facto todos iguais.

“O que gostaria de saber do Presidente José Eduardo dos Santos as razões para a sua apetência e especial gozo em despojar-me de todos os direitos”, diz William Tonet, dizendo que o Presidente lhe “retirou a carteira profissional, pondo em cheque o meu diploma, quando nunca ninguém pôs em cheque o dele, outorgado,

por um país que já não existe: União Soviética, na ex-província da Ucrânia, e que ninguém sabe de que engenharia de petróleo se trata”.

Mas há mais: “Não me outorga a reforma a que tenho direito, como ex-militar e chefe de Estado-Maior das Comunicações das Forças Armadas, tudo por eu rejeitar ser enquadrado como ex-militar do fraccionismo”. Mas, como é público e notório, há mais uma vasta enciclopédia de atropelos, desde logo a “não autorização da concessão da licença de rádio e de televisão, pedida há mais de 20 anos, embora tenha oferecido dois canais de televisão pública aos filhos, sem experiência no ramo”.

É caso para concluir que filhos são... filhos e o resto, na melhor das hipóteses, enteados. Aliás, se um dia os enteados se unirem, bem que o leão vai mesmo passar muita fome.

Com todo este cenário, William Tonet gostava que o regime o informasse onde deverá montar o escritório, ou a cama, aventando-se como hipóteses o Tribunal, a DNIC ou a cadeia. Esperemos pela resposta.

CASO GARINA

JUSTIÇA BRASILEIRA MANTÉM ACUSAÇÕES CONTRA BENTO KANGAMBA



Kangamba continua a ser acusado de favorecimento da prostituição e de tráfico internacional de pessoas

O Superior Tribunal de Justiça do Brasil (STJ) mantém as acusações de favorecimento da prostituição e de tráfico internacional de pessoas contra o general Bento Kangamba, revogando apenas a ordem de prisão preventiva.

POR MAKANGOLA

No entanto, no princípio do mês, a 1 de Julho, o diário estatal Jornal de Angola publicou uma matéria inti-

tulada “Bento Kangamba livre de acusações”, segundo a qual “a justiça federal brasileira ordenou o encerramento do processo e a suspensão dos efeitos do mandado de captura que impendia” contra o

general-empresário. Para melhor informação da opinião pública, o Maka Angola publica a análise jurídica de Rui Verde sobre a decisão do Supremo Tribunal de Justiça do Brasil.

A VERDADE SOBRE O “CASO BENTO KANGAMBA”

Em 2013, o general Bento Kangamba foi denunciado por favorecimento de prostituição e tráfico internacional de pessoas, e essa denúncia foi recebida por um juiz federal brasileiro, na sequência das investigações, foi-lhe decretada a prisão preventiva. Inconformado com essa decisão, Bento Kangamba veio pedir liminarmente (quer dizer, provisoriamente e por agora) a liberdade provisória e o deferimento da medida alternativa à Prisão Preventiva mediante fiança (pagamento de um valor para ser deixado em liberdade).

A 11 de Junho de 2014, esse pedido foi deferido pelo Superior Tribunal de Justiça do Brasil, que estabeleceu o valor da fiança em 200 salários mínimos (equivalente a USD 67.390,00 - sessenta e

sete mil, trezentos e noventa dólares).

Aquilo que Bento Kangamba pediu foi apenas e só que revogassem provisoriamente a ordem de Prisão Preventiva e a decisão do Supremo Tribunal de Justiça - STJ - de 11 de Junho diz apenas respeito a esse pedido. Nada mais.

Bento Kangamba já não será preso preventivamente, mas terá de pagar uma fiança, para além do que fica proibido de contactar os restantes réus deste processo.

Ainda se aguardam duas decisões: uma decisão definitiva sobre o “Habeas Corpus” e a decisão de fundo sobre o processo.

Não foi decidido se Bento Kangamba é culpado ou inocente dos crimes que lhe são imputados pela justiça brasileira.

A recente decisão do Superior Tribunal de Justiça do Brasil beneficia Bento Kangamba apenas na medida em que lhe permite aguardar o julgamento definitivo do “Habeas Corpus” em liberdade.

A decisão, que é provisória, não encerra o processo, que continuará nos seus termos.

Na decisão de 11 de Junho, o juiz refere que a polícia já encerrou o processo, mas isto quer dizer que a investigação policial terminou. O processo judicial, esse, continua, uma vez que a investigação policial reuniu provas suficientes para levar Bento Kangamba a julgamento.

Ou seja, Bento Kangamba não está livre de qualquer acusação, apenas tem uma ordem provisória do tribunal que o livra da prisão preventiva.

Bento Kangamba não está portanto livre das acusações de favorecimento da prostituição e de tráfico internacional de pessoas, nem viu o seu processo arquivado.

Note-se que estas considerações servem para esclarecer e informar correctamente os cidadãos acerca da decisão de 11 de Junho de 2014.

O princípio inviolável da presunção de inocência deve, evidentemente, aplicar-se a Bento Kangamba.

*Doutor em Direito



“Bento Kangamba, não foi absolvido, como falsamente se noticiou, apenas viu revogado, nesta fase processual, a ordem de Prisão Preventiva”

BENTO KANGAMBA, AFINAL O PROCESSO AINDA NÃO TERMINOU E EXIGE MAIS EMPENHO E MELHORES ARGUMENTOS DOS SEUS ADVOGADOS. NESTE MOMENTO TUDO É POSSÍVEL: ABSOLVIÇÃO OU CONDENAÇÃO. SURGE AINDA UMA OUTRA HIPÓTESE QUE PASSARÁ PELO CONFISCO DOS SEUS BENS NO EXTERIOR E OU EM ANGOLA

AS ACUSAÇÕES

JUSTIÇA BRASILEIRA AVANÇA COM PROCESSO CONTRA GENERAL KANGAMBA

No Brasil, novas testemunhas são ouvidas no processo em que o general angolano Bento dos Santos Kangamba é acusado de chefiar uma rede internacional de tráfico de brasileiras para prostituição.

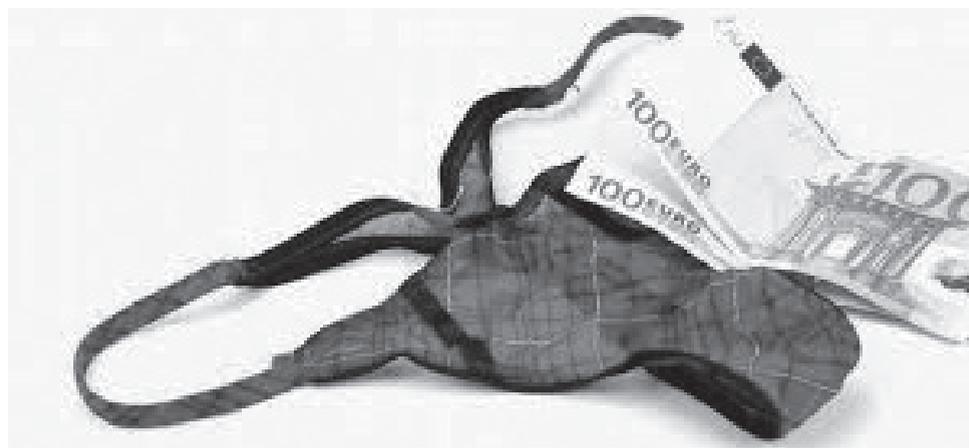
O processo judicial derivado da Operação Garina foi desmembrado em dois núcleos: um que é responsável pelos réus brasileiros e outro que investiga o envolvimento dos angolanos.

As novas audiências referiam-se ao núcleo brasileiro e realizaram-se em 12.05.14, a primeira, quando foram ouvidas mais testemunhas, e 14.05.14, onde alguns dos acusados prestaram depoimentos.

No dia 31 de Março, foram ouvidas outras testemunhas neste processo no Brasil.

Na avaliação de Paulo Iasz de Moraes, advogado do general angolano Bento dos Santos Kangamba - acusado de chefiar uma rede internacional de tráfico de brasileiras para prostituição em Angola, África do Sul, Áustria e Portugal - os depoimentos prestados, até ao momento, por policiais que trabalharam na operação, “deixam de confirmar qualquer tipo de certeza de que lá [em Angola] tenha ocorrido prostituição, como de facto não ocorreu.”

No entanto, outras fontes e testemunhas brasileiras e angolanas, referem haver fortes evidências e indícios de prostituição, patrocinada pelo general, “que estava apenas nas operações, mas o produto (mulheres) eram para satisfazer a lascívia de muitos dirigentes do regime angolano, onde se incluem membros do partido no poder, ministros, generais e até procuradores, que agora, tudo fazem para empalhar o processo, em Angola, com receio de serem denunciados e comprometidas as suas carreiras”, disse o investigador



DESDE ABRIL, O PROCESSO CORRE EM SEGREDO DE JUSTIÇA, POR CONTER INFORMAÇÕES A RESPEITO DAS VÍTIMAS

Célio Jesus, que esteve em Angola, em investigação.

“O general tem um motel, escondido atrás da Igreja Universal na zona próxima do aeroporto de Luanda, sendo o mesmo gerido por alguns brasileiros e portugueses, e é lá onde vai a nomenclatura, quando chega a mercadoria (entenda-se prostitutas) do general. No seu interior só existem carros de alta cilindrada, top de gama, como se poderão ver nas fotografias, em posse da Polícia Federal, logo essa ostentação não está ao alcance do cidadão comum”, asseverou.

Um oficial de instrução judicial, por sua vez, garante que “pese ter havido alguns erros, na fase inicial do processo, assentando a tipificação criminal, num ante-projecto do Código de Processo Penal (CPP), a verdade é, das evidências serem bastantes, para terem acolhimento no próprio CPP angolano e brasileiro, quanto a acção ilícita do general angolano”.

O jurista afirma ainda, não ter a defesa de Kangamba, até agora, conseguido provar serem todas mulheres brasileiras, que iam para Angola ou outras para- gens, bailarinas ou can-

toras e se sim o próprio caché pode ser um dos indícios da prostituição, pois nenhum artista sai do Brasil para ganhar, num show, USD 10.000,00 (dez mil dólares). Mais o caché não é pago individualmente, mas ao empresário ou a banda, quando se apresenta pagamentos individuais é a demonstração da verdadeira profissão destas mulheres”.

E para concluir ele afirma: “Não temos dúvidas, o general angolano é o mais forte suspeito de ser o coordenador desta cadeia de tráfico de prostituição, pelo que deverá responder, na justiça brasileira, por sua livre iniciativa ou, quando um dia desembarcar no Brasil”, assegurou. Como se pode verificar ainda há muita água a correr por debaixo da ponte.

RÉU ANGOLANO

O advogado do general afirma que Kangamba contratava mulheres apenas para eventos.

“As pessoas que foram para Angola, foram para a realização de shows e espetáculos. Não só do sexo feminino, também há artistas do sexo masculino. Todos eles para shows e jamais para outra coisa,” afirma.

Desde Abril, o processo corre em segredo de justiça, por conter informações a respeito das vítimas.

De acordo com o Ministério Público Federal, em São Paulo, também o processo que trata do núcleo angolano está em fase de instrução processual - momento de ouvir testemunhas e acusados, juntar provas, realizar perícias e cumprir diligências que se fizerem necessárias. Por essa razão, não há previsão de julgamento, ainda segundo o órgão.

KANGAMBA SEM IMUNIDADE DIPLOMÁTICA

Num pedido inicial de liminar para a revogação da prisão cautelar, ora concedida, a defesa do general Kangamba havia evocado e solicitado imunidade diplomática por ele ser parente por afinidade do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos. Um argumento frágil, para além dos pressupostos serem distantes da realidade e mundovivência da cultura e costumes angolanos. No pedido, a defesa alegava que a medida afastaria a competência da Justiça brasileira para julgar o caso.

No entanto, as autoridades brasileiras tomaram como base a Convenção de Viena para não reconhecer o general como agente diplomático “por [este] não ser chefe ou integrar a Missão Diplomática de Angola no Estado brasileiro,” conforme se pode ler no documento da Justiça Federal.

O advogado do general Bento dos Santos Kangamba, discordou da decisão.

“O nosso entendimento não é que ele não deva ser julgado. Deve ser julgado sim. Mas, se o for, deverá ser feito por Angola que é seu país de origem. Ele sequer ainda foi citado. Mantendo do jeito que está hoje o processo aqui no Brasil, ele precisa ser citado por carta rogatória,” diz.

Carta rogatória é um documento jurídico de cooperação entre as nações. De acordo com a Justiça Brasileira, representada pela juíza Maria Isabel do Prado, da 8ª Vara Federal Criminal, em São Paulo, a carta rogatória já foi expedida para Angola para citação dos acusados que residem naquele país.

De realçar a forma como o advogado se referiu a pretensão do seu cliente ser julgado em Angola, deixando escapar nas entrelinhas a fragilidade e comprometimento político dos tribunais e juizes angolanos. “Pois um homem com o poder e dinheiro que tem Bento Kangamba, seguramente, nunca será julgado e assim a culpa pode apenas recair, para o elo mais frágil”, afirmou o procurador Luiz Garcia.

***Voltaremos em próximas edições, com novos pormenores**

O PRÍNCIPE ZÉNU

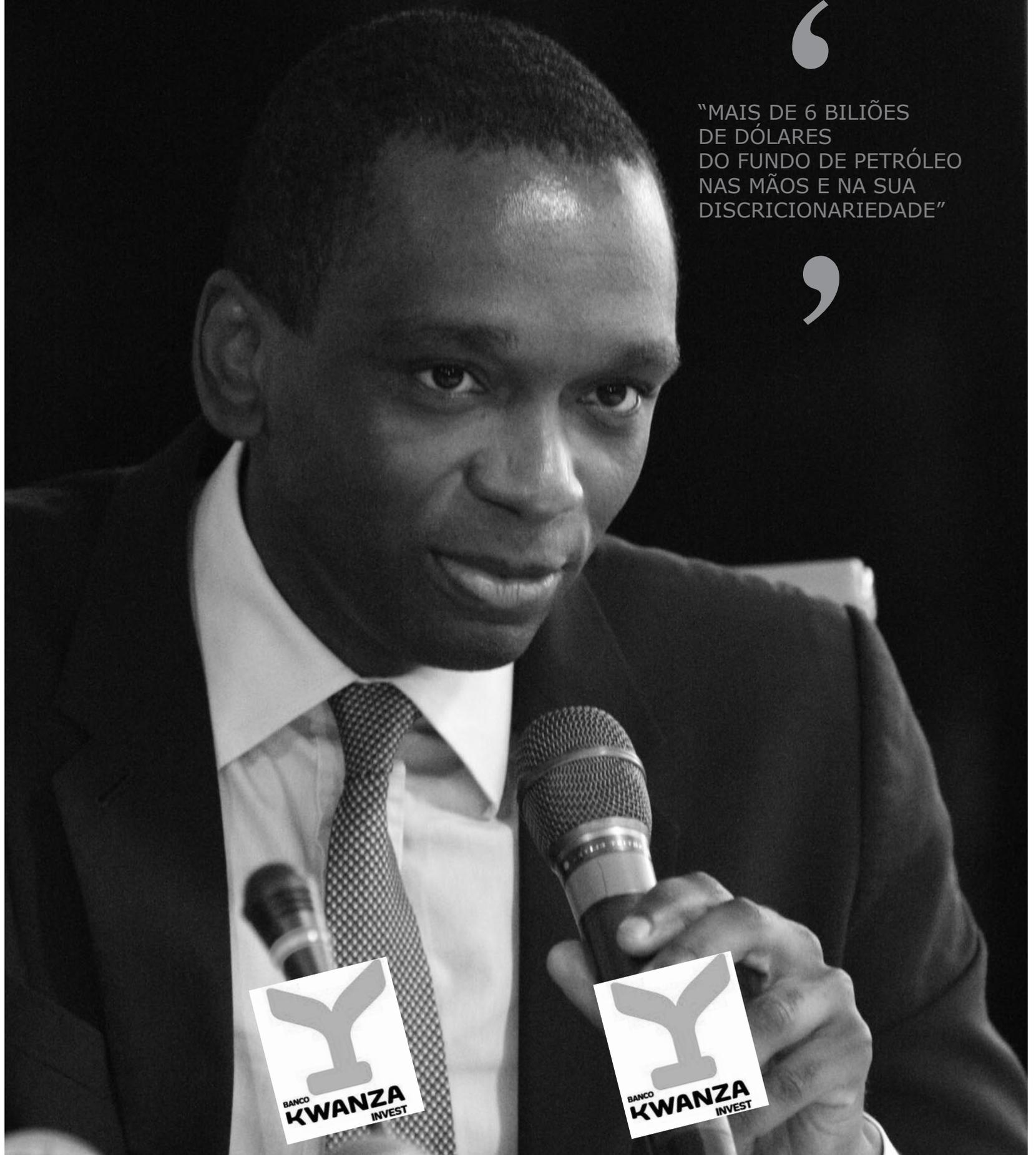
O MENINO QUE BRINCA COM O DINHEIRO DOS ANGOLANOS



“

“MAIS DE 6 BILIÕES
DE DÓLARES
DO FUNDO DE PETRÓLEO
NAS MÃOS E NA SUA
DISCRICIONARIEDADE”

”



RESERVA CAMBIAL DO BNA NAS MÃOS DO BANCO KWANZA

AFINAL SE NÃO É DO PAI É DO FILHO TUDO O QUE DEVERIA SER DE TODOS



do Banco Nacional de Angola (BNA), destinados aos bancos comerciais, passaram – como não poderia deixar de ser – a estar sob a gestão do Banco Kwanza Invest. Tudo em família, portanto. BNA que voltou a aumentar, na última semana, as vendas de divisas à banca comercial, para 500 milhões de dólares, segundo o mais recente boletim da instituição.

De acordo com a informação, relativa às operações “mais relevantes” nos mercados monetário e cambial, no período entre 14 e 18 de Julho o BNA vendeu directamente à banca comercial angolana 500 milhões de dólares, face aos 450 milhões de dólares

da semana anterior.

Estas vendas foram concretizadas à taxa cambial de 97,077 kwanzas por cada dólar, uma nova ligeira quebra face ao mesmo período anterior. Desde o início do mês, em três semanas, as vendas directas do BNA aos bancos comerciais já atingiram os 1.450 milhões de dólares. Enquanto isso, os bancos comerciais angolanos, que têm enfrentado dificuldades em responder aos pedidos dos clientes para levantamentos em dólares, já compraram divisas (dólares) no valor de 645,8 milhões de dólares na primeira quinzena de Julho, ainda segundo dados do BNA.

O banco central, neste último boletim, não avança, contudo, dados sobre as

compras directas dos bancos aos clientes no período entre 14 e 18 de Julho de 2014.

Entretanto, como o primeiro banco de investimento no país, o Banco Kwanza Invest dedica-se, estatutariamente, a apoiar o desenvolvimento económico do país na perspectiva de Angola, devendo por isso criar novas oportunidades a todos os seus clientes.

Do ponto de vista oficial, apenas desse, o Banco Kwanza Invest deve actuar de acordo com as melhores práticas nacionais e internacionais em termos de Governança Corporativa, baseando-se em padrões reconhecidos internacionalmente. Mas não é isso que acontece.

O Banco Kwanza Invest, um banco de investimento de capitais angolanos, com sede em Luanda,

foi - como não poderia deixar de ser neste regime feudal - fundado em 2008 por José Filomeno (“Zénu”) dos Santos, um dos filhos do Presidente. Numa inequívoca demonstração de que as regras monarca-ditatoriais aí estão para durar, os fundos da reserva cambial

BNA É COUTADA PRESIDENCIAL?



O Banco Kwanza Invest, como todas as instituições económicas e financeiras do país, é a clara demonstração da força do poder absoluto do presidente que, graças a uma elevadíssima e cara operação de lavagem de imagem é “vendido” como pacificador, mas cujas políticas estão a aumentar o ódio, face à política de discriminação e exclusão.

Importa, também neste contexto, recordar que José Filomeno (“Zénu”) dos Santos, também Presidente do Conselho de Administração do Fundo Soberano de Angola (FS-DEA) não se cansa, com a devida e subtil cobertura do pai, de violar a Lei da Probidade Pública ao exercer cargos de topo (nem outros seriam admitidos pelo regime) em empresas privadas, nas quais tem

todo e mais algum poder de decisão, mesmo que o faça por debaixo da mesa. Estiveram, estão ou deixaram de estar embora continuando a estar, nesse espectro a Cafisa, Construção Civil e Obras Públicas (Jesus Martins, Jean-Claude Bastos de Moraes, Gilberto de Jesus Cabral Pires e Zénu dos Santos); Benfin SA, construção civil, exportação e importação (Mirco de Jesus Martins - filho de Manuel Vicente -, Jean-Claude Bastos de Moraes, e Zénu dos Santos); Benguela Development SA (Mirco de Jesus Martins, Jean-Claude Bastos de Moraes, e Zénu dos Santos); Sociedade de Urbanização da Graça (Mirco de Jesus Martins, Jean-Claude Bastos de Moraes, e Zénu dos Santos); Staze (Mirco de Jesus Martins, Jean-Claude Bastos de Moraes, e Zénu

dos Santos).

No dia 26 de Junho do ano passado, o Fundo Soberano de Angola anunciou em comunicado que José Filomeno dos Santos, vendera todas as suas participações accionistas no Banco Kwanza Invest. Era verdade. Num processo que retrata de forma inequívoca a transparência o regime, tinha-as transferido para o seu amigo e sócio Jean-Claude Bastos de Moraes com quem, aliás, fundara o Banco Kwanza, em 2008.

Mas há mais. Quando se analisa a estratégia do regime há sempre mais qualquer coisa. E nunca se consegue chegar ao fundo, tal é a blindagem e a repressão sobre quem tenta lá chegar. José Eduardo dos Santos, segundo indícios vários, terá colocado sob alçada indirecta de José Filomeno dos Santos o Fundo

Activo de Capital de Risco Angolano (FACRA), instrumento supostamente criado para apoiar as micro, pequenas e médias empresas do país.

O FACRA foi criado em 2012 por José Eduardo dos Santos ao abrigo do Decreto Presidencial 108/12 de 7 de Junho, tendo a gestão sido entregue à Sociedade Kwanza Gestão de Participações, o braço empresarial de “Zenu”, cujo PCA era Alberto Mendes, um jovem do regime e camarada da JMPLA, filho do antigo do governador do Bengo, Isalino Mendes.

Ora, com toda a transparência que é, aliás, o ADN do regime, para ter acesso ao Fundo Activo de Capital de Risco Angolano era obrigatório, em termos práticos, passar por uma instituição bancária. E qual era essa instituição? Ob-



viamente o Banco Kwanza. O próprio FACRA assume que para dele se ser beneficiário é preciso uma “ficha de abertura de conta junto do Banco Kwanza Investimento, devidamente preenchida e previamente aceite pelo serviço respectivo”.

Antes, no dia 11 de Agosto de 2012, o ministro da Economia, Abraão Gourgel, e o Banco Kwanza formalizaram o arranque do FACRA, assumindo que este se destinava a financiar o programa “Angola Investe”, avançando o ministro que em 2022 o seu impacto positivo resultaria num crescimento de mais de USD10 bilhões no Produto Interno Bruto e na criação de mais de 500 mil novos empregos. O FACRA diz ser um dos maiores fundos de capital de risco presentes em África. →

FITCH DIZ “MÁ GOVERNAÇÃO”

A agência de notação financeira Fitch diz que o crédito angolano não deverá ser afectado e que nem o sector bancário está em perigo, mas acrescenta que a má governação é obstáculo ao desenvolvimento do país.

O escândalo do crédito mal parado do Banco Espírito Santo Angola (BESA) levanta questões sobre a governação em Angola que dificultam também o desenvolvimento do país, afirma a conceituada agência de notação financeira Fitch.

O Governo teve que intervir com uma garantia de 5,7 mil milhões de dólares para impedir a falência do BESA devido à concessão de créditos que não foram pagos, os mais avultados concedidos (oferecidos) a altos dignitários do regime. A Fitch fez notar que essa garantia, mesmo que seja usada na sua totalidade, não deverá afectar a qualidade do crédito angolano.

A garantia, entretanto, poderá servir para diminuir a protecção dada pelas reservas líquidas e “levanta questões mais abrangentes sobre a governação, particularmente no sector bancário”.



A Fitch afirmou que a garantia do Estado estende-se a todos os credores e que isso servirá para restaurar a confiança no banco. Avisou ainda que em caso de necessidade e se a garantia não for cumprida, a credibilidade da dívida soberana de Angola poderá ser minada.

A Fitch adiantou que os problemas no BESA não devem ser “sintomáticos de problemas extremos através do sector bancário”, mas reflecte o fraco controlo do crédito e más decisões de empréstimos pela administração do banco que, entretanto, já foi substituída.

A agência continua ainda a dizer que, apesar de medidas recentemente tomadas, a capacidade do banco central de monitorizar as actividades dos bancos no país permanece fraca, dificultada por negócios que envolvem o partido no poder, a presença de companhias estatais no sector dominante do petróleo e o que chama de “ligações estreitas entre influentes figuras políticas através dos vários sectores económicos”.

“A fraca governação permanece como sendo o grande impedimento para se resolver os desafios ao desenvolvimento de Angola”, diz a nota da agência Fitch.

LISBOA NÃO (SOBRE)VIVE SEM LUANDA



O vice-primeiro-ministro de Portugal, Paulo Portas, afirmou em Luanda que Portugal mantém com Angola a mais “intensa” relação, admitindo que o mercado angolano, pela aposta das empresas portuguesas, ajudou o país a ultrapassar as dificuldades económicas. “As relações económicas entre Angola e Portugal são fortíssimas, eu diria mesmo que não há nenhum outro país no mundo com quem Portugal tenha uma relação tão intensa como com Angola”, afirmou Paulo Portas à chegada para a sua quarta visita à Feira Internacional (FILDA) de Luanda.

No certame estão representadas mais de 100 empresas de Portugal, entre mil expositores provenientes de 39 países, sendo o contingente português o

mais representativo de sempre e de maior expressão.

O vice-primeiro-ministro destacou, a propósito desta feira, que o volume das trocas comerciais entre os dois países, em ambos os sentidos, atingiram em 2013 “a melhor marca de sempre” e já ultrapassam os 7.500 milhões de euros anuais.

Tendência que, ainda segundo Paulo Portas, se repete em 2014, com as exportações entre os dois países novamente a crescer. Além disso, recordou, Angola é hoje “o primeiro cliente de Portugal fora da Europa”, com 8.800 empresas portuguesas a actuarem no mercado angolano.

Paulo Portas enfatizou que Portugal, à excepção do sector petrolífero, é “o maior investidor estrangeiro em Angola”, participando “activamente no desenvolvimento da so-

cidade e da economia” angolanas e “criando oportunidades para todos”. No sentido contrário, admitiu também, há “investimentos importantes” angolanos em Portugal.

“O que significa que, com uma abordagem que respeita a soberania dos dois Estados e é pragmática para obter ganhos para ambos em termos empresariais e económicos, a relação entre Portugal e Angola é única e que só pode crescer”, enfatizou Paulo Portas.

Questionado sobre a importância que o mercado angolano representou para as empresas portuguesas afectadas pela crise financeira interna e pelas dificuldades em alguns destinos de exportação dentro da União Europeia, o vice-primeiro-ministro admitiu que África, e em especial Angola, representou uma alternativa decisiva.

“As empresas portuguesas partiram, navegaram, foram para economias emergentes. África é um dos continentes de maior potencial económico, Angola é uma potência africana. Estão aqui quase 9.000 empresas portuguesas a trabalharem este mercado, imaginem quantos postos de trabalhos são defendidos pelo facto de conseguirmos aqui exportar o que exportámos, investir o que investimos”, concluiu. Ainda não há muito tempo, era então ministro dos Negócios Estrangeiros deste mesmo Governo, Paulo Portas afirmou que Portugal considerava que o fenómeno das “Primaveras Árabes” foi provocado pela asfixia da liberdade e pela falência de regimes autoritários.

Traduzindo as afirmações de Paulo Portas, que têm obviamente leituras diferentes consoante os protagonistas, fica a saber-se que em Angola, embora o regime autoritário de Eduardo dos Santos esteja socialmente falido e a liberdade já nem respire, tudo é diferente.

Embora José Eduardo dos Santos esteja no poder desde 1979, sem nunca ter sido nominalmente eleito, ainda está no galarim dos bestiais e por isso merece toda a confiança, apoio, solidariedade e outras mordomias. Quando passar a besta, então sim, Paulo Portas vai dizer que o regime angolano asfixiava a liberdade.

De facto a liberdade já não respira e o regime angolano é autoritário, para além de desonesto. A liberdade só existe para pensar o que o regime quer, e o regime mostra todo o seu autoritarismo e desonestidade ao querer que os seus súbditos sejam carne para canhão.

“Muitos destes países (árabes) pedem muita informação a Portugal e solicitam muitos constitucionais, muitos políticos experientes no nosso país, para lhes poderem dizer o que é que aconteceu há cerca de quatro décadas em Portugal e como é que

se fez a transição de uma Constituição para outra, de um regime para outro. Nós nessa altura tivemos seis

governos provisórios até chegarmos à normalidade constitucional”, disse Paulo Portas quando visitou a Tunísia.

Para Paulo Portas, repita-se, foram a falta de soluções, a ausência de liberdade e o poder prolongado de regimes autoritários as causas das mudanças nos países do Norte de África. Quando disse isto estaria a pensar no seu grande, embora recente, amigo José Eduardo dos Santos?

Seja como for, o governo português continua desesperadamente à espera da OPA (Oferta Pública de Aquisição) do MPLA sobre Portugal. Que importa que Angola seja de facto, que não formalmente, uma ditadura? Sim, o que é que isso importa tanto para o governo português supostamente social-democrata, para um vice-primeiro-ministro democrata-cristão ou para um presidente da República que é um misto de nada com coisa nenhuma?

A única coisa que conta é o petróleo, que é um bem



muito – mas muito – superior aos direitos humanos, à democracia, à liberdade, à cidadania. Reconheça-se, contudo, que a hipocrisia não é uma característica específica de Portugal, se bem que tenha nele alguns dos seus mais latos expoentes.

E como Angola tem petró-

leo, ninguém se atreve a perguntar a Paulo Portas se acha que Angola respeita os direitos humanos. Além disso, como não poderia deixar de ser, ele não vê o que se passa mas amplia o que gostava que se passasse. Vai daí não se cansa (embora sem a mesma efusividade de José Sócrates)

de enaltecer os méritos do regime angolano.

É claro que em Angola, tal como nos restantes países da Lusofonia, existem muitos seres humanos que continuam a ser gerados com fome e morrem, pouco depois, com fome. Mas, é claro, morrem em português... o que significa um êxito também para Portugal.

Paulo Portas, tal como Cavaco Silva, Passos Coelho e José Sócrates, tem razão. O importante é mesmo os famintos e miseráveis da Lusofonia saberem dizer, em bom português, “não conseguimos viver sem comer”. Continuarão, como até aqui, sem comida, sem medicamentos, sem aulas, sem casas, mas as organizações internacionais vão perceber o que eles dizem. Recordam-se que, no dia 6 de Maio de 2008, o músico e activista Bob Geldof afirmou, em Lisboa, que Angola era um país “gerido por criminosos”? Ele disse, mas nem Cavaco, nem Sócrates, nem Passos Coelho, nem Paulo Portas ouviram. E não ouviram porque as verdades são duras e Eduardo dos Santos, não iria gostar que eles dissessem que ouviram.

PORTUGAL E ANGOLA COOPERAM NO BRANQUEAMENTO DO BESA

O vice-primeiro-ministro português, Paulo Portas, veio cá dizer que os bancos centrais de Angola e de Portugal estão a trabalhar em conjunto na situação no Grupo Espírito Santo e ramificações nos bancos do grupo nos dois países. Em estudo estará, previsivelmente, a dose de sabão a usar para um melhor branqueamento.

A posição do governo português foi transmitida aos jornalistas após uma audiência de quase uma hora entre Paulo Portas e o Presidente da República, José Eduardo dos Santos, no âmbito da visita do vice-primeiro-ministro português.

“Eu serei naturalmente discreto sobre essa matéria, mas sempre poderei adiantar que os reguladores de Angola e de Portugal têm trabalhado conjuntamente e eu confio nas medidas de estabilização que saberão encontrar”, afirmou Paulo Portas.

O Banco Espírito Santo detém 55,71

por cento do BES Angola, instituição bancária que segundo o próprio regulador angolano apresenta problemas na carteira de crédito. Forma simpática e já branqueada de referir as vigarices protagonizadas por altos dignitários do regime, tal como o Folha 8 revelou na edição passada

Embora sem adiantar o teor da conversa com José Eduardo dos Santos ou a solução técnica para o caso, Paulo disse apenas entender que a articulação em curso é um “sinal com confiança”.

Há pouco mais de uma semana o Governador do Banco Nacional de Angola (BNA) admitiu existir um “problema” na carteira de crédito do BESA, perspectivando a necessidade de um reforço de capitais. “Há um problema nesta altura identificado com a qualidade da carteira de crédito do Banco Espírito Santo [Angola]. Temos operações em situação irregular, operações de crédito malpara-

do”, disse José de Lima Massano.

O Governador foi questionado pelos deputados da Oposição sobre os relatos de um volume de crédito malparado naquele banco que poderia atingir os 5,7 milhões de dólares e que terá sido alvo de cobertura parcial por uma garantia soberana do Estado angolano.

O Governador do BNA explicou que a instituição está a ultimar a conclusão de uma avaliação à situação daquele banco, mas admitiu um cenário de “reforço dos capitais por parte dessa instituição”, entre outras “recomendações” do regulador angolano para “mitigar as irregularidades e inconformidades detectadas” no BESA.

“Não está em causa nem a garantia dos depósitos constituídos junto do BESA nem as responsabilidades que esse banco tem perante terceiros. E muito menos a estabilidade do nosso sistema financeiro”, disse José de Lima Massano.

EXCLUSIVO
SAIBA MAIS SOBRE
O REGABOFE NO BES+A



DDT DOS NEGÓCIOS LUSO-ANGOLANOS ESTÃO A PASSAR DE BESTIAIS A BESTAS

Ricardo Salgado, ex-presidente executivo do Banco Espírito Santo e velho amigo do presidente José Eduardo dos Santos, caiu em desgraça. Foi detido no dia 24 de Julho para ser ouvido no Tribunal Central de Instrução Criminal, em Lisboa, no âmbito da Operação Monte Branco, que investiga a maior rede de branqueamento de capitais alguma vez detectada em Portugal e cujas ramificações também passam por Luanda. Tal como por cá acontece com Eduardo dos Santos, em Portugal Ricardo Salgado também era conhecido como DDT. Historicamente o DDT (sigla de diclorodifeniltricloroetano) foi o primeiro pesticida moderno, tendo sido largamente usado após a Segunda Guerra Mundial para o combate aos mosquitos vectores da malária e do tifo. No entanto, no caso BES(A) e sucedâneos quer apenas dizer “Donos

Disto Tudo”. A operação de detenção (do DDT do BES, esclareça-se, não vá julgar-se que algo de semelhante seria possível por cá) foi desencadeada pelo Ministério Público e surgiu no seguimento de buscas efectuadas na véspera a várias entidades do Grupo Espírito Santo. No 23.07, o Ministério Público (de Portugal, nada de confusões) fez buscas à sede do Grupo e visitou sociedades ligadas à família e empresas com relações comerciais com o GES. Nos EUA, supervisores financeiros norte-americanos voltaram ao BES Miami. Esta acção decorreu horas depois de o Tribunal do Comércio do Luxemburgo ter aprovado o pedido de gestão controlada apresentado pela ESI (Espírito Santo International), que se declarou sem condições para pagar a dívida. Já em Julho, o departamento da Florida do Federal Deposit Insurance Corporation tinha estado no ES Bank Miami. As autorida-

des terão voltado a Miami para investigar operações com as subsidiárias do ES do Panamá e da Venezuela. Além das subsidiárias em Miami (e três sucursais em Nova Iorque, Nassau-Bahamas e Ilhas Caimão) e no Panamá, o GES tem ainda um banco na Venezuela com actividade comercial com Miami e que também estará a ser vigiado pelas autoridades dos EUA. Há uma semana a Procuradoria-Geral da República (PGR) tinha assumido no Jornal de Negócios estar a investigar o Grupo Espírito Santo, sublinhando que os inquéritos já estavam em curso há várias semanas. “Existem inquéritos em curso relacionados com esta matéria e que são até anteriores às notícias das últimas semanas”, afirmou a PGR. Entretanto, em Maio, o Ministério Público já tinha anunciado a intenção de investigar o Grupo Espírito Santo depois de descobertas irregularidades na Espírito Santo International, sediada no Luxemburgo. Vejamos então a famosa “Operação Monte Branco”

que envolve montantes de fuga ao fisco calculados, eventualmente por defeito, entre 800 e 1000 milhões de euros. O esquema de fraude fiscal e lavagem de dinheiro sob investigação durou entre 2006 e 2012 e era liderado por Michel Canals, presidente da Akoya Asset Management e antigo quadro do banco suíço UBS, responsável pela gestão de fortunas acima de 30 milhões de euros. Foi no fim de 2005 que o Ministério Público arrancou com outra investigação, de seu nome “Operação Furacão”, iniciando buscas no BES, BCP, Finibanco e BPN. Percebeu-se depois que a visita da polícia e dos magistrados não era propriamente uma surpresa para os alvos das buscas: por exemplo, Oliveira e Costa obrigou alguns funcionários do BPN a passarem todo o fim-de-semana a empacotar documentos do Banco Insular para ficarem a salvo das buscas. Alguns foram encontrados anos mais tarde numa fábrica desactivada na Vila das Aves e

outros terão seguido num contentor para Cabo Verde. O Ministério Público abriu um inquérito à fuga de informação, arquivou-o em 2007 e hoje toda a gente admite que se não tivesse acontecido a fuga de informação, o escândalo BPN teria rebentado dois anos mais cedo, evitando-se parte do prejuízo. O esquema de fraude fiscal era proposto a centenas de empresários pelos bancos, que criavam e controlavam empresas sedeadas em paraísos fiscais, que por sua vez emitiam facturas por transacções fictícias, permitindo às empresas escapar ao fisco e cobrando comissões entre 6% e 12% do valor da fraude. O relatório anual de 2011 da Procuradoria-Geral da República apontava para 460 arguidos, entre pessoas e empresas, com a perspectiva de o Estado poder vir a arrecadar 185 milhões de euros em impostos não pagos, em troca do perdão dos crimes fiscais de empresários e banqueiros.

Na altura, estavam em curso 11 investigações e 74 inquéritos já tinham sido concluídos e suspensos contra o pagamento da dívida, envolvendo 126 pessoas e 91 empresas. Entre as empresas beneficiárias da fraude estão alguns dos maiores grupos empresariais portugueses, como o grupo Amorim, Mota-Engil, Soares da Costa, Porto Editora, Visabeira, Estoril Sol, Media Capital, entre muitas outras que continuam longe do olhar do resto dos contribuintes que cumprem as suas obrigações.

Outro aspecto importante deste processo é que já estavam prescritos boa parte dos crimes fiscais descobertos pela polícia e magistrados nas buscas efectuadas aos bancos e empresas em 2005. O roubo aos contribuintes só entre 1998 e 2001 foi avaliado pelo Ministério Público em mais de 200 milhões de euros, mas a banca e as empresas envolvidas no esquema fraudulento não tiveram de devolver um tostão pela sua prática criminosa.

Reduzida a mera operação de recuperação de imposto não pago, a investigação da “Operação Furacão” foi perdendo fôlego e meios. Em 2010, Maria José Morgado, coordenadora das investigações, justificava os atrasos nas investigações com a falta de meios e de preparação do Ministério público para lidar

ção fiscal têm trabalhado muito mas são poucos” e no caso dos trabalhadores do fisco, “estão sobrecarregados com a dimensão dos processos em que colaboram com o Ministério Público”.

Mostrando-se sensibilizado com a situação dos homens e mulheres que investigam os crimes fiscais dos grupos finan-

ros. Desta vez, o esquema de fraude fiscal e lavagem de dinheiro sob investigação durou entre 2006 e 2012 e era liderado por Michel Canals, presidente da Akoya Asset Management e antigo quadro do banco suíço UBS, responsável pela gestão de fortunas acima de 30 milhões de euros. Para além de Canals, os primeiros detidos

gações do “Monte Branco” à do Estoril Sol Residence, o empreendimento imobiliário de luxo que é um condomínio da elite político-financeira do regime de Eduardo dos Santos.

O percurso da Akoya e do capital angolano cruzou-se com a presença de Ana Bruno, advogada que representa dezenas de offshores na adminis-

vam algumas das maiores fortunas do país, como a do presidente do BES, Ricardo Salgado, também ouvido na investigação, Oliveira e Costa, o banqueiro do BPN acusado de vários crimes, ou Duarte Lima. O ex-deputado do PSD terá ajudado a polícia com informações sobre a rede.

Segundo a revista Visão, a relação de Lima com Canals vem de há muitas décadas, tendo ambos gerido parte da fortuna do milionário Tomé Feteira em disputa pelos herdeiros. Terá sido através do telemóvel de Duarte Lima registado na Suíça, usado para contactar a rede de forma segura, que o ex-deputado fez a chamada que a polícia brasileira juntou como prova para o incriminar pelo assassinato de Rosalina Ribeiro, a secretária do milionário que era co-titular das suas contas na Suíça.

Alguns dos clientes da rede usavam os serviços de Francisco Canas, dono de uma loja de medalhas que já fora agência de câmbios na baixa lisboeta, que transferia o dinheiro que lhe entregavam em malas para uma conta em seu nome do BPN IFI, de Cabo Verde, voltando a circular para contas no BPN em Portugal ou para outros bancos no estrangeiro. Francisco Canas, também conhecido por “Zé das Medalhas”, cobrava 1% do dinheiro que branqueava. Quando foi detido, estava a levantar 450 mil euros em notas numa agência do BIC (ex-BPN) para entregar a Canals, que o distribuiria pelos seus clientes na sua visita ao Porto.



com a complexidade da criminalidade económica. Também o relatório anual da PGR se queixa da falta de recursos humanos para este processo e o do BPN, por exemplo, chegando a compará-los com os meios dedicados à investigação de crimes semelhantes na Europa. Declarações que confirmam o que toda a gente sabe: em Portugal, os bancos continuam a andar sempre um passo à frente da Justiça.

O fraco resultado da operação foi apontado até pelo advogado de vários arguidos dos inquéritos desta mega-fraude fiscal. António Lobo Xavier, que entretanto foi nomeado pelo Governo para chefiar a comissão que vai reformar o imposto pago pela banca e pelas empresas, afirmava em 2011 que “os procuradores e os funcionários da administra-

ceiros e económicos que representa, Lobo Xavier disse mesmo que “até faz impressão as condições em que têm de trabalhar” os procuradores e os inspectores tributários. Palavras que dizem quase tudo quanto ao falhanço de mais um mega-processo anunciado como de combate à criminalidade financeira, mas que não amedrontou nenhum banqueiro e apenas serviu para cobrar impostos não pagos.

A prática de branqueamento de capitais e fuga ao fisco continuou depois da “Operação Furacão” e alguns dos arguidos que viram os seus processos suspensos voltaram a ser apanhados, em 2012, na “Operação Monte Branco”, que envolve montantes de fuga ao fisco ainda maiores que os detectados em 2005, calculados entre 800 e 1000 milhões de eu-

ros. em Maio de 2012 foram os seus sócios na Akoya, Nicolas Figueiredo e José Pinto, também ex-UBS, onde foram responsáveis pelos clientes portugueses e brasileiros. Outro arguido é Ricardo Arcos, ex-quadro da UBS em Lisboa e dono da ArcoFinance, empresa semelhante à Akoya.

Em Dezembro do ano passado, o gestor angolano Álvaro Sobrinho, presidente do BES Angola, revelou ser accionista da Akoya, através de uma sociedade chamada Colville. Sobrinho também assumiu deter a propriedade, em parceria com outros quatro familiares, da offshore Pineview Overseas, dona da, que era na altura candidata à privatização da RTP, o que motivou o comunicado de Sobrinho. As ligações da Akoya ao universo financeiro angolano fizeram cruzar as investi-

‘
Infelizmente gente desta estirpe (traficantes, corruptos, ditadores e larápios) consegue sempre amizade no círculo presidencial

tração de várias empresas. Foi a Ana Bruno que Michel Canals fez o telefonema a que teve direito quando foi detido no Porto com os seus sócios, na véspera do torneio de golfe que patrocinava no selecto Oporto Golf Club, em Espinho, onde estavam inscritos empresários de sucesso e ex-governantes de Cavaco Silva.

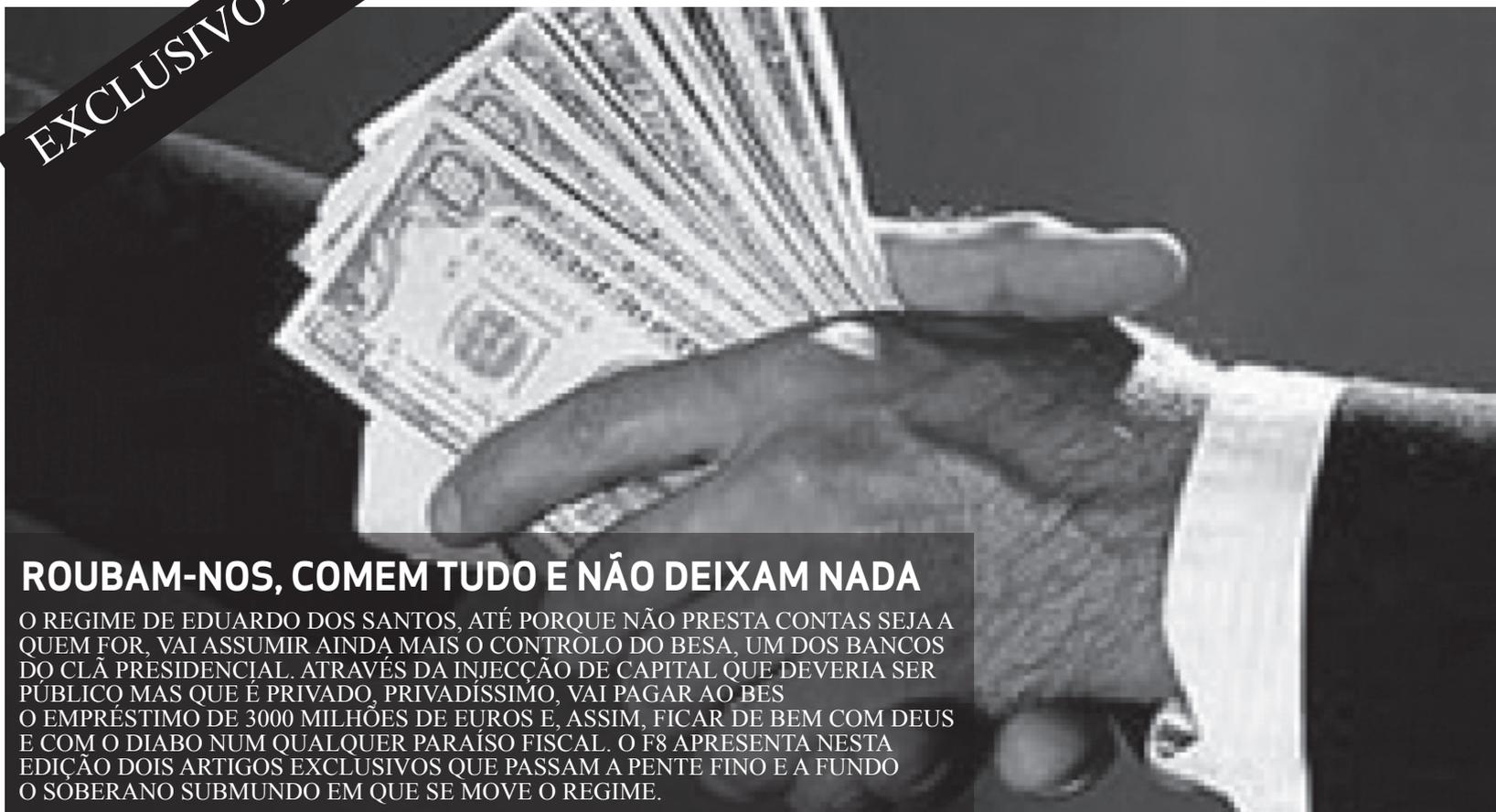
Logo a seguir às primeiras buscas e detenções, a imprensa divulgou que entre os clientes da Akoya esta-

ERRATA

FERREIRA PINTO NÃO RECEBEU MILHÕES DO BESA

F8 na sua edição passada colocou Ferreira Pinto como um dos abençoados com 10 milhões de dólares, obtidos por empréstimo no Banco Espírito Santo Angola (BESA); assim, uma fonte ligada ao processo informou ser inverdade, pois o mesmo, para além de nunca ter sido cliente daquela instituição bancária, jamais recorreu a um financiamento, desta forma penitenciamos-nos por tamanha falha.

EXCLUSIVO FOLHA 8



ROUBAM-NOS, COMEM TUDO E NÃO DEIXAM NADA

O REGIME DE EDUARDO DOS SANTOS, ATÉ PORQUE NÃO PRESTA CONTAS SEJA A QUEM FOR, VAI ASSUMIR AINDA MAIS O CONTROLO DO BESA, UM DOS BANCOS DO CLã PRESIDENCIAL. ATRAVÉS DA INJEÇÃO DE CAPITAL QUE DEVERIA SER PÚBLICO MAS QUE É PRIVADO, PRIVADÍSSIMO, VAI PAGAR AO BES O EMPRÉSTIMO DE 3000 MILHÕES DE EUROS E, ASSIM, FICAR DE BEM COM DEUS E COM O DIABO NUM QUALQUER PARAÍSO FISCAL. O F8 APRESENTA NESTA EDIÇÃO DOIS ARTIGOS EXCLUSIVOS QUE PASSAM A PENTE FINO E A FUNDO O SÓBERANO SUBMUNDO EM QUE SE MOVE O REGIME.

O BES, O BESA E O ESPÍRITO SANTO NACIONAL

POR: EUGÉNIO COSTA ALMEIDA (*)

Nas terras da antiga cabeça do império, Portugal, explodiu mais um maremoto nas actuais e alterosas ondas financeiras. Depois do BPN e do BPP, agora – em menor escala, deseja-se, – o BES (são só siglas...).

Na mais ancestral família financeira lusa, o Grupo Espírito Santo – remonta ao limiar dos anos 1870's o seu nascimento –, desponha o espectro do malogro ou da insolvência.

Se o problema pudesse ser resolvido nas fraldas do pequeno rectângulo implantado ao sudoeste da Europa tudo poderia ser mais fácil. No entanto, esta crise tem contornos que ultrapassam, e muito, a pequenez do país da esfera armilar.

O Grupo Espírito Santo que, desde o início, foi sempre uma família finan-

ceira próxima do poder (fosse ele qual fosse), tem ramificações – leiam-se, sedes – e braços financeiros (Espírito Santo Financial Group) e não-financeiros (Rioforte) em vários países, sejam na Europa (Luxemburgo ou Suíça), como nos EUA (Miami) ou no Panamá, seja no Brasil ou (energias) em Angola (BESA – onde o BES ainda é detentor da maioria do capital, com 51,94%).

E é no caso de Angola que o problema está a ser mais visível; isto se tivermos em conta os recentes desenvolvimentos jurídicos deste affaire, que terá sido devido a uma das operações do Grupo em Angola – a transacção financeira da ESCOM (Espírito Santo Commerce) para a Sonangol – que terá levantado eventuais suspeitas em diversas autoridades reguladoras.

Esta hipotética transacção acabou também por ter

efeitos no BESA – Banco Espírito Santo Angola, subsidiária do Banco Espírito Santo – pela existência de uma enorme linha de crédito que uma anterior administração terá dado a “amigos e similares”; segundo o portal Maka Angola esses créditos serão no valor de 6,5 mil milhões US dólares a que se acrescentem cerca de US\$ 1,5 mil milhões que se reflectem nas contas do português BES; tudo correspondendo a cerca de 80% do crédito do BESA!!!

Um dos principais beneficiários dos créditos do BESA é o seu antigo presidente da comissão executiva, Álvaro Sobrinho – que também detém 1,3% do BESA –, que, por mero acaso, está muito próximo não só do bureau político do MPLA como, ainda e principalmente, da Cidade Alta.

Talvez por isso tudo o que se passa no BESA está a ser

tratado pelas autoridades financeiras nacionais com pinças de ouro e no maior silêncio dos corredores do Poder. Ou não fossem alguns dos detentores do capital do BESA personalidades muito próximas daquele e de certos corredores políticos que ciciam ao espírito santo nacional... O mesmo Poder que deu – espante-se – uma garantia financeira (leia-se, uma Carta-conforto) de cerca de 5 mil milhões de US\$, por um período de 18 meses (qualquer coisa como 4133 milhões de euros).

Em princípio essa garantia irá ser transformada em activos de capitais no BESA passando o BES a ser detentor da minoria do capital e o restante para investidores angolanos.

Até aqui, nada demais; são meras transacções financeiras. Serão?

É estranho que seja a Cidade Alta – e no caso concreto, a presidência da

república – a dar aquela garantia financeira e não o Banco Nacional de Angola entidade supervisora dos bancos nacionais angolanos ou o Ministério das Finanças, como inicialmente estava previsto, por via do Plano Nacional de Desenvolvimento de Médio Prazo para 2013 até 2017; ou, em alternativa, alguns dos braços financeiros do Governo, como já anteriormente aconteceu, através, por exemplo do petróleo, via Sonangol.

Salvo, se o petróleo nacional já estiver todo hipotecado às operações financeiras e industriais chinesas que nos têm oferecido algumas contrapartidas pouco aceitáveis e de qualidade duvidosa, mas... Ou, talvez, tudo o que o que se passa em torno deste maremoto luso-angolano não seja mais que um sussurro santificável ao espírito santo...

(*) Investigador e Blogger (<http://pululublogspot.com>)

EXCLUSIVO FOLHA 8

UM DESFALQUE (SEM FUNDO) SOBERANO

POR JORGE COSTA (*)

NO caso BESA está a chegar ao seu momento Banco Português de Negócios. Como no precedente português, as notas correram sempre na mesma direcção: o círculo do poder. Até ao ponto em que o banco deixou de ser banco e passou a ser um buraco para alguém tapar. No caso do BPN, a pesada tarefa coube aos contribuintes portugueses. No caso do BESA, é também dos cofres públicos de Angola que sairá o dinheiro do resgate.

Chegou ao limite a estratégia de encobrimento mútuo montada entre o grupo português Espírito Santo - o dono do banco até há pouco dias - e o poder de Luanda. Durante anos, a administração de Álvaro Sobrinho execu-

tou uma operação de dimensões impressionantes, mesmo à luz do chamado "processo de acumulação primitiva" em Angola. Milhares de milhões de dólares atravessaram os balcões do BESA em malas, carros e camiões a favor de gente poderosa do país. Só a favor do vice-presidente da Escom, Eugénio Neto, terão saído 1500 milhões, segundo refere o semanário Expresso. Hoje, 70% da carteira de crédito do BESA está "em risco de incumprimento". Em Dezembro passado, uma garantia assinada pelo presidente José Eduardo dos Santos deixou às costas do povo angolano a recapitalização do banco. O valor assegurado pelo Estado - 5,7 mil milhões de dólares, 5% do PIB - é superior ao que constituiu o Fundo Soberano de Angola, entregue à gestão pessoal do filho

do presidente, José Filomeno dos Santos, "Zenu". Ricardo Salgado, presidente deposto do BES português, terá confiado sempre na cobertura do poder de Luanda, deixando para trás, nas contas do BES, um crédito ao BESA no valor de 3 mil milhões. Esta familiaridade levou-o a visitar o palácio presidencial por várias vezes desde finais de 2013 até às vésperas da sua queda. Mas a crise do seu grupo era já demasiado extensa para poder ser atalhada pelo recurso à ajuda do aliado angolano e, segundo as notícias publicadas em Portugal, o presidente Dos Santos terá deixado cair o velho parceiro. Nas próximas semanas e meses, assistiremos à reconfiguração da presença em Angola do grupo Espírito Santo. A família esteve presente em diversos ramos na exploração co-



lonial de Angola, antes da independência, e regressou ao país em 1992, com a Escom, estabelecendo-se em quase todas as áreas da economia angolana, dos diamantes à construção, da aviação ao imobiliário. Em 2005, associou-se ao Fundo Internacional da China, que viria a formar a China Sonangol com Manuel Vicente. A venda da Escom à Sonangol (ou ao Fundo Soberano de Angola), pendente há quatro anos, deverá fechar-se em breve, para entrar nas contas da falência do grupo Espírito Santo em Portugal. Em aberto, fica ainda a investigação ao eventual pagamento, pela parte angolana, de um vultuoso sinal que nunca terá entrado nas contas do grupo Espírito Santo, agora falido. Quanto ao BESA, que motivou a recente visita a

Luanda do vice-primeiro-ministro português, Paulo Portas, deixará em breve de ter maioria de capital português, ou até qualquer ligação ao grupo Espírito Santo. Depois de resgatado pelos fundos públicos angolanos, poderá ser integrado numa nova estrutura bancária local.

Se a história continuar a parecer-se com a do BPN português, o círculo do poder irá trabalhando no esquecimento do caso e os culpados ficarão impunes. Estará consumado mais um momento importante do "processo de acumulação primitiva" em Angola: milhares de milhões de euros, que deveriam servir as necessidades da comunidade porque eram do Estado, terão encontrado novos donos.

(*) Jorge Costa é um dos autores do livro "Os Donos

Angolanos de Portugal". facebook.com/DonosDePortugal

SALGADO EM LIBERDADE COM CAUÇÃO DE 3 MILHÕES

O Ricardo Salgado, ex-presidente executivo do Banco Espírito Santo (BES), ficou em liberdade mediante uma caução de 3 milhões de euros após ter sido no 24.07, ouvido na Central de Instrução Criminal (TCIC) em Lisboa.

O banqueiro foi interrogado durante a manhã e a tarde na qualidade de arguido pelo juiz Carlos Alexandre, após ter sido detido no âmbito da "Operação Monte Branco", que investiga a maior rede de branqueamento de capitais em Portugal.

Francisco Proença de Carvalho, advogado de Ricardo Fernandes, disse à saída do TCIC que o seu constituinte "colaborou com a justiça, prestou a sua visão sobre os factos e assim continuará, e agora seguirá para sua casa, normalmente".

No entanto, ainda quanto a gestão do grupo bancário, a Espírito Santo Financial Group (ESFG) apresentou um pedido de gestão controlado aos tribunais do Luxemburgo por "não estar em condições de cumprir as suas obri-

gações" relacionadas com dívidas, informou a empresa.

Num comunicado enviado à Comissão de Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), de Lisboa, a ESFG adianta que o pedido se deve ao facto de "não estar em condições de cumprir as suas obrigações no âmbito do programa do papel comercial, nem as obrigações relacionadas com as suas dívidas".

BDP E CMVM AVANÇAM COM AUDITORIA CONJUNTA SOBRE ACTIVIDADES DO BANCO

O Banco de Portugal e a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) vão avançar com uma auditoria conjunta sobre as actividades desenvolvidas pelo BES e outra entidade do grupo.

"Está prevista uma colaboração entre a CMVM e o Banco de Portugal na definição de uma auditoria a solicitar às actividades desenvolvidas pelo BES [Banco Espírito Santo] e por uma outra entidade do mesmo grupo",

lê-se no documento.

Esta informação consta da resposta por escrito da entidade liderada por Carlos Tavares a um pedido de informações da Comissão de Orçamento, Finanças e Administração Pública (COFAP), na qual o líder da CMVM foi 24.07 ouvido devido à situação no Grupo Espírito Santo (GES), do qual o BES é o principal activo.

Logo no início dos trabalhos, o presidente da CMVM entregou aos deputados dos vários grupos parlamentares alguma documentação, pedindo que a mesma ficasse reservada, dado conter dados sensíveis.

No final da audição de Carlos Tavares, a agência Lusa teve acesso ao documento que revela que está a ser preparada uma auditoria conjunta sobre a actividade do BES, a par de outra instituição do GES, que não está identificada.

Esta matéria não foi tratada verbalmente durante a audição de Carlos Tavares na comissão, até porque a mesma foi pública, e não existem, para já, mais detalhes disponíveis.

NO MUNDO

ANGOLA LIDERA DESPESAS MILITARES

Angola é o país com maiores despesas militares na África subsaariana. Esta é a conclusão de um novo relatório do SIPRI, o Instituto Internacional de Investigação sobre a Paz de Estocolmo. Com a ajuda das receitas do petróleo, o país gasta cada vez mais dinheiro com as Forças Armadas, afirma instituto sueco. Em 2013, Angola aumentou as despesas militares em 36%, em relação ao ano anterior. No ano passado, a factura militar angolana foi de 6,1 mil milhões de dólares. Samuel Perlo-Freeman, um dos autores do relatório, diz que a razão para esta aposta militar não é clara, uma vez que “já não há guerra civil. Há uma pequena rebelião em Cabinda, mas que dificilmente explica estes níveis de despesas militares”. “No entanto”, continua o especialista, “Angola tem muito dinheiro vindo do petróleo e muita corrupção”. Samuel Perlo-Freeman



diz que estes dois factores podem estar relacionados entre si e com o aumento dos gastos militares, “por exemplo, para o uso das despesas militares como um instrumento de patrocínio, dando posições no Exército a certos grupos minoritários. Angola tem também um historial de corrupção na compra de armas, por exemplo o escândalo Angolagate, com a França”. Em África, só a Argélia tem uma factura militar mais elevada do que Angola: 10,4 mil milhões de dólares em

2013, segundo o SIPRI. O instituto sueco diz não ter recebido dados recentes sobre Moçambique, que há um ano é palco de conflitos armados entre antigos guerrilheiros da RENAMO e as forças de segurança. Porém, sabe-se que o país tem adquirido vários equipamentos militares, entre os equipamentos, seis navios de guerra encomendados, no último ano, a uma empresa francesa, através da estatal Empresa Moçambicana de Atum (EMATUM). A revista alemã “Der Spie-

gel” noticiou recentemente que as autoridades alemãs apreenderam três aviões de combate Mig-21, de fabrico soviético, que se destinavam a Moçambique, e uma comissão do Senado brasileiro deu “luz verde” à doação de três aviões de treino militar T-27 Tucano. O Brasil prometeu também ajuda na compra de outras três aeronaves de ataque. Em geral, os gastos militares em África aumentaram 8,3% no ano passado, em relação a 2012, mas a tendência mundial é para que as despesas militares diminuam, segundo o SIPRI. No ano passado, os gastos militares em todo o mundo caíram 1,9%. Foi o segundo ano consecutivo em que as despesas diminuíram, principalmente devido aos cortes do país que mais gasta a nível militar, os Estados Unidos da América. Mas não são só os norte-americanos a poupar. Nos países da NATO da Europa ocidental, as despesas militares também diminuíram face à crise económica – com excepção da Alemanha e da Polónia. Ainda as-

sim, a NATO continua a ser quem paga a maior factura militar, explica Michael Brzoska, do Instituto para Estudos de Paz e Política de Segurança em Hamburgo: “Somando tudo, os números da NATO em conjunto correspondem a dois terços das despesas militares mundiais.” Este desequilíbrio pode explicar os planos da Rússia no sector da defesa: segundo Michael Brzoska, pela primeira vez em 15 anos, a percentagem dos gastos militares no Produto Interno Bruto russo foi superior à dos EUA. “Por aí se vê que a Rússia se está a esforçar para voltar a ser forte militarmente”, considera. Mas, segundo o especialista, o país ainda tem de recuperar terreno, depois de, nos anos 90, a indústria de armas russa ter ficado praticamente arruinada. Samuel Perlo-Freeman, do SIPRI explica que “tanto a Rússia, como a China não estavam contentes com o mundo unipolar, em que os EUA podiam ditar tudo, recorrendo à força militar, se necessário.”

940 MILHÕES DE DÓLARES EM SERVIÇOS MILITARES

Angola vai gastar mais de 940 milhões de dólares em três contratos para aquisição de serviços militares para a Marinha e Exército, segundo um despacho presidencial. De acordo com o conteúdo do despacho presidencial nº 139/14, de 10 de Julho, os contratos inserem-se no “âmbito do programa especial de apetrechamento e potenciação dos sectores



de Defesa e Segurança”. “Existe a necessidade de dotar as Forças Armadas Angolanas de meios para vigiar melhor e monitorar

a Zona Económica Exclusiva de Angola”, complementa o preâmbulo deste despacho assinado por José Eduardo dos Santos

e publicado em Diário da República a 18 de Julho. O despacho aprova um contrato de “vigilância marítima” da Zona Económica Exclusiva de Angola, no valor de 142.718.950 dólares e outro relativo ao “programação de manutenção” da Marinha, por 644.214.550 dólares. Um terceiro contrato, igualmente aprovado pelo mesmo despacho, envolve a aquisição de simuladores para o Exército angolano, por 153.672.305 dólares. De acordo com o conteú-

do deste despacho presidencial, todos os contratos serão celebrados entre as Forças Armadas Angolanas e a empresa G2G Management Limited. Além disso, com este despacho, o Ministro das Finanças é autorizado a “assegurar a disponibilização dos meios financeiros necessários para a implementação dos projectos”, recorrendo ao acordo de financiamento celebrado entre a República de Angola e a Luminar Finance Limited.

ALEMANHA QUER EMBARGO DE ARMAS A QUEM VIOLE OS DIREITOS HUMANOS

O ministro da Economia e vice-chanceler alemão, Sigmar Gabriel, quer travar a exportação de armas para países que não pertençam à União Europeia e à NATO. A vingar esta tese, vender barcos patrulha a Angola já não seria uma opção no futuro, revela a Voz da Alemanha.

A exportação de armamento é um negócio importante no país da chanceler Ângela Merkel, desde logo porque a facturação anual das vendas ao exterior ronda os seis mil milhões de euros. Mesmo assim, Berlim pondera agora proibir qualquer fornecimento de matéria bélica a países que não pertençam à União Europeia (UE) e à Organização do Tratado do Atlântico Norte, NATO.

Em teoria, a venda de armas a países da UE e da NATO impediria que elas acabassem por chegar a países que não cumprem os critérios democráticos

e de respeito dos direitos humanos exigidos pela Alemanha, como é o caso de Angola.

É certo que Angola até nem é dos clientes mais proeminentes da indústria de armamento alemã, sendo de destacar neste âmbito a compra de material para a desminagem. No entanto, recentemente, Luanda manifestara algum interesse em adquirir barcos de patrulha, intenção que foi na altura incentivada pelo próprio Governo de Berlim. O negócio acabou por não se realizar, mas, de futuro, segundo a vontade do ministro Sigmar Gabriel, nem sequer seria uma hipótese.

“Não podemos exportar armas nenhuma para esses países, a não ser que interesses de segurança especiais da Alemanha nos permitam abrir uma excepção”, disse o ministro social-democrata da Economia.

Esta, a concretizar-se, seria uma mudança radical na política de exportação de armamento de Berlim. Em 2013, 60% das vendas ex-

ternas destinaram-se a países fora da Aliança Atlântica e da União Europeia, como a Arábia Saudita, a Argélia e a Indonésia. Isto, apesar da lei alemã proibir a exportação para zonas de crise ou Governos que possam usar as armas para oprimir a população.

Recorde-se em 2011, a proposta da chanceler alemã Ângela Merkel de vender barcos patrulha a Angola suscitou uma forte controvérsia na Alemanha.

Os planos do ministro estão a gerar controvérsia interna, merecendo a forte

oposição da indústria do armamento que, assumidamente, se está nas tintas para o facto de os compradores violarem os direitos humanos. O mesmo se passa com as empresas contíguas que já acenam com o espectro da crise económica.

“Na Alemanha, há entre 80 000 a 100 000 postos de trabalho directamente dependentes desta indústria, entre os quais muitos que exigem profissionais de alta tecnologia muito especializados”, comenta o perito em matéria de armamento, Thomas Wiegold, acrescentando que “não se pode dizer ao certo quantos desses postos de trabalho desapareceriam caso as regras de exportação fossem agravadas.”

O ministro Sigmar Gabriel tem que contar também com a resistência dentro da coligação governamental com a União Cristã-Democrata da chanceler Merkel (CDU) e da União Cristã-Social (CSU), o partido-irmão bávaro.

O ministro-presidente da Baviera e chefe da CSU,

Horst Seehofer, já protestou contra os planos do seu colega no Governo. É na Baviera, de resto, que se encontram algumas das maiores fábricas de armamento na Alemanha.

Sigmar Gabriel não pretende abandonar a indústria à sua sorte. Prova disso é a proposta que fez recentemente de que fossem prestadas ajudas a fabricantes de armamento europeias que tenham de renunciar a fornecimentos por causa de sanções impostas pela política a países terceiros. O ministro não deixou de criticar os parceiros franceses por insistirem em fornecer armamento à Rússia, apesar das sanções em vigor por causa da acção de Moscovo no conflito na Ucrânia.

A exportação de armamento não pode ser um instrumento da política económica. Deve ser um instrumento da política externa e de segurança. E se não tivermos muito cuidado, depressa se transforma num negócio com a morte”, afirmou o ministro social-democrata.



FORTALEZA BFA SEGURA DESEMPENHO DO BPI

O Banco de Fomento Angola (BFA), controlado pelo português BPI, viu os resultados operacionais do primeiro semestre crescerem cerca de 30%, face a 2013. O BFA registou resultados de 152,7 milhões de dólares nos primeiros seis meses deste ano, o que compara com os 119,2 milhões de dólares contabilizados entre Janeiro e Junho de 2013.

“Nos tempos que correm, somos um banco muito sólido, do ponto de vista financeiro”, afirmou o presidente do Conselho Exe-

cutivo do BFA, Emídio Pinheiro, descrevendo que dentro grupo BPI o banco angolano é considerado como “a fortaleza”.

O banco angolano é detido em 50,1% pelo Banco Português de Investimento (BPI), enquanto os restantes 49,9% estão nas mãos da Unitel.

“O BFA já ultrapassou os nove mil milhões de dólares de activos, o que é muito importante. Os depósitos estão a crescer em termos homólogos cerca de 15% e os resultados do primeiro semestre cresceram também 30% face ao homólogo. São indicadores muito impressionantes da dinâmica financeira do

banco”, enfatizou Emídio Pinheiro.

Com mais de 1,2 milhões de clientes em Angola, cerca de 2.400 colaboradores e considerado o segundo maior banco privado do país, onde opera há vinte anos, o BFA conta com 180 balcões e lidera, por exemplo, no sector de mercado “Oil & Gas”.

Para melhor se compreender a razão pela qual o BFA é a fortaleza no contexto do grupo importa, desde logo, ver que o BPI teve prejuízos semestrais de 106 milhões de euros, justificados pelo resultado da venda da carteira de dívida pública portuguesa e italiana que gerou uma

menos valia de 102 milhões de euros.

O presidente do BPI, Fernando Ulrich, lembra que três anos antes do prazo acordado, o grupo saiu da alçada do Estado ao reembolsar a totalidade do financiamento estatal, 1500 milhões de euros, dos quais 920 milhões foram entregues nos primeiros seis meses deste ano.

Já o rácio de transformação de depósitos em crédito é agora de 92%, abaixo do limite máximo recomendado pelo Banco de Portugal, que é de 120%. Ou seja: o BPI capta mais depósitos do que concede de empréstimos aos clientes (o que alivia a pressão

para o endividamento da instituição).

No que respeita ao rácio de crédito em risco este é agora de 5,4%, enquanto o custo do risco de crédito tombou (em termos homólogos anualizados) de 1,04% para 0,72%. O nível de cobertura por imparidades situa-se em 83%.

O BPI é 4º maior grupo bancário privado em Portugal e tem uma importante presença no mercado nacional na actividade da banca comercial, gestão de activos e banca de investimento. A nível internacional, tem uma relevante posição em Angola, através do Banco de Fomento.

NAS ALEGAÇÕES

DEFESA E MINISTÉRIO PÚBLICO SOLICITAM ABSOLVIÇÃO DE NITO ALVES

O julgamento do jovem do Movimento Revolucionário, Manuel Baptista Chivonde Nito Alves, considerado por José Eduardo dos Santos, “como frustrado e desempregado”, parece aproximar-se do fim, depois de, nas alegações finais, quer a Defesa como o Ministério Público, terem solicitado a absolvição do arguido, por inexistência de provas, para o crime de que vinha acusado.

A acusação inicial, hasteou o alegado ilícito, na Lei 7/78 de 28 de Maio, Lei dos Crimes contra a Segurança do Estado, por ultraje ao Presidente da República, art.º 25.º, cuja moldura condenatória enquadra “a pena de prisão até dois anos”, mas durante o esgrimir de argumentos na barra, a acusação não conseguiu provar o que diz o corpo do artigo: “aquele que ultrajar ou por qualquer forma manifestar escárnio ou desprezo pela bandeira, insígnia ou outro símbolo da Pátria, será condenado na pena de prisão até dois anos”.

Ora, quando a defesa solicitou para as testemunhas de acusação e o próprio Ministério Público, juntarem aos autos, na fase judicial, uma vez não o terem feito, em instrução preparatória, as provas de manifestação de escárnio ou desprezo, do arguido, contra a figura do Presidente da República, estes foram incompetentes na pretensão.

E ao não conseguirem exhibir provas contundentes, uma vez serem frágeis as flagrantes contradições, apresentadas num camião, mais repleto de bajulação a figura do Presidente da República, do que de fac-

tos probatórios, mesmo no desdobramento posterior de três crimes apontados, ao arguido, numa clara demonstração da interpretação leviana da doutrina do Direito.

Assim, nada mais restou e, ainda bem para a justiça, que o próprio Ministério Público, também, solicitasse a absolvição, por falta de provas, pela suposta prática dos crimes de calúnia e difamação.

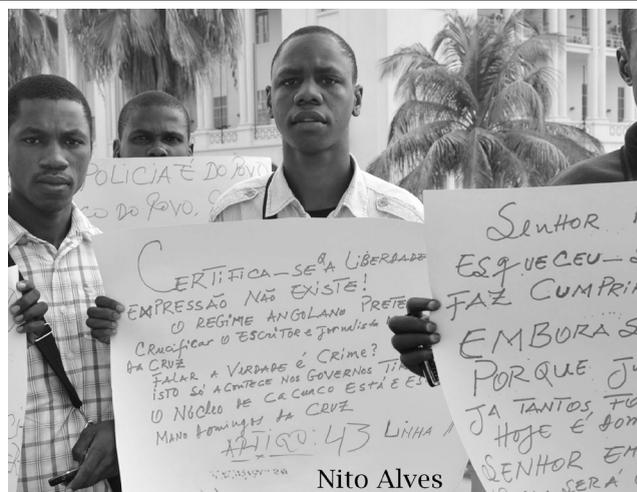
O que se pode entender com esta posição é o MP ter rejeitado a queixa devido à inexistência do dolo específico dos tipos imputados, dado que o arguido somente encomendou camisolas, que nunca chegou a ver, nem receber, pois a Polícia foi “prender o saco das mesmas, na gráfica, onde elas foram timbradas, sem que alguma vez o arguido as tivesse visto ou

utilizado”, disse o advogado, acrescentando, nunca ter sido o mesmo apanhado em flagrante delito, “logo é muito difícil a sustentação acusatória”, sem que ficasse evidenciada a intenção de imputar crime ao Presidente da República, José Eduardo dos Santos ou de atingir a sua reputação.

Os testemunhas e declarantes arrolados pela acusação, nenhum conseguiu apresentar provas do arguido ter cometido algum crime. Apenas apontaram elementos próximos do que pode considerar actos preparatórios. Mas na calúnia ou injúria, esse instituto é inexistente, pois ou se calunia e é crime ou se injuria e é crime, a preparação aqui, não conta como ilícito.

Daí que o advogado David Mendes sempre tenha sustentado, que a investigação criminal e a procuradoria, responsáveis pela acusação, numa determinada fase do processo passaram a actuar e agir com absoluta parcialidade, significando que o magistrado deu continuidade ao feito e, visando saciar os seus anseios de bajulação, por um lado, e vingança por outro, imputou vários crimes que não existiam, nem foram praticados pelo arguido.

Para David Mendes, a Procuradoria em fase de instrução preparatória deveria compreender que extrapolar bruscamente a técnica jurídica, atacando aspectos subjectivos de direito, com o coarctar de liberdade e a prisão arbitrária do arguido, na altura de menor idade, ainda que arvorado no ânimo de defender avidamente o Presidente da República, mancha em toda dimensão a reputação, a idoneidade e o prestígio do próprio ma-



Nito Alves

gistrado.

Recorde-se que na queixa-crime apresentada o MP alega que o arguido com a sua acção, incorreu na prática dos delitos de calúnia, difamação e injúria. Mas o advogado de defesa de Nito Alves afirma que nem mesmo em tese configuram falsa imputação de crime ou lesão à sua honra subjectiva.

A análise dos autos demonstra a total inexistência do elemento subjectivo dos tipos imputados, pois o arguido não foi apanhado a injuriar, difamar ou caluniar, logo não evidenciou intenção de atingir o Presidente da República, talvez até, por não ter havido a consumação do que pretendia ser a sua acção de condenar a gestão do Presidente.

E na impossibilidade de apresentação das provas, a juíza coloca um cereja jurídica no mundo do direito, alegando não poderem estar as camisolas, enquanto elemento de provas, por “questões de Segurança Nacional”.

Boa. Cabe isso na cabeça de um leigo em Direito? Talvez, pois, não é que de repente, pensou a prudente juíza, as camisolas comessem a disparar, em pleno tribunal?

Mas tem mais, o ofendido, José Eduardo dos Santos, não se constituiu em assistente no processo, para defender a sua honra, que alguém, em seu nome, diz ter sido ofendida...

Por tudo isso, o Ministério Público deixou claro nas suas alegações haver “insuficiência de matéria de prova para sustentar a acusação inicial”, logo apela a absolvição do réu, reco-

nhecendo ainda ter sido a prisão de Nito Alves ilegal por incumprimento do ritual legal, como a falta de mandados de captura e o de busca e apreensão.

Logo, neste caso, o advogado não descarta a possibilidade de o arguido, no final, intentar uma acção judicial, contra os agentes policiais, mais concretamente, o chefe da missão de captura, Mário Manuel de Jesus e o chefe da 43ª Brigada da Direcção Provincial de Investigação Criminal (DPIC), e ainda o Estado, por detenção e prisão ilegal, durante 57 dias, entre Setembro e Outubro de 2013, quando tinha 17 anos de idade, tendo sofrido tortura, isolamento, ameaças de morte, levando-o a fazer greve de fome.

Recorde-se que o advogado David Mendes, no início das sessões de julgamento, a 01 de Julho, requereu a apresentação de uma das 30 camisolas que Nito Alves mandou imprimir e que constituíam o corpo de delito e que deveriam estar nos autos, mas caricatamente, estas não surgiram. Assim foi impossível confirmar se chegou a ser materializada a pretensão do arguido de estampar nas mesmas; “Zé Dú fora, nojento ditador” na parte frontal e no verso: “Povo angolano, quando a Guerra é urgente e necessária, para mudarmos o governo ditador”. E, diante deste factos, o bom senso e a imparcialidade do Ministério Público, só restaria o pedido de absolvição do arguido, estando agora marcada a leitura dos quesitos e da sentença, para o dia 07 de Agosto, no Tribunal Municipal de Viana.

“Nem mesmo em tese se configura falsa imputação de crime ou lesão à honra subjectiva do alegado ofendido”





PUBLICIDADE

W WILLE

Moda & Decoração

Rua António Manuel de Noronha, 42
Maculusso
(junto à Liga Nacional Africana e BFA)
Telefone 923 506 652/ 917 045 142
Luanda/Angola

ITÁLIA DÁ PRIORIDADE MÁXIMA ÀS NOSSAS PRINCIPAIS RIQUEZAS

A petrolífera italiana Eni anunciou que vai voltar às operações em águas profundas em Angola até final do ano com o início da produção no bloco 15/06, ao largo da província do Zaire. Por outro lado, o Presidente Eduardo dos Santos manifestou o interesse no reforço da cooperação entre a petrolífera estatal Sonangol e a italiana Eni na construção de uma refinaria e na expansão internacional das actividades. À festança juntou-se o primeiro-ministro de Itália, Matteo Renzi, que assumiu em Luanda estar “irritado” por ser o primeiro Chefe de Governo italiano a visitar Angola. De acordo com informação divulgada pela petrolífera italiana, a plataforma FPSO (Floating Production, Storage and Offloading) N’Goma foi baptizada nos estaleiros de Porto Aboim, após trabalhos de reconversão, e “está pronta para zarpar” para iniciar a produção ‘offshore’. Esta unidade, semelhante a um grande petroleiro, tem mais de 340 metros de comprimento por 50 de largura, capacidade para armazenar 1,5 milhões de barris de petróleo e para produzir 100 mil barris por dia. As FPSO são plataformas flutuantes de grandes dimensões utilizadas na indústria petrolífera de operações ‘offshore’ para processar, armazenar e exportar petróleo bruto ainda em alto-mar. A Eni, operadora deste bloco, garante que a concretização da reconversão - o navio foi ainda intervencionado em

Singapura -, representa um “marco importante” para o início da produção, “previsto para o final do ano de 2014”.

“O projecto marca o regresso da Eni como operador de águas profundas em Angola”, sublinha a petrolífera italiana, presente no país desde 1980 e que em 2013 atingiu no nosso país uma produção líquida de 87 mil barris de petróleo por dia.

Ainda de acordo com a Eni, este será o primeiro projecto a entrar em operação entre os blocos cuja exploração foi concedida à operadora em 2006, envolvendo em concreto os campos Sangos, Cinguvu e Mpungi.

Será feita a perfuração de 21 poços submarinos, dos quais 12 produtores, quatro injectores de água e gás alternativos e cinco injectores de água, numa profundidade de água que variará entre 1.000 e 1.500 metros.

Nesta produção será utilizada, durante um prazo estimado superior a dez anos, a FPSO N’Goma, que foi a primeira unidade do género que a operadora Esso colocou em funcionamento em Angola, no bloco 15, e operou consecutivamente entre 2003 e 2011. Representou também a primeira conversão de uma unidade deste género no país.

A petrolífera italiana garante ainda que está a preparar um segundo projecto, semelhante, neste caso para explorar as reservas descobertas na área nordeste do mesmo bloco.

As exportações de petróleo de Angola cifraram-se, em média, em cerca de 1,57 milhões de barris por dia nos primeiros quatro meses do ano, uma quebra de 9,2% face ao período entre Janeiro e Abril de 2013. Esta marca conti-



nua distante do objectivo, traçado pelo Executivo de Eduardo dos Santos, de atingir os dois milhões de barris por dia. O petróleo, recorde-se, é responsável pela quase totalidade das exportações do país e vale cerca de dois terços da receita fiscal.

No mesmo sentido, Eduardo dos Santos manifestou, em Luanda, o interesse no reforço da cooperação entre a petrolífera estatal Sonangol e a italiana Eni na construção de uma refinaria e na expansão internacional das actividades.

José Eduardo dos Santos falava à imprensa no final de um encontro em privado que manteve com o primeiro-ministro da Itália, Matteo Renzi, que realizou uma visita oficial de 24 horas a Angola.

O Chefe de Estado disse ainda que Angola está além da exploração de petróleo e gás, pelo que o Governo angolano pretende igualmente estender a cooperação com a Eni às infra-estruturas de apoio ao desenvolvimento do sector petrolífero, no domínio da engenha-

ria, construção de plataformas, reparação naval, entre outros.

“Produzimos petróleo, queremos também produzir gás e queremos estender essa cooperação para lá das fronteiras de Angola”, reforçou o Presidente da República.

“Há um trabalho iniciado no sentido da construção de uma nova refinaria e é de nosso interesse que a Eni assuma um maior protagonismo na condução desse dossiê”, acrescentou.

No domínio da agro-indústria, José Eduardo dos Santos disse que estão a ser analisadas as vias para o alargamento da cooperação, frisando que as áreas da logística e transporte são também prioritárias.

“Nós somos um país que importa quase tudo. Queríamos ir substituindo as importações pela produção nacional. Então, essa perspectiva abre oportunidades para os empresários italianos que queiram realizar investimentos nos diferentes domínios em Angola”, referiu o Chefe de Estado.

Revelando completa sintonia com o regime, o primeiro-ministro de Itália, Matteo Renzi, assumiu-se “irritado” por ser o primeiro chefe de Governo daquele país a visitar Angola, onde defendeu uma estratégia de longo prazo nas relações entre Europa e África.

“Sou o primeiro presidente do Conselho [de Ministros de Itália] que vem a Angola. Não é um belo recorde, estou muito irritado. Não digo diplomaticamente que estou contente por ser o primeiro porque perdemos tempo e agora vamos ter de correr, de andar mais depressa”, disse Matteo Renzi, num encontro restrito, em Luanda, com alguns empresários italianos e angolanos.

Matteo Renzi não se esqueceu - o que é sempre vital - de enfatizar o papel de José Eduardo dos Santos na “estabilização” da região-

O chefe do Governo italiano fez-se acompanhar nesta visita a Luanda por uma comitiva de 25 empresários, todos manifestamente interessados em investir em Angola e que representam, no seu conjunto, uma facturação anual de 60 mil milhões de euros.

Relevante é igualmente o facto de a visita de Matteo Renzi acontecer numa altura em que Itália tem a Presidência rotativa da União Europeia, sendo a relação com África uma prioridade para o líder italiano.

“Ou a Europa e África trabalham em conjunto na próxima década ou todos perderemos uma grande oportunidade de desenvolvimento”, afirmou, constatando o crescimento económico que se verifica no continente africano.

MEIO MUNDO DIZ AOS SEUS EMPRESÁRIOS PARA ANGOLA E EM FORÇA

Perante uma sala com algumas dezenas de empresários dos dois países, Matteo Renzi sublinhou que “não é possível imaginar” que assuntos como o desenvolvimento, a economia ou a migração entre os dois continentes “possam ser enfrentados sem uma estratégia de longo prazo”.

“Não se pode remediar, resolver o problema quando o dano está feito. Temos de evitar chegar no fim”, disse ainda.

Durante o mesmo encontro com empresários, o vice-ministro italiano do Desenvolvimento Económico, Carlo Calenda, anunciou a disponibilização de linhas de crédito e investimento através de pequenas e médias empresas italianas em Angola. Também está prevista a abertura em Luanda de uma delegação da agência italiana responsável pelas exportações. Carlo Calenda reconheceu que nos últimos anos os empresários italianos já instalados em Angola poderão ter-se sentido “abandonados pelo seu Governo”, algo que o actual executivo garante querer reverter, relançando a aposta angolana.

No primeiro trimestre deste ano, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística angolano, as exportações de Angola para Itália - essencialmente petróleo - cresceram para 38,1 mil milhões de kwanzas (291 milhões de euros).

Já as importações a partir de Itália, como máquinas industriais, ferro, aço e bens alimentares, desceram no mesmo período para 5,6 mil milhões de kwanzas (42,7 milhões de euros), pelo que o saldo da balança comercial é largamente favorável a Angola.

Itália foi o primeiro país da Europa ocidental a reconhecer, três meses depois, a independência declarada pelo MPLA em detrimento da que fora feita pela UNITA-FNLA, oficializada a 11 de Novembro de 1975. Em 1989, Angola foi considerada por Itália como um país de “primeira prioridade”.

Portugal e Angola são os países mais ligados comercialmente, tendo movimentado mais de 5,7 mil milhões de euros no último ano, muito superior à ligação com o Brasil, que valeu 1,6 mil milhões de euros. Mas os brasileiros não deixam os seus créditos por mãos alheias e enviaram ao nosso país uma missão organizada pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex). O objectivo assumido é reforçar as exportações brasilei-

a favor de Angola, que vê o seu défice da balança comercial com Portugal encurtar para menos de 500 milhões de euros, o valor mais baixo de sempre.

Angola é o quarto destino das exportações portuguesas, depois da Espanha, Alemanha e França, e à frente do Reino Unido e dos EUA.

Em sentido inverso, Angola continua a ser o sexto maior comprador de produtos portugueses, a seguir a Espanha, Alemanha, França, Itália e Países Baixos.

O Brasil é o segundo país lusófono em termos de trocas comerciais com Portugal, mas muito

dez maiores compradores de produtos a Angola, mas é o nosso quarto cliente, atrás de Portugal, China e EUA, representando 5,8% do total das importações de Angola.

O porta-voz da Apex, Rafael Ribeiro, explica que a deslocação a Angola, que envolveu encontros de negócios e reuniões, integra empresários sobretudo do ramo das máquinas e equipamentos, construção, alimentação, bebidas e cosméticos.

“Temos no total um fluxo de exportações do Brasil para Angola, em 2013, de 1.300 milhões de dólares [942 milhões de euros].



ras para Angola.

Dentro dos países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), o triângulo entre Portugal, Brasil e Angola representa a grande maioria do comércio internacional entre os países lusófonos, de acordo com os dados oficiais apresentados pelos países e pelas organizações internacionais, como a UNCTAD - Conferência das Nações Unidas para o Comércio Internacional.

O saldo positivo para Portugal da balança comercial com Angola diminuiu mais de 60%, tendo terminado 2013 com 480 milhões de euros, uma forte quebra face aos 1.209 milhões de euros de excedente no ano anterior.

De acordo com os dados da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), com base nos números do Instituto Nacional de Estatísticas, no ano passado Portugal exportou para Angola 3,1 mil milhões de euros, que representam uma subida de 4,1% face a 2012, representando um aumento de 122 milhões de euros face aos produtos vendidos em 2012.

As importações, por seu turno, subiram 47,8%, tendo valido, no ano passado, 2.632 milhões de euros, o que representa uma variação de 851 milhões de euros

distante de Angola: a balança comercial foi negativa para Portugal em 59 milhões de euros, uma forte melhoria face aos quase 690 milhões de euros negativos em 2012.

Portugal exportou no ano passado mais 94 milhões de euros, num total de 772 milhões, face aos 678 milhões de 2012, e importou 831 milhões de euros, o que representa uma descida de quase 40% face aos 1.368 milhões do ano anterior.

Com Moçambique, a balança comercial manteve-se praticamente inalterada, continuando positiva para Portugal: as exportações de 326 milhões de euros (mais 14% face ao ano anterior) compensaram as importações de 62 milhões de euros, gerando um saldo positivo de 264 milhões, o que representa uma melhoria de 6,1% face ao saldo do ano anterior.

Olhando para o relacionamento entre o Brasil e Angola, constata-se que Angola exportou 726 milhões de dólares para o Brasil, tendo o país sul-americano enviado para Angola produtos no valor de 1,2 mil milhões de dólares, o que torna esta relação comercial largamente favorável ao Brasil.

O Brasil não aparece na lista dos

A nossa expectativa é que, naturalmente, com esta missão, se possa incrementar ainda mais esse volume de exportações”, afirmou o responsável da Apex. De acordo com Rafael Ribeiro, além do reforço das exportações, aquela agência brasileira pretende “estimular” empresários brasileiros a instalarem-se em Angola.

“As nossas exportações continuam a crescer, continuámos a investir em Angola. As empresas que trouxemos estão motivadas a investir e existe um potencial de exportação expressivo”, garantiu ainda. Actualmente, segundo a Apex, Angola é o principal destino em África das exportações brasileiras, logo seguida da África do Sul.

“Angola é sem dúvida nenhuma o país que mais compra do Brasil e que por isso tem grandes expectativas de concretização de negócios nesta missão”, assegurou Rafael Ribeiro.

No âmbito da visita, empresas angolanas interessadas em realizar negócios com fornecedores brasileiros terão acesso a financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento e Social (BNDES), do Brasil, nomeadamente com “condições especiais de prazo e juros”.

MANIFESTO DE APOIO

DOS SANTOS CANDIDATO AO NOBEL

O José Eduardo dos Santos está no poder desde 21 de Setembro de 1979. Como contributo para o dossier de candidatura ao Prémio Nobel, aqui fica um texto que mais não pretende ser do que um modesto contributo para apoio ao chamado “querido líder” ou “o escolhido de Deus”.

Uma das suas características genéticas tem a ver com a capacidade de adaptação, interna e externa, para não olhar a meios para atingir os fins. Sobreviveu às mutações internas do MPLA, mesmo recorrendo aos jacarés para eliminar camaradas, e às externas, mantendo-se a flutuar com a queda do Muro de Berlim.

A sua longevidade no poder é digna de registo. José Eduardo dos Santos é, por enquanto, o segundo presidente da República há mais tempo em funções em todo o mundo. Apenas por um mês perde o primeiro lugar para o seu amigo Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, da Guiné Equatorial. Nunca foi nominalmente eleito. Mas é nisso que reside o seu segredo. Como reconhece, aceitou uma “democracia que foi imposta”, sabe que um dia passará de bestial a besta mas não está preocupado. Os paraísos fiscais não falam quando são alimentados pelo dinheiro do petróleo e dos diamantes. José Eduardo dos Santos chegou à Presidência da então República Popular de Angola quando tinha 37 anos, sucedendo a Agostinho Neto, assassinado em Moscovo por complicações, diz-se, após uma cirurgia a um cancro hepático.

Passando oficialmente, até talvez com alguma glorificação, ao lado dos massacres (mais de 30 mil

mortos) do 27 de Maio, ultrapassou ela esquerda e pela direita os potenciais candidatos à sucessão de Agostinho Neto, casos de Lúcio Lara, Ambrósio Lukoki e Pascoal Luvualu. E conseguiu tal feito porque os que mandavam no MPLA acreditaram que ele seria um mero sipaio. Enganaram-se.

“Durante os primeiros anos fingi-me de morto. Deixei que me vissem como um fiel herdeiro do falecido Presidente e, ao mesmo tempo, fui libertando sem alarde os fraccionistas que haviam sobrevivido aos fuzilamentos e aos campos de concentração. Nomeei alguns para importantes cargos governamentais. Nunca mais criaram problemas”, escreve José Eduardo Agualusa no conto “O bom déspota”.

É claro que Eduardo dos Santos tem uma visão deferente sobre o tempo que leva no poder: “Eu acho que é muito tempo, até demasiado, mas também temos que ver as razões de natureza conjuntural que nos levaram a esta situação”, disse à Bandeirantes do Brasil, acrescentando que, “depois da independência, acho que foram trinta e tal anos de guerra, em que o país ficou adiado, portanto não pôde consolidar essas instituições do Estado, nem sequer pôde tornar regular o funcionamento do processo de democratização, por isso muitas vezes as eleições tiveram que ser adiadas”.

O que para o presidente foram “trinta e tal anos” foram de facto, 27. Ou seja, de 1975 e 2002. Forte, forte ele é só nas contas que envolvem o dinheiro sacado ao erário público. Nessas ele não se engana.

“A queda do Muro de Berlim aconteceu no momento certo. Por um lado, permitiu-me afastar um ou outro marxista fanático, trôpegas múmias ideoló-

gicas, perdidas no tempo, que não se deixavam comprar, nem com cargos nem com bens de consumo. Por outro, permitiu-me abrir o país às delícias do capitalismo, para benefício de toda a nossa grande família e do país em geral. A abertura ao capitalismo foi também a grande machadada na guerrilha, até essa altura apoiada pelos Estados Unidos e pela direita internacional. Se nós nos juntávamos ao capitalismo, porque haveria o capitalismo de nos combater?”, interroga José Eduardo Agualusa no referido conto.

Pois é. Foi isso mesmo. Como líder do MPLA, do governo e da República, Eduardo dos Santos, enterrou Lenine, o comunismo e rendeu-se ao capitalismo, aceitando mesmo que figurativamente se desse ao país uns laivos de democracia e de multipartidarismo.

Eduardo dos Santos, engenheiro de petróleo formado pelo Instituto de Petróleo e Química de Baku, na então União Soviética, engavetou o socialismo em parte incerta e, em entrevista ao Expresso, em 18 de Julho de 1992, disse: “Penso que o socialismo estava condenado ao fracasso. Mas não era essa a conclusão a que se tinha chegado naquela altura, em que se pensava que o socialismo era uma alternativa ao capitalismo”.

“O sistema de gestão da economia socialista não era capaz de dar resposta aos numerosos problemas com que se defrontava a sociedade. O afundamento do sistema socialista não foi uma grande surpresa para nós e não nos afectou profundamente. Nós já nos havíamos engajado em todo um processo de reajustamento do nosso sistema,” afirmou Eduardo dos Santos em Abril de 1992 ao Le Courrier.

Nessa enorme capacidade de assassinar os camaradas de ontem e bajular os de hoje, Eduardo dos Santos fez com que o MPLA, no III Congresso extraordinário de 1992, deixasse de ser “Partido do Trabalho”. a República deixasse de ser “Popular” e até a Assembleia do Povo passa a ser Assembleia Nacional.

Sem o fantasma de Jonas Savimbi no activo, o país cresceu, cresceu. Entre 2004 e 2008 a economia registou um crescimento médio de 17% ao ano; a crise financeira internacional provocou uma sensível desaceleração entre 2009 e 2011, com valores entre 2,4% e 3,4%; mas o índice subiu em 2012 para perto dos 7%.

Mfonobong Nsehe, articulista da Forbes, diz que “ara cumprir os seus novos desígnios, José Eduardo dos Santos passou a conduzir o governo como se fosse a sua empresa de investimentos privada”. E fá-lo “canalizando as suas energias para intimidar os média e desviar fundos para a sua conta pessoal e da sua família”.

Família em que surge como rainha a filha Isabel que, por sinal, no início do ano passado se tornou, segundo a Forbes, a primeira bilionária africana. As acções de empresas cotadas em Portugal, caso do BPI e da ZON, juntamente com activos em Angola, “elevaram o valor líquido [da fortuna de Isabel dos Santos] acima da fasquia de mil milhões de dólares, fazendo da empresária de 40 anos a primeira mulher bilionária africana”.

Acrescenta a revista que os negócios de Isabel dos Santos são uma forma de “extrair dinheiro do seu país, enquanto se mantém à distância, de maneira formal. Garante igualmente que se o pai for derrubado pode reclamar os seus bens, através da sua filha.



Se morrer enquanto está no poder, ela mantém o saque na família.”

O segundo filho, por ordem de idade, é José Filomeno dos Santos, “Zenú”, nascido da ligação com Maria Luísa Perdigão Abrantes, a segunda mulher de José Eduardo dos Santos. Zenú, apontado como sucessor nesta dinastia, foi nomeado para gerir o Fundo Soberano de Angola, dotado de 5.000 milhões de dólares.

Coréon Dú, outro filho, chegou a usar, em 2006, o endereço do Palácio Presidencial como residência privada para criar a Semba Comunicação, empresa(?) que recebe mais de 40 milhões de dólares do orçamento da Presidência para a gestão da TPA 2 e outras supostas acções de melhoria da imagem presidencial.

Rafael Marques diz que, para além da família, “o círculo dos mais endinheirados empresários angolanos é fechado por pessoas muito próximas a José Eduardo dos Santos de entre as quais avultam os generais Kopelipa e Dino Fragoso e Manuel Vicente, o vice-presidente.

Também nesta matéria Eduardo dos Santos tem uma explicação para, é claro, justificar e legitimar uma elite de ricos empresários, tal como o fez no discurso do Estado da Nação, em 16 de Outubro de 2013: “A acumulação primitiva do capital nos países ocidentais ocorreu há centenas de anos e nessa altura as suas regras de

jogo eram outras. A acumulação primitiva de capital que tem lugar hoje em África deve ser adequada à nossa realidade”. E se, segundo Eduardo dos Santos, empresas americanas, inglesas e francesas do sector dos petróleos, bem como as empresas e bancos comerciais com interesses portugueses “levam de Angola todos os anos dezenas de biliões de dólares, por que é que eles podem ter empresas privadas dessa dimensão e os angolanos não?”

“Nós precisamos de empresas, empresários e grupos económicos nacionais fortes e eficientes no sector público e privado e de elites capazes em todos os domínios, para sairmos progressivamente da situação de país subdesenvolvido”, explica o “querido líder”. Pois é. E o resto, o subdesenvolvimento do país? O relatório Africa Progress Report 2013, elaborado em maio por um grupo de personalidades coordenada por Kofi Annan e do qual faz parte Graça Machel, diz: “Enquanto a elite angolana usa o rendimento do petróleo para comprar activos no estrangeiro, em Angola as crianças passam fome”. A taxa de mortalidade infantil, até aos cinco anos, de Angola está no topo da lista: é a oitava maior do mundo, com 161 mortes em 1000 crianças por ano, o que representa 116 mil mortes todos os anos. A subnutrição explica um terço destes óbitos de crianças.

“Em nome do desenvolvimento económico, sob a égide do capitalismo, encontram-se justificações para a prática da corrupção, a falta de transparência nas contas do Estado e a falta de reconhecimento dos direitos de propriedade. A moral e a ética não fazem parte da cultura da ‘burguesia angolana emergente’, o que ‘legitima’ a coarctação da democracia

em defesa do status quo da elite reinante”, afirma o economista José Dias Amaral.

“José Eduardo dos Santos está há tanto tempo no cargo que passou a governar o país como um autêntico monarca”, acusa por sua vez o cientista político Nelson Pestana, da Universidade Católica de Angola, e dirigente do Bloco Democrático.

A Primavera árabe espalhou o pavor no círculo presidencial, ainda atormentado subconscientemente pelo fantasma de Jonas Savimbi.

“Nas chamadas redes sociais, que são organizadas via Internet, e nalguns outros meios de comunicação social fala-se de revolução, mas não se fala de alternância democrática. Para essa gente, revolução quer dizer juntar pessoas e fazer manifestações, mesmo as não autorizadas, para insultar, denegrir, provocar distúrbios e confusão, com o propósito de obrigar a polícia a agir e poderem dizer que não há liberdade de expressão e não há respeito pelos direitos. É esta via de provocação que estão a escolher para tentar derrubar governos eleitos que estão no cumprimento do seu mandato”, disse à nação Eduardo dos Santos em 2011.

Quanto ao seu enriquecimento, Eduardo dos Santos explica: “Na Internet, alguém pôs a circular a notícia de que o Presidente de Angola tem uma fortuna de vinte biliões de dólares no estrangeiro. Se essa pessoa fosse honesta e séria, devia indicar imediatamente ao Departamento de Inteligência Financeira do Banco Nacional de Angola (BNA) os nomes dos bancos e os números das contas em que esse dinheiro está depositado, para que o Tesouro Nacional possa transferir esse montante para as suas contas”.

Farto de chorar, o Povo riu-se.

SIDA PERDE TERRENO MAS A LUTA CONTINUA

O número de pessoas com VIH/sida em todo o mundo é 18,7% menor do que o calculado pela ONU/Sida, em 2012, segundo dados revelados na conferência internacional sobre a doença que decorreu na Austrália.

“O nosso cálculo de pessoas que vivem com VIH é uns 18,7% mais baixo do que a ONU/Sida estimou em 2012”, de acordo com dados de uma investigação da Universidade de Washington, citados pela agência EFE. O documento mostra que o número de pessoas com VIH, tuberculose e malária desceu em todo o mundo desde 2000.

Durante o ano passado registaram-se 1,8 milhões de novas infeções por VIH e cerca de 1,3 milhões de mortes, quando, no “pico da epidemia em 2005”, ocorreram 1,7 milhões de mortes.

O estudo indica, contudo, que embora os dados gerais apresentem uma tendência de descida, 101 países, 74 dos quais em desen-

volvimento, registaram um aumento da incidência do VIH.

É destacado que as epidemias na América Latina e na Europa Oriental são substancialmente menores do que foi calculado anteriormente, enquanto as taxas são mais elevadas na Ásia-Pacífico, especialmente na Tailândia e Papua Nova Guiné.

Na conferência de Melbourne, uma das principais sessões discutiu o impacto das políticas de droga nas pessoas que consomem drogas injectáveis, a propagação do VIH e doenças associadas como a tuberculose e a hepatite.

Os principais avanços no tratamento do VIH/sida e das doenças associadas são outro tema central da conferência que ontem terminou.

Na sua mensagem de abertura do evento, o director executivo do ONU/Sida, Michel Sidibé, afirmou: “Acabar com Sida é o único sonho que todos devemos ter”.

QUANTO MAIS (PETRÓLEO) MELHOR

A Sonangol adjudicou à multinacional KCA Deutag, por 170 milhões de dólares, uma campanha de perfuração que se vai prolongar por pelo menos dois anos em vários pontos da nossa costa.

De acordo com informação oficial da KCA Deutag, o contrato com Sonangol Pesquisa e Produção é válido por dois anos e poderá ser prorrogado por outros dois, envolvendo trabalhos de engenharia e perfuração “em vários locais offshore em Angola”.

O contrato, de 170 milhões de dólares, vai permitir “empregar cerca de 100 pessoas, a maioria dos quais serão cidadãos angolanos”, afirma a KCA Deutag, que utilizará a plataforma de prospecção “jack-up” Ben Rinnes, uma das duas do género que tem ao serviço na sua

frota.

Esta plataforma, de mais de 6.400 toneladas, tem vindo a operar no Gabão desde Janeiro de 2013, “onde completou um programa de perfuração de vários poços”, esclarece a empresa, perspectivando agora a viagem para Angola.

Além deste contrato com a Sonangol Pesquisa e Produção, cujo grupo além de concessionário nacional é também operador em alguns blocos, aquela multinacional está no país desde 2005, onde administra actualmente três sondas de perfuração. Na mesma informação, o presidente da divisão “offshore” da KCA Deutag, Rune Lorentzen, explicou tratar-se de uma operação que envolve “soluções de perfuração para o futuro”. “Angola é o segundo maior produtor de petróleo de África subsaariana e continua a ser um importante centro de actividades para a KCA Deutag.

Temos trabalhado duramente para construir uma forte presença na região e este contrato vai servir para melhorar nossas operações”, garante Rune Lorentzen.

Com 125 anos de actividade, a KCA Deutag, com sede em Aberdeen (Escócia) é uma das empresas líder mundial da actividade de perfuração petrolífera ‘offshore’, operando actualmente 100 plataformas em vinte países, além de empregar 9.000 pessoas.

As nossas exportações de petróleo cifraram-se, em média, em cerca de 1,57 milhões de barris por dia nos primeiros quatro meses do ano, uma quebra de 9,2% face ao período entre Janeiro e Abril de 2013. Esta marca continua distante do objectivo, traçado pelo Executivo, de atingir os dois milhões de barris por dia. O petróleo é responsável pela quase totalidade das exportações do país e vale cerca de dois terços da receita fiscal.

CÃES RAIIVOSOS QUE ATACAM NO UÍGE NÃO

Mordeduras por animais de estimação infectados com raiva provocaram 15 mortes em humanos no primeiro semestre de 2014 na província do Uíge. As autoridades contabilizaram 150 casos de mordedura, essencialmente por cães vadios, todos os meses, entre Janeiro e Junho.

mordeduras por animais de estimação.

As vítimas - além de cães há registo de ataques por gatos e macacos - são aconselhadas pelos serviços de veterinária a lavar a ferida e a procurar tratamento de imediato nos serviços de saúde.

O dirigente do MPLA continua a dizer: “Durmo bem, como bem e o que restar no meu prato dou aos meus cães e não aos pobres”.

são cada vez menos a dizê-lo mais cada vez mais a pensá-lo, corre o sério risco de que os donos do poder o mandem calar, se possível definitivamente. Não tanto para alimentar os cães mas os jacarés.

Mas, como dizia Frei João Domingos, “não nos podemos calar mesmo que nos custe a vida”. E são muitos os que já morreram por isso.

O presidente que está no poder desde 1979 sem

ros, numerosas amantes, muita riqueza roubada ao povo, são aparentemente reluzentes mas estão podres por dentro”.

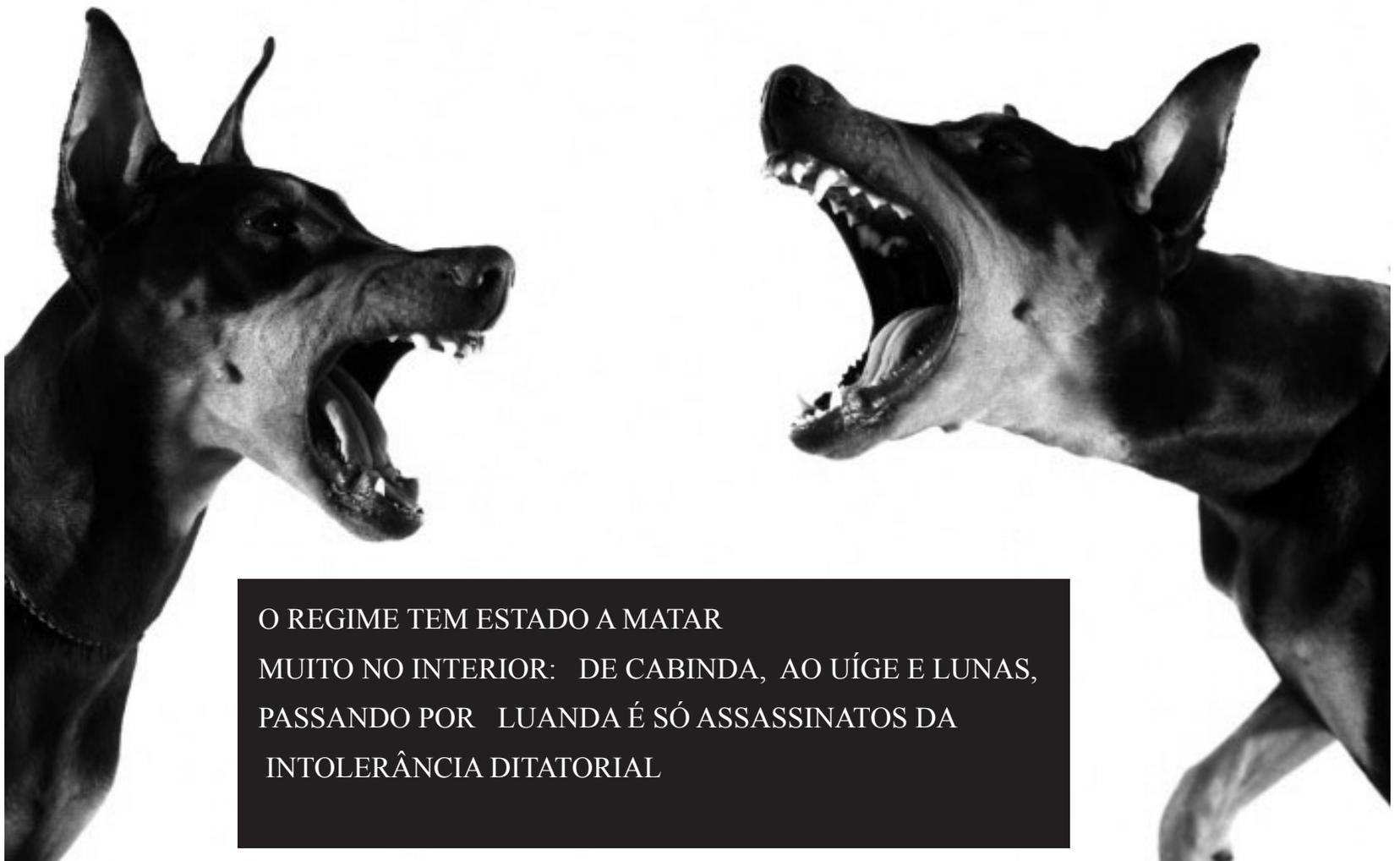
Mas esses, apesar de podres por dentro, continuam a viver à grande e à MPLA, enquanto o Povo morre de fome. O tempo, como dizia Agostinho Neto, de “o mais importante é resolver os problemas do povo” já lá vai, já há muito foi enterrado.

Convém por isso não

vai para os pobres, vai para os coitados dos cães.

E por que não vai para os pobres?, perguntam os milhões que todos os dias passam fome. Não vai porque não há pobres em Angola. E se não há pobres, mas há cães...

Continuemos com a tese do dirigente do “EME”: “Eu semanalmente mando um avião para as minhas fazendas buscar duas cabeças de gado; uma para mim e filhos e outra para os cães”.



**O REGIME TEM ESTADO A MATAR
MUITO NO INTERIOR: DE CABINDA, AO UÍGE E LUNAS,
PASSANDO POR LUANDA É SÓ ASSASSINATOS DA
INTOLERÂNCIA DITATORIAL**

Estes são cães que não têm a mesma sorte dos seus irmãos que estão à guarda dos dirigentes do MPLA.

Os casos de mordedura naquela província estão sobretudo concentrados no município capital, Uíge, com 782 situações suspeitas. Os restantes 15 municípios da província totalizaram, também no primeiro semestre, 121

Neste país que é nosso, embora muitas vezes não pareça, para além dos milhões que legitimamente só se preocupam em encontrar alguma coisa para matar a fome, nem que seja nos restos deixados pelos cães dos dirigentes do MPLA, uma minoria privilegiada só se preocupa em ter mais e mais, custe o que custar.

Quando alguém diz isto, e

nunca ter sido nominalmente eleito, continua a dar ordens para calar os que teimam em dizer a verdade ou, pelo menos, o que pensam ser a verdade. Na óptica do regime assemelham-se a cães raivosos.

Citando de novo, e tantas vezes quantas forem preciso, Frei João Domingos, em Angola “muitos governantes têm grandes car-

esquecer as antológicas lições do dirigente do MPLA que, com ou sem relógio de 50 mil dólares, afirmou em tempos recentes: “Durmo bem, como bem e o que restar no meu prato dou aos meus cães e não aos pobres”.

Esta é, aliás, a filosofia basilar do regime que continua a pensar que Angola é o MPLA e que o MPLA é Angola. O que sobra não

Quanto aos angolanos, aos outros angolanos, citando de novo o dirigente do “EME”, que comam farelo porque “os porcos também comem e não morrem”.

Embora seja um exercício suicida, importa aos vivos não se calarem, continuando a denunciar as injustiças, para que Angola possa um dia ser diferente, ser de todos os angolanos.

SÃO MESMO DOS DIRIGENTES DO MPLA



“O Povo sofre e passa fome. Os países valem pelas pessoas e não pelos diamantes, petróleo e outras riquezas”, disse Frei João Domingos.

Mas, como diria o camarada Eduardo dos Santos,

a luta continua. Tem de continuar. Até porque, mais cedo ou mais tarde, a Primavera também vai iluminar as ruas de Luanda e chegar ao resto do país.

Se dúvidas existissem sobre o socialismo democrá-

tico do MPLA, basta ver – por exemplo - o perfil da classe dirigente e seus sucedâneos. São sobretudo homens, 40 anos, empresários do ramo da construção, ex-militares ou com ligações ao gover-

no. Vestem Hugo Boss ou Ermenegildo Zegna. Compram relógios de ouro Patek Philippe e Rolex.

Basta ver – por exemplo - o perfil da esmagadora maioria do povo angolano. É pé descalço, barriga

vazia, vive nos bairros de lata, é gerado com fome, nasce com fome e morre pouco depois com... fome. Basta ver – por exemplo – que esses angolanos de primeira do tipo dirigente do MPLA (todos adeptos certamente do socialismo democrático) não olham a preços, procuram qualidade e peças com o logo visível, sendo comum uma loja de luxo facturar, numa só venda, entre 50 e 100 mil dólares, pagos por transferência bancária ou cartão de crédito.

Por outro lado, de acordo com a vida real dos angolanos (de segunda), 45% das crianças sofrem de má nutrição crónica e uma em cada quatro (25%) morre antes de atingir os cinco anos.

E, é claro, quando não se lembra dos seus cães, o dirigente do MPLA escolhe ementas do tipo Trufas pretas, caranguejos gigantes, cordeiro assado com cogumelos, bolbos de lírio de Inverno, supremos de galinha com espuma de raiz de beterraba e uma selecção de queijos acompanhados de mel e amêndoas caramelizadas, com cinco vinhos diferentes, entre os quais um Château-Grillet 2005.



MORTOS E FERIDOS NA LUNDA NORTE



Confrontos entre a Polícia Nacional, apoiada por elementos de uma empresa de segurança privada, e alegados garimpeiros ilegais de diamantes provocaram vários mortos, ferimentos num agente

policial e uma onda de revolta envolvendo 800 pessoas numa localidade da província da Lunda Norte. A situação é recorrente e resulta na repressão contra uma população que tem no garimpo artesanal, por falta de alternativas, a única saída para não morrer à fome. CASA-CE

e UNITA já protestaram contra a repressão das autoridades.

O caso, confirmado pela Polícia, ocorreu na comuna do Yongo, município de Xá-Muteba, na província da Lunda Norte, quando elementos da Polícia Nacional, instruídos por elementos de uma empre-

sa privada de segurança, detectaram um grupo de pessoas que faziam garimpo de diamantes.

De acordo com o superintendente-chefe Leonardo Bernardo, do Comando Provincial da Lunda Norte da Polícia Nacional, ao serem “interpelados”, estes garimpeiros “insurgiram-se

contra as forças policiais”. “Os disparos efectuados culminaram com a morte de dois cidadãos [garimpeiros] e também ferimentos num agente do comando municipal da Polícia Nacional de Xá-Muteba, que se encontrava a operar na área”, disse o oficial sem, contudo, explicar porque razão as vítimas foram atingidas pelas costas.

Na sequência destes confrontos, um grupo com cerca de 800 elementos, entre garimpeiros, amigos e familiares das vítimas mortais, dirigiu-se a uma esquadra policial no município do Cuango, transportando os cadáveres e mostrando – em alguns casos de forma violenta – a sua repulsa pela constante repressão de que são vítimas.

“Foram detidos nove indivíduos presumíveis autores da acção de vandalismo. O Comando Provincial da Polícia Nacional prossegue com as investigações para apurar responsabilidades”, garantiu o superintendente-chefe Leonardo Bernardo.



COM BALAS VENENOSAS DO REGIME



Fontes independentes afirmam que dos tumultos, para além de quatro mortos (dois segundo a Polícia), resultaram avultados danos no Comando da Polícia do Luzamba, bem como em viaturas da empresa de segurança privada, SOCICLA.

Em Luzamba e Cuango, a população queimou bandeiras do MPLA, enquanto gritava “abaixo o regime do MPLA na Lunda Tchokwe! Não queremos mais o MPLA na nossa terra!”

A situação de repressão que há muito se arrasta e tende a levar a população a actos cada vez mais violentos, faz com que os populares se interroguem sobre o silêncio do Presidente José Eduardo dos Santos, falando mesmo de violência gratuita na Lunda Tchokwe.

Porque é que José Eduardo dos Santos não cria uma “comissão intersectorial para investigar com profundidade a violência e as violações dos direitos humanos em toda a Nação Lunda Tchokwe? Porque é que a Assembleia Nacional está calada perante tanta

violência?”, perguntam. O município do Cuango vive “um cenário de guerra total”, descreve o secretário regional do Partido de Renovação Social (PRS), Domingos Marcos Kamone. Acrescentando que, “aqui, no Cafunfo, a tropa está fortemente armada, os seus elementos andam todos com rádios de comunicação e, inclusive, já fizeram trincheiras, barri-

eadas no meio da população do bairro”.

“Os diamantes existem para servir o angolano, em primeiro lugar. Então, o angolano não pode passar por execuções sumárias por causa de uma riqueza que devia estar ao benefício dele”, por isso, “não podemos aceitar que as pessoas morram da forma como estão a morrer aqui na Lunda Norte”, afirma

o secretário provincial da UNITA, Domingos Oliveira.

“Nós vamos investigar isso”, sublinhou o dirigente da UNITA que pediu responsabilidades ao regime de Luanda. “Na Lunda Norte estamos a morrer como animais selvagens”, denunciou Domingos Oliveira.

Para o secretário provincial da UNITA é incom-

preensível a alegada perseguição aos garimpeiros: “seria de bom grado que houvesse um diálogo com os garimpeiros, caso o Governo se quisesse apoderar da área, porque foi o próprio Governo que autorizou a exploração artesanal”, concluiu Domingos Oliveira.

A situação levou também a que o Conselho Presidencial da CASA-CE, reunido em sessão extraordinária, tomasse uma posição sobre o que considera “mais uma acção coerciva contra a população indefesa da Região da Bacia do Cuango, perpetrada com armas de fogo pelas forças combinadas, da Polícia Nacional, Forças Armadas e da Protecção Mineira, os denominados Bicuaresidos do Município de Xa-Muteba”.

Em comunicado o Conselho Presidencial da CASA-CE, “depois de analisar com profundidade a situação e sendo recorrente, deplora e condena com veemência, mais este acto bárbaro contra os pacatos cidadãos, privados de usufruírem dos parcos meios que a terra lhes proporciona para escaparem da morte por fome e miséria, muito por culpa da desastrosa governação que penaliza milhões de outros angolanos”

O Conselho Presidencial “exige às autoridades competentes que trabalhem com a maior rapidez possível, por forma a encontrarem os responsáveis directos e indirectos do ocorrido e os autores do hediondo crime, para serem presentes à Justiça”.

Neste contexto, a CASA-CE fará deslocar à região da Bacia do Cuango uma delegação, composta pelos deputados Lindo Bernardo Tito e Leonel Gomes, com a finalidade de, no terreno poderem apurar a veracidade dos factos.

O Conselho Presidencial da CASA-CE, “não descarta igualmente a hipótese de levar o assunto a debate na Assembleia Nacional”.



OBAMA QUER QUE ANGOLA LIDERE GUERRA AO TERRORISMO EM ÁFRICA

O Presidente dos EUA, Barack Obama, diz que o mundo precisa de uma África “forte e independente” e defendeu que o Estado de Direito deve ser a norma no nosso continente, onde estão referenciadas algumas das nações mais pobres em todo o mundo. Será por isso não se aplicar a Angola que o presidente norte-americano tanto elogia o regime de Eduardo dos Santos? Não. O que ele quer mesmo é pôr os angolanos a morrer pelos norte-americanos no combate ao terrorismo.

Barack Obama falava a 500 estudantes africanos que participam num programa norte-americano de intercâmbio intitulado “Washington Fellowship para Jovens Líderes Africanos”, que antecede a cimeira que, em Washington, se realizará com cerca de 50 líderes políticos africanos. O encontro com jovens pretendeu, pelo menos do ponto de vista formal, contribuir para o desenvolvimento económico e o fortalecimento das instituições democráticas em África.

Recentemente, Barack Obama convidou dirigentes de 47 países africanos a participarem numa cimeira na Casa Branca no dia 5 e 6 de Agosto para reforçar os laços com “uma das regiões mais dinâmicas” do mundo, na opinião de Washington.

O Presidente dos EUA, que sempre defendeu a necessidade de “abrir um novo capítulo nas relações entre o seu país e África”, antecipou o teor do seu discurso naquela que descreveu como uma cimeira “verdadeiramente histórica” entre as autoridades norte-americanas e os chefes de Estado e de Governo de África.



Para Barack Obama, a prosperidade e a justiça no mundo “não são possíveis sem uma África forte, próspera e independente”, considerou, salientando que a cimeira constituirá “a maior reunião de chefes de Estado e de Governo africanos já realizadas por um Presidente americano”.

Questionado por um estudante sobre quais acha que devem ser as prioridades de África, Obama respondeu: “seja quais forem os recursos de um país, se não tem um conjunto de leis, o respeito dos direitos civis e dos direitos humanos, se não tem liberdade de expressão (...) é muito raro para um país ter sucesso ao longo prazo. Nunca se conseguirá eliminar a corrupção a 100 por cento (...), mas o importante é que o Estado de Direito seja a norma”, frisou.

Como, por cá, o regime não respeita os direitos civis e humanos, não existe liberdade de expressão, e o Estado de Direito é uma miragem, tudo leva a crer que – se as previsões de Obama estiverem certas – o sucesso do país é apenas uma falácia. Mesmo assim, na prática, os EUA supostamente contradizem o que o seu Presidente ad-

voga, mantendo relações estreitas com quem se está nas tintas para princípios que os norte-americanos consideram basilares.

Um exemplo recente. O comandante do Africom (Comando dos EUA em África), general David Rodriguez, dia que Angola pode ser decisiva na resolução de conflitos e no combate ao terrorismo em África.

Para esse fim, diz o general norte-americano, deve haver uma estreita ligação entre o comando dos EUA para África e os parceiros africanos.

“Tem que haver colaboração entre o Africom e os parceiros africanos para enfrentar estes grupos terroristas violentos que não respeitam fronteiras, nas suas acções”, defendeu o general Rodriguez.

Há quem pense que os EUA, em matéria de terrorismo em África, está a alterar as suas estratégias, esperando que sejam os africanos a morrer nessa luta. Alguns especialistas realçam que a administração Obama passou a optar por operações de captura em vez de assassinatos de terroristas com drones.

No final do ano passado, os EUA lançaram recentemente dois ataques contra dois esconderijos

de alegados terroristas na Somália e Líbia. Na Somália os Navy Seals tentaram prender um líder sénior do grupo terrorista radical al-Shabab. Na Líbia capturaram um membro importante da al-Qaida, figura há muito procurada pela sua acção no atentado bombista das embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia há 16 anos.

Analistas da Rand Corporation em Washington comentaram as estratégias da administração Obama na luta contra o terrorismo e afirmam que estes ataques demonstram uma evolução na política americana: capturar e não matar.

Angel Tabasa é cientista político na Rand Corporation. Para ele, os incidentes noutras partes do mundo têm mostrado o quanto é importante a captura de terroristas. Por exemplo, na Indonésia o governo tem tido sucesso na perseguição dos membros do grupo islâmico armado Al Jamaah Islamiya.

“A polícia indonésia e os serviços secretos têm tido sucesso em desmembrar grupos e capturar os seus líderes. Eles afirmam que 90 por cento de informação que obtêm acerca dos grupos vêm de pessoas que foram capturadas ou

que colaboraram com as autoridades, ou que desertaram”, exemplifica Angel Tabasa.

Alguns analistas afirmam que as experiências do Afeganistão e da Indonésia têm mostrado que o envolvimento militar directo dos EUA, incluindo a colocação de tropas directamente em zonas de conflito, pode reforçar o apoio das populações locais aos extremistas radicais, especialmente em regiões de maioria muçulmana.

Linda Robinson, analista de política internacional da Rand com especialidade em operações de forças especiais e conjuntas, afirma haver alternativas para intervenções de alto ao alto nível dos EUA, e dá como exemplo, que Washington pode trabalhar com outros países que partilham um mesmo interesse em eliminar os terroristas na região onde se encontram.

Para Linda Robinson, os EUA “podem oferecer apoio directo, tal como o reconhecimento aéreo. Podem combinar os serviços de inteligência na recolha de informações. Podem acompanhar os países anfitriões ou as forças parceiras a localizarem o alvo, mas deixá-los a perseguir e atingir o alvo. Portanto há uma variedade de acções. Podem ficar por detrás das operações e assegurar o treino do pessoal, na preparação dos planos, no aconselhamento dos ministérios... etc.”

Linda Robinson adianta que as forças especiais são actores chaves nas parcerias e têm jogado um papel importante no treino das forças na Somália, Quênia, Uganda e Etiópia contra os extremistas da al-Shabab na África Oriental. Essas mesmas forças têm desempenhado uma acção importante no reforço da defesa civil em zonas rurais do Afeganistão.

MAIS MIL MILHÕES DE DÓLARES ILUMINARÃO OBRAS DO REGIME

O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) oficializou durante a visita do presidente da instituição a Luanda, um empréstimo de mil milhões de dólares que, do ponto de vista formal, vai ajudar o regime – que, como se sabe, é muito pobre – no sector da energia. De acordo com o sumário do despacho presidencial nº 140, de 18 de Julho, o financiamento entre Angola e o BAD foi aprovado pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos. Tudo, é claro, a bem da monarquia republicana e da democracia imposta. Além do sector energético, uma das prioridades de Angola e que também passará pela alavancagem do sector privado nesta área, o financiamento, segundo o BAD, servirá igualmente para “garantir uma maior transparência e eficiência na gestão das finanças públicas”. Santa ingenuidade. “Estas reformas têm um impacto potencial no crescimento económico e na diversificação da economia do sector não-petrolífero”, acrescenta o banco africano, num manifesto de intenções que voluntariamente tapa o sol com uma peneira e que, nas entrelinhas, passa um atestado de “matumbez” aos angolanos. Atestado esse que, aliás, é uma cópia do que todos os dias é utilizado pelo regime. Durante a visita a Angola, o presidente do BAD, o ruandês Donald Kaberuka, foi a despacho com quem manda, o Presidente José Eduardo dos Santos e o vice-Presidente, Manuel Vicente, mas também com o presidente do Fundo Soberano angolano, José Filomeno dos Santos (por mero acaso filho de Eduar-

do dos Santos), para abordar “diversos assuntos relacionados com o desenvolvimento do país”.

O Banco Africano de Desenvolvimento foi o primeiro do género criado no continente, tendo sido fundado em 1964. Conta hoje com 54 membros regionais e 24 membros não regionais. Angola aderiu ao BAD em 1980, tendo um investimento acumulado, proveniente daquela instituição financeira, na ordem dos 497 milhões de dólares.

José Eduardo dos Santos fez o favor de receber em audiência, no Palácio da Cidade Alta, Donald Kaberuka, a quem deu as instruções necessárias sobre o que deveria dizer sobre esta matéria. De acordo com o guião recebido, o Presidente do BAD esclareceu que o banco tem todo interesse em solidificar e ampliar uma “relação estratégica” com o nosso país. Para dar um ar de seriedade à questão, Donald Kaberuka foi autorizado a dizer que também falou “sobre as reformas económicas e os programas de desenvolvimento, em especial a estratégia de combate à pobreza”.

O presidente do BAD não

se esqueceu – como mandam as regras – de enaltecer as reformas operadas por José Eduardo dos Santos, facto que – disse – coloca Angola entre as três economias mais pujantes da região, lado a lado (ou até acima) com a Nigéria e a África do Sul.

“Durante o encontro abordamos questões bastante específicas que têm a ver com a criação de emprego, a redução da pobreza, o empoderamento da mulher e diversificação da economia, mas cingimo-nos muito na redução da pobreza”, ressaltou Donald Kaberuka, para quem o Governo de Angola, ao reduzir dos níveis de 60% para 38%, conseguiu mostrar ao mundo porque razão Eduardo dos Santos é considerado “o escolhido de Deus” e é, obviamente, candidato a mais do que um Prémio Nobel (o da Economia e o da Paz serão o mínimo).

Todos sabemos que, de facto, Roma e Pavia não se fizeram num dia, pelo que devemos dar ao regime pelo menos mais 30 anos para fazer do país uma democracia e um Estado de Direito.

“Quando falamos em desenvolvimento de infra-

-estruturas estamos a falar da energia, dos transportes e de outros sectores vitais de uma economia. Aplaudimos os esforços do Governo angolano nestas áreas, porque são problemas comuns na maior parte dos países africanos”, explicou reverencialmente Donald Kaberuka, não se esquecendo de salientar que sempre que vem a Angola nota grandes transformações.

Para dar um ar, embora ténue, de credibilidade a esta missão, Donald Kaberuka disse ser importante que Executivo trabalhe na efectivação do Plano Nacional de Desenvolvimento, sendo mais do que óbvio – segundo a tese do BAD devidamente avalizada pelo regime – que Angola deve trabalhar também em benefício regional e continental.

O presidente do BAD esteve também reunido com o ministro das Finanças, Armando Manuel, com quem tratou das questões burocráticas relativas ao cheque de mil milhões de dólares.

“Assinei um acordo de mil milhões de dólares para apoiar as reformas do sector da energia para que, no futuro, Angola produza

de uma forma eficiente e abrangente. Vamos trabalhar com o Ministério das Finanças para apoiar as reformas a nível financeiro e institucional”, referiu Donald Kaberuka.

“A caminhada ainda é longa, mas já é uma bom começo”, disse, Donald Kaberuka, destacando as reformas macro-económicas e fiscais no sector petrolífero: “Angola ainda tem muitos desafios, tal como outros países africanos, mas podemos trabalhar juntos para a sua solução”.

Certamente por descuido e por falta de atenção dos guionistas de serviço, o presidente do BAD exorbitou as suas funções quando disse que “é importante que todos os cidadãos sintam os benefícios”. Isto porque se esqueceu de acrescentar a que cidadãos se referia. E não fazendo essa diferenciação pode estar a incentivar falsas perspectivas nos autóctones de segunda, cuja única aspiração é serem cidadãos como os ligados ao regime.

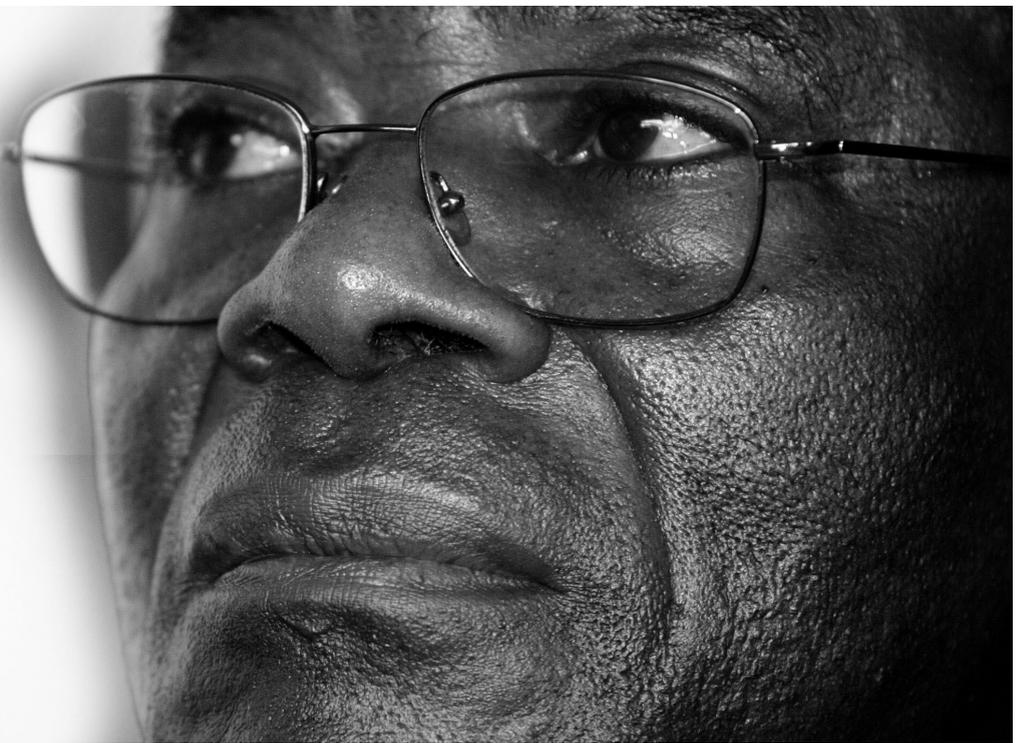
“Angola tal como outros países africanos que dependem muito do petróleo deve intensificar o seu ritmo de reformas”, explicou o presidente do BAD, acrescentando que “a riqueza de uma nação não é necessariamente o que está debaixo do solo ou do subsolo, mas sim o que está no conhecimento de homens e mulheres, crianças e jovens”.

Como já estava a ser flagrante a ideia de Donald Kaberuka querer ensinar o padre nosso ao vigário, o presidente do BAD foi aconselhado a acabar as suas divagações sobre aspectos da política interna, desde logo porque não foi para isso que se deslocou a Luanda. E ele calou-se. Mas deixou o cheque.



CORRUPÇÃO E PETRÓLEO ABREM AS PORTAS DA CPLP AO REINO DE TEODORO OBIANG

POR JOÃO DIAS MIGUEL



Um pequeno país corrupto e torturador, mas rico em petróleo, onde nunca se fa-

lou nem falará português, entrou quarta-feira para a CPLP. Que país é este?

Em 1968 um obscuro funcionário público, que falhara três vezes o exame de admissão à carreira, subia ao poder, nas primeiras, e até agora únicas, eleições livres alguma vez realizadas na Guiné Equatorial (GE), então um acidente da história da colónia recém independente de Espanha. Francis Macias Nguema, um marxista que, mesmo assim, não hesitava em chamar a Hitler o “salvador de África”, era um homem doente, perseguido por pesadelos, que tinha por hábito fumar marijuana, beber iboga (com efeitos semelhantes aos do LSD) e jantar sozinho com fantasmas, com quem conversava longamente. Ficou conhecido como “o milagre único”.

Reinou durante onze anos, tendo distribuído cargos pelos seus familiares. Entre estes estava um sobrinho, o tenente-coronel Teodoro Nguema Obiang, governador militar da Ilha de Bioko e da capital, Malabo, bem como responsável pela famosa prisão Playa Negra, onde eram encarcerados os opositores políticos. Aqui, um dos divertimentos eram as

“danças de sábado à noite”, em que um prisioneiro era obrigado a dançar à volta da fogueira durante horas, enquanto cantava laudas ao ditador.

Quando se cansava, era espancado com barras de metal incandescente, aquecidas nas brasas. Segundo o historiador Randall Fegley, o actual presidente da GE, Teodoro Nguema Obiang, dirigia, pessoalmente, muitos dos homicídios neste centro de tortura. Mais. Teodoro era para Macias “aquilo que Heinrich Himmler era para Adolfo Hitler”.

O regime era então conhecido como o “Dachau de África” e não foi sem satisfação que o resto do mundo assistiu ao golpe de Estado que Obiang liderou contra o seu tio, em 1979. Macias foi julgado e executado - mas por “apenas” 157 assassínios que não implicavam nenhum dos golpistas. Obiang foi recebido de braços abertos pela comunidade internacional, disposta a esquecer o passado em prol de uma promessa de abertura. O rei Juan Carlos de Espanha jantou em Malabo e, em 1981, o país recebeu até a visita de João Paulo II.

Mas a Guiné Equatorial continuou a aparecer nos relatórios das organizações internacionais como um regime pária e ditatorial. Até meados dos anos 90, era tido como um “narco Estado”. O general brigadeiro Obiang foi “ree-

leito”, em 1982, 1989, 1996, 2002 e 2009, sempre com percentagens superiores a 97% dos votos - em 2002, um círculo eleitoral conseguiu até atribuir-lhe 103 por cento. Os velhos modos de fazer política não mudaram e Obiang nomeou familiares directos para os cargos mais importantes - filhos das suas cinco mulheres e familiares próximos ocupam, até hoje, ministérios, direcções-gerais, rádios, cargos militares e grandes empresas, apropriando-se da riqueza do Estado. Ao mesmo tempo, silencia opositores políticos, recorrendo à tortura e a execuções.

Com a descoberta de petróleo, em 1996, a cleptocrática oligarquia familiar torna-se numa das dinastias mais ricas do mundo. O país começa a ser conhecido como o “Kuwait de África” e as grandes petrolíferas mundiais - ExxonMobil, Total, Repsol - instalam-se lá.

Obiang é, hoje, um dos dez chefes de Estado mais ricos do planeta - e o ditador há mais tempo no poder. Em 2011, ele tinha, só nos EUA, mais de 700 milhões de dólares em contas pessoais e o seu filho favorito fazia planos para comprar um iate por uns meros 360 milhões, o dobro do orçamento do país para a Educação. A pena de morte está suspensa - condição exigida para que a GE pudesse entrar na CPLP. Mas os opositores políticos

continuam a ser presos e torturados e nenhum mecanismo impede as execuções extrajudiciais. O dinheiro, esse, continua a jorrar.

Poucas histórias ilustram esta fantástica riqueza como a de “Teodorin” Obiang, o diminutivo pelo qual é conhecido o ex-ministro das Florestas, vice-presidente e herdeiro do regime. A sua riqueza é conhecida por causa dos processos que lhe foram interpostos na justiça dos EUA, de França e de Espanha, por lavagem de dinheiro e corrupção.

Trata-se de um playboy excêntrico, que gosta de se apresentar como “príncipe”, e de fazer uma vida consentânea, entre Paris e os EUA, no seu jacto, que usa como se de um táxi se tratasse, e na qual, segundo a Foreign Policy (FP), não faltam festas com acompanhantes de luxo, drogas e até tigres. Na Cidade Luz, é dono de uma mansão de seis andares, na avenue Foch, uma das mais caras da cidade, e tem automóveis avaliados em mais de 40 milhões de euros.

Na Califórnia, é proprietário de uma mansão em Malibu e tem como vizinhos Mel Gibson e Britney Spears. Mas esta não é uma mansão qualquer, mesmo para os padrões locais: são 1 400 m² de construção, com oito casas de banho e um número igual de lareiras, piscina com vista para o Pacífico, campo de ténis

e de golfe - e há 36 carros de luxo na garagem (sete Ferraris, cinco Bentley, quatro Rolls Royce's; dois Maybach...). O príncipe faz questão de pôr todo o pessoal (jardineiros, seguranças, criados) em fila, quando chega e quando parte deste seu “palácio”.

O seu antigo motorista, Benito Giaccone, conta que ele pedia os carros de forma a condizerem com a indumentária: “Estou de sapatos azuis, traz-me o Rolls azul”. Certa vez, no Hermitage, fê-lo regressar de táxi à mansão, pois, quando verificou que as pessoas paravam para admirar o seu Bugatti Veyron, quis que fosse buscar o segundo, para que os visitantes do museu soubessem que tinha dois. Trata-se, diz um diplomata americano à FP, “de um idiota imprudente e instável”. Mas um com o qual os EUA - e Portugal - terão de lidar, num futuro próximo.

Prisões arbitrárias, execuções extrajudiciais, tortura, ausência de liberdade de expressão e de associação. Ausência de tribunais independentes e de Estado de direito, corrupção oficial generalizada. Eleições fraudulentas, restrições à existência de partidos políticos. Violência e discriminação contra crianças, mulheres, gays e pessoas com HIV. Estas são, para o Departamento de Estado dos EUA, algumas das características da Guiné Equatorial.

ANIVERSÁRIO DE JES NÃO SERÁ



SÉ um prazer notar que as observações, reclamações e outras considerações do Folha 8 são levadas em consideração pelas entidades ou personalidades por elas visadas. Claro que todas essas reacções a críticas nossas podem muito bem, entre elas, apenas ter uma relação fortuita, e as causas das mudanças por nós preconizadas não terem nada a ver com o teor dos nossos artigos. Mesmo assim, é um prazer que as coisas mudem, desde que seja para melhor. Nessa perspectiva muito grato nos é constatar que o exageradíssimo alarde feito estes últimos anos em redor do aniversário do Presidente da República – mais de um mês antes até mais de um mês depois do 28 de Agosto –, frequentemente apontado pelo Folha 8 como um arcaico hábito de regimes totalitários, tão ridículo como funesto (veja-se Staline, Hitler, etc.), este ano tem-se singularizado por uma significativa discrição. Segundo informações de uma fonte idónea próxima da Casa Civil da Presidência da República, no decorrer das festividades natalícias do PR do ano passado, teria sido o presidente Eduardo dos Santos em pessoa quem sugeriu não se fizesse tanto estardalhaço em torno do seu dia de anos (o qual, numa gralha simpatiquíssima, o J.A. do 24 de gosto desse ano designou como sendo o 28º aniversário de JES). Enfim, por uma vez o nosso Presidente manifestou o seu acordo com um artigo do Folhinho, e isso, digamos a verdade, dá-nos muito prazer. Este anos estamos em crer que os contornos da efeméride pautem pela simplicidade

AS “ATÍPICAS” TAXAS INFORMAIS ANGOLANAS

O negócio a que aludimos neste artigo vai da paragem da Moagem no Rocha Pinto até à rotunda das Cartas ou da Padaria, umas largas centenas de metros de comprimento, milhares de metros quadrados de superfície e centenas de vendedoras ali sentadas à espera de clientes eventualmente interessados nos seus produtos. O problema é que elas não são proprietárias desse espaço comercial e evidentemente deviam ter que pagar as devidas taxas para poder exercer a sua actividade de venda. Mas, oficialmente não pagam, porque aquilo no fundo não é espaço comercial nenhum, são simplesmente as bermas do que deveria ser uma auto-estrada, que também não é nada disso, porque os patrícios estão-se borrifando para as pontes e atravessam a malograda auto-estrada por toda a parte em que haja hipótese para isso. Felizmente, estão ali os polícias da Ordem Pública, que aparecem sempre em cima de carros azuis, saltam para o chão e percorrem as tais bermas onde estão as quitadeiras, fazendo-se pagar as indevidas taxas à módica quantia de 50 kz por cada uma delas. Se houver 500 quitadeiras (há mais) isso dá, todos os dias, uns 25.000Kz em caixa, o suficiente para arredondar com algumas boas “birras” os fins de mês sempre curtos em kumbú



PROJECTO DE LEI DO F8

UPara minimizar os tremendos estragos causados pelos jogos de sorte, lotarias e outras rodinhas da fortuna, o Governo angolano e não só, pois o povo ajudou, conseguiram erradicar essa “droga”. Ficaram as outra, álcool, tabaco, casinos e seitas religiosas, com as quais sugerimos que se faça como os suecos e noruegueses fazem.

Esses nortenhos europeus, cientes dos males causados por drogas tão nocivas, pespegam em cima dos seus comercializadores, primeiro, uma brigada especial designada a dedo e com missão de seguir a par e passo todas as actividades ligadas à sua distribuição nos mercados oficiais, segundo, impõem uma taxa sobre os lucros arrecadados na ordem dos setenta a oitenta por cento, isto para não dizer, em alguns casos, noventa por cento.

Certo é que, se esta lei for avante, o Governo de Angola contribuirá para que os operadores desse tipo de actividade lucrativa, todos esses jogos de “boa fortuna”, deixem de aparecer por aí à toa numa ameaça imediata de falência da maioria deles a curto ou médio prazo, com as inevitáveis falcaturas que sempre se lhe seguem. E pela mesma ocasião impedir-se-á que se produzam em Angola dramas familiares ligados à falta dinheiro por causa do jogo. Feito isso, os valores arrecadados na colheita dessas taxas será aplicado em obras de carácter social de assistência a todos os angolanos que se encontrem na valeta, sem eira nem beira e sem ninguém que lhes acuda, alguns deles por causa do jogo, do álcool ou das seitas.

GREVE NA REFINARIA DE LUANDA



A Refinaria de Luanda encontra-se paralisada desde o dia 07 de Julho, devido a greve imposta pelos trabalhadores da empresa Sambiente Lda, como resultado das más condições laborais existentes, disse um dos responsáveis ao F8

TEXTO DE DIONÍSIO HALATA

Os trabalhadores exigem da entidade empregadora melhores condições de serviços, que se consubstanciam no aumento salarial, assistência médica e atribuição de um subsídio de risco, tendo em conta a natureza perigosa da actividade que desenvolvem, afirmou o porta-voz dos grevistas, Domingos Francisco. Domingos Francisco acusa a direcção da Sambiente Lda de irregularidades, na medida em que esta efectua os descontos referentes a segurança social, mas nunca os deposita na caixa do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS), acto considerado atentatório à Constitui-

ção e a Lei Geral de Trabalho em vigor. “Há indivíduos, no grupo, que prestam serviços há mais de trinta anos na Refinaria, auferindo um salário de 34 mil kwanzas e sem esperança de ver assegurada a pensão de reforma”, reafirmou Domingos Francisco. Segundo o mesmo, para além desta situação, a direcção da Sambiente Lda assim como a Sonangol Refinaria de Luanda suspenderam a atribuição do subsídio de alimentação, transporte e cabaz aos trabalhadores, facto que tem criado inúmeros constrangimentos a vida daqueles profissionais, desde 2007. Vivo nas imediações do Jumbo, e todos os dias sou obrigado a vir de táxi,

pois cada falta custa 10 mil. Por termos reclamado desse assunto nunca mais deram-nos o talão de vencimento, descontam e pronto. É inadmissível. Somos todos angolanos, mas é preciso que o rico respeite o pobre, disse Manuel Mateus. Agastado, Manuel Mateus afirmou que a empresa jamais cumpre com o estabelecido no contrato e pese embora os esforços efectuados pelos trabalhadores a fim de encontrarem uma solução, esta remete-se ao silêncio total; eles não dão ouvidos a ninguém, nem mesmo ao Ministério dos Petróleos”, disse. O trabalhador Augusto Pedro considera que os trabalhadores estão a mercê da sua sorte, pois

há um esquema entre a Sambiente Lda e a Sonangol Pesquisa & Produção, detentora da Refinaria de Luanda; “fui obrigado pela Sonangol a vos receber; não sou vosso patrão”, foi o que ouvimos do responsável da Sambiente Lda. O nosso labor naquele estabelecimento petrolífero é muito antigo, pois somos indivíduos provenientes de empresas já extintas, como JADA, CDTE e ANAYA, que sempre estiveram ligadas a prestação de diversos serviços à Refinaria de Luanda; Quando a Sonangol tomou as rédeas da mesma fomos entregues a Sambiente, sem contudo termos sido indemnizados pelo tempo que permanecemos nas instituições

anteriores, disse Ernesto Jacinto, um dos delegados da greve. “Dedicamos a vida inteira à limpeza de resíduos sólidos industriais e técnicos nos reservatórios e tanques de petróleo bruto, gasóleo, geta, separadores de caixas e drenagem, assim como temos vindo a fazer reparações de taludos e fornalhas; a recompensa é os míseros 34.546 kwanzas; é desumano”, afirmou o mesmo. No âmbito do contrato existente a Sambiente Lda. e a Sonangol, o grupo composto por operadores de máquinas, estafetas, motoristas, pedreiros e carpinteiros também tem a tarefa de apoiar o porto petrolífero bem como a linha de transporte de água para a Refinaria.

NA LUNDA SUL

GOVERNADORA ACUSADA DE USURPAR BEM PÚBLICO

O presidente da Associação do Movimento do Protectorado José Mateus ZecaMutchima, acusa a governadora da Lunda Sul, Cândida Narciso de apoderar-se do Cine Chicapa para construção de uma clínica

TEXTO DE LUÍSA PEDRO

Algumas infraestruturas arquitetónicas deixadas pelos portugueses continuam a degradar-se, não só pelo abandono, por parte do Estado, como ainda pelo facto de não se afectarem aos cidadãos interessados, em terras



da Lunda Sul. “Eles não nos arrendam os imóveis para ficarem com tudo”, reclama Jonas Kulissingue, apontando como exemplo

a afectação de um imóvel público, o Cine Chicapa, a favor de quem tem o poder de decisão, mais concretamente a própria governadora provincial, acusada de, alegadamente, transformar esse bem cultural, numa clínica privada. O presidente da Associação do Movimento do Protectorado, José Mateus

Zeca Mutchima afirmou ser esta “a milagrosa criatividade dos governantes do regime do Presidente José Eduardo dos Santos/MPLA, de transformarem o Cine Chicapa em clínica e restaurante para benefício próprio, que por sinal são os mais caros da província”, acusa, acrescentando não ser este o único

imóvel, pois “o mercado municipal localizado no centro da cidade, também foi ocupado para fins pessoais e sem consentimento dos munícipes, que agora são obrigados a vender, uns e a comprarem, outros, em mercados populares, fora da cidade, numa cidade onde há falta de transportes públicos”, concluiu.

MENTIRAS INSTITUCIONAIS

REGIME PROMETE UM MILHÃO DE EMPREGOS EM 2008 PROMETERA UM MILHÃO DE CASAS

O Executivo pretende criar “mais de um milhão de empregos directos” até 2017 com “legislação que facilite” o acesso dos jovens ao mercado de trabalho, disse o chefe da nossa diplomacia. “Um milhão” é, aliás, a imagem de marca do regime. Em 2008 também era prometida a criação de um milhão de casas, bem como a construção ou reconstrução de 1.500 pontes e a reabilitação de mais de 12 mil quilómetros da rede nacional de estradas até... 2012.

O anúncio do tal “mais de um milhão de empregos directos” foi feito em Nairobi, no Kénia, pelo ministro das Relações Exteriores, Georges Chikoti, durante a intervenção na Cimeira sobre a Juventude e Emprego da Conferência Internacional da Região dos Grandes Lagos (CIR-GL), presidida por Angola. “O Governo angolano espera criar até 2017, à luz do Plano Nacional de Desenvolvimento da Juventude [PNDJ], mais de 1.000.000 de empregos directos, com a definição de legislação que facilite que os jovens sejam beneficiários, sem constrangimentos de nenhuma ordem, pelos empregadores no acesso ao primeiro emprego”, disse o governante.

Georges Chikoti sublinhou que estas iniciativas estão apoiadas no Fórum Nacional de Auscultação à Juventude, lançado (como não poderia deixar de ser no âmbito do culto ao chefe) pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos, “para abordar e facilitar os processos” que visam a “inserção” dos jovens na sociedade.

Uma iniciativa alicerçada pelo PNDJ 2014/2017, instrumento que envolve

30 ministérios, 312 programas, 325 medidas de políticas, que se encontram distribuídas em 39 programas de âmbito nacional, 26 programas de âmbito provincial e 24 programas de âmbito municipal.

Fruto da execução deste plano, afirmou Georges Chikoti, foram criados em 2014 um total de 141.294 empregos para jovens dos 18 aos 35 anos, nomeadamente nos sectores da economia e da administração pública. Em termos de formação Profissional, disse ainda, estão em funcionamento 541 centros públicos e privados e foram matriculados, também este ano, 30.802 jovens.

“No mesmo período, foram formadas cerca de 212 microempresas nas comunidades, em matéria de empreendedorismo e gestão básica de pequenos negócios”, acrescentou o ministro, durante a intervenção nesta conferência dedicada aos assuntos da juventude no seio da CIR-GL, que envolve doze países africanos.

Sublinhando os “vários anos de conflito armado” que se viveram no país, o Executivo angolano garante que o tempo é agora de “estimular” os jovens “a promover a paz, segurança, estabilidade e desenvolvimento sustentável”. Há dois anos, o Presidente disse, em Luanda, ter chegado a hora de “crescer mais e distribuir melhor”. Falando no Comité Central do MPLA, José Eduardo dos Santos recuou até às promessas para as eleições de 2008, confortavelmente vencidas (até com os votos dos mortos) pelo MPLA, considerando que o balanço é positivo, dando como exemplo as “realizações e os empreendimentos inaugurados quase todas as semanas”.

“O país está de facto a mudar para melhor e há

avanços e crescimento em todos os domínios”, mas para o MPLA, defendeu, importa que “o desenvolvimento social seja tão dinâmico como tem sido o crescimento económico”.

Embalado, Eduardo dos Santos disse que “muito ainda estava por fazer”, mas mostrou-se convicto da “nova Angola” que está a surgir, “pronta para iniciar uma nova etapa da sua história, na qual todos os nossos esforços estarão voltados para os mais desfavorecidos, aqueles que mais sofrem porque têm pouco ou quase nada”.

Sem se comprometer com metas, como sucedeu nas promessas de criação de empregos ou a construção de um milhão de casas, feitas em 2008, José Eduardo dos Santos passou para algo mais vago mas dentro das bitolas dos estados de direito (coisa que Angola não é). Isto é, o futuro passa por um Programa de Estabilidade, Crescimento e Emprego.

“Através dele vamos unir, ampliar e acelerar as iniciativas destinadas a garantir mais empregos, aumentar a oferta de água e energia, melhorar os serviços de Educação e Saúde, a estimular a produção nas zonas rurais e a incentivar a criação e o fortalecimento das micro, pequenas e médias empresas angolanas”, explicou Eduardo dos Santos.

E, como não poderia deixar de ser, o presidente garantiu que o MPLA “fará a sua parte para a manutenção de um clima de paz, tolerância, harmonia e confiança”.

José Eduardo dos Santos disse no dia 6 de Outubro de... 2008 que o Governo ia aplicar mais de cinco mil milhões de dólares num programa de habitação que incluiria a construção de um milhão de casas.

O Presidente admitia, mo-



desto como é, que “não seria um exercício fácil”, tendo em conta que o preço médio destas casas, então calculado em cerca de 50 mil dólares. Apesar de tudo assegurou que “já se estava a trabalhar” nesse sentido.

No seu discurso de então, Eduardo dos Santos observou que a escolha de Luanda para acolher o acto central do Dia Mundial do Habitat tinha a ver com o reconhecimento pela mais alta instância internacional (ONU) da filosofia e estratégias definidas pelo Governo angolano no seu programa habitacional para o período 2000/2012 e que já estava, disse, a ser aplicado.

“O objectivo dessa estratégia é proporcionar melhor habitação para todos, progressivamente, num ambiente cada vez mais saudável”, disse Eduardo dos Santos. Não se sabe se ainda alguém se recorda disso... Mas se não se recorda, aí está agora a mesma história.

Nesta perspectiva considerou que o executivo de Luanda estava em “sintonia” com as preocupações e a “visão” da organização das Nações Unidas, quando coloca como questão central, como necessidade básica do ser humano, fundamental para a construção de cidades e sociedades justas e democráticas, a questão da habitação.

Segundo Eduardo dos Santos, “em Angola, como em quase todo o mundo, o fenómeno da urbanização veio acompanhado de grandes problemas ambientais, tais como a produção de resíduos domésticos e industriais, a

poluição, o aumento do consumo da energia e água e o surgimento de águas residuais”.

“Para evitar ou minimizar-se esses problemas impõe-se a adopção de uma política ambiental rigorosa e abrangente”, apontou o Presidente, garantindo que o combate ao caos urbano que se instalou nas cidades e no território em consequência da prolongada guerra civil, está a ser feito através de modelos integradores, geográficos, económicos e ambientais. A atenção estava, ainda segundo o Presidente da República, centrada na “construção ilegal e não autorizada” e também numa política que procura “evitar assimetrias regionais e o abandono do interior”.

Eduardo dos Santos frisou ainda que as “linhas de força” traçadas pelo Governo estavam orientadas para uma “cooperação activa” entre a administração central e local do Estado, entre o sector público e o privado, com vista à execução de uma nova política que contribua para “a geração de empregos, para o desenvolvimento harmonioso dos centros urbanos, para a eliminação da pobreza e da insegurança, e para a eliminação também das zonas degradadas e suburbanas”.

O presidente anunciou igualmente na altura (2008) que seria “cada vez mais acentuada” a preocupação com a urbanização das cidades angolanas e que serão “incentivadas políticas que diminuam a circulação automóvel nos centros dos grandes aglomerados urbanos”..

NEGÓCIO BILIONÁRIO BLUE OCEAN

GOVERNADOR ACUSADO DE NÃO CONTROLAR ILEGALIDADES

A província de Benguela está neste momento em ebulição, face ao ressurgimento de uma nova zona imobiliária, que será erguida na Baía Azul.



TEXTO DE ZÉ MANUEL*

O governo provincial depois de um plano de massas, procedeu ao loteamento de uma área de 650 hectares de terra, com uma excelente vista para o mar e ladeando uma das mais emblemáticas montanhas da região.

Os cidadãos interessados podem habilitar-se a um talhão de terra, de mil metros quadrados, no valor de 10 mil dólares, pagos ao gestor do projecto bilionário, a Blue Ocean, com um escritório técnico, na Baía Azul.

“Esta empresa é uma fachada, pois a gestão directa, parece estar conotada ao próprio governador, através da Horizonte Global, que dizem ser ele, acionista maioritário”. Entretanto uma fonte de F8, disse não corresponder a verdade, uma intromissão ou privilégio, por parte do governador ao projecto.

Consta que a Horizonte Global, esteve antes sediada na província da Huíla, com sucursal no Moxico e agora em Benguela, está com armas e bagagens”, disse um corrector imobiliário da região.

No anúncio público deste projecto milionário, da Blue Ocean, Isaac dos Anjos falou sobre os meandros e o impacto social da empreitada, concebido durante o consulado de Dumilde Rangel, garantindo o seu empenho pessoal e do executivo que dirige, para o êxito do projecto.

Para os críticos ficou a mancha, de sem concurso público, a gestão ter sido adjudicada de forma directa e privilegiada.

“Não é verdade que o governo tenha interferido na escolha das empresas, a verdade é termos recebido a melhor oferta de gestão e com ganhos para o Estado”, disse Belarmino Chipeyo.

Actualmente a empresa Horizonte Global, arrendou, como local para sede,

precisamente, um ex-imóvel, conhecido como residência antiga do governador.

Actualmente esta sociedade tem capitais angolanos e portugueses.

A avalanche de clientes, com destaque para os vindos de Luanda, abarrotam diariamente os escritórios da HG, mas alguns manifestam sinais de desconfiança, quanto a garantia jurídica, sobre a transferência dos talhões, para a esfera individual, uma vez, muitos terem recorrido ao crédito bancário.

No entanto, para se dissiparem muitas dúvidas, os pagamentos, não são em dinheiro, mas por depósito bancário, junto dos balcões do BCI, numa conta particular e não da CUT (Conta Única do Tesouro).

Pese este facto, ainda persiste, o cepticismo talvez, pelo facto dos gestores lusos serem expatriados e se temer uma fuga, com o dinheiro arrecadado e a arrecadar.

“Quem nos vai passar o documento, para nos habilitarmos ao título de propriedade, para posterior registo da Conservatória do Registo Predial?”, esta é a dúvida de João António.

“

Blue Ocean poderá revolucionar o parque imobiliário de Benguela e as instâncias turísticas na região

”

Contactado o Gabinete Provincial do Plano este não tem dados, sobre o assunto, tal como a Administração Municipal da Baía Farta, que diz ainda não terem recebido nenhum processo proveniente da HC.

A conta bancária onde se procedem os depósitos é da “Embelezamento da Cidade”, ao invés da CUT, como atrás referimos.

Actualmente as infraestruturas ainda não estão ao nível do prometido pelo governador Isaac dos Anjos.

“Esperamos que isso venha acontecer em breve, pois com o dinheiro eles podem melhorar o projecto, uma vez não estar a ir para a CUT, mas numa conta privada. Esperamos é não haver fuga ao fisco, nem desvio de milhões de dólares, por isso se apela a vigilância e acompanhamento rigoroso por parte do governador provincial”, disse o investigador e economista Mário Conde.



“
Benguelenses pedem e esperam de Isaac dos Anjos um rigoroso controlo deste projecto imobiliário, que poderá ser a sua meniona de olhos bonitos
”



O BO foi lançado, em Benguela em 2007 pelo Grupo Taminvest Angola em parceria com um grupo empresarial do então governador Dumilde Rangel e no mesmo ano ganhou o prémio “Feira Constoi Angola 2007”, mas a exo-

neração de DR, no cargo de governador provincial de Benguela, ditou o fim da continuidade do referido projecto, até mesmo no tempo de Armando da Cruz Neto. Agora foi retomado e em força, com base na visão comercial de

Isaac dos Anjos, por uma equipa de conceituados técnicos angolanos e estrangeiros, vindos de fora da província, onde pontifica o ex-vice ministro das Obras Públicas, Armino Kupingo, prescindindo de todos os quadros locais

que desbravaram o terreno, inicialmente. O jurista Valdino Sima, afirmou que o artigo 63.º da Regulamentação da Concessão Geral de Terrenos, diz apenas que a receita líquida arrecadada com a venda de terrenos é

depositada na Conta Única de Tesouro, sendo omissa se o depósito é feito directamente pelo cidadão na CUT ou é o órgão gestor do projeto ou da administração pública, enquanto detentora do espaço de terra.

OPOSIÇÃO NA PROVÍNCIA EXIGE TRANSPARÊNCIA QUANTO A GESTÃO DO PROJECTO BLUE

O secretário provincial da UNITA, Alberto Ngalanela reagiu ao facto dos

tas resultantes da venda dos lotes do projecto Blue Ocean, numa conta que

O secretário provincial da CASA CE, Francisco Viena foi preemptório: “as recei-

Tesouro Nacional”, afirmou. Por outro lado, acrescentou que a banalização



depósitos estarem a ser feitos em conta particular, solicitando ao executivo de Isaac dos Anjos, que clarifique as motivações dos depósitos das recei-

“cria dúvidas”. O político ainda questionou: “estes valores vão ser aplicados para o desenvolvimento de Benguela ou de particulares?”



tas resultantes da venda de terrenos não devem ter destino diferente se não o

da instituição do Estado, não é boa, pois não se pode confundir a gestão pública

“
As receitas resultantes da venda de terrenos não devem ter destino diferente se não o Tesouro Nacional”
”

da privada, cunhando na primeira, as impressões digitais do governador de Benguela, demonstrando estarem as instituições públicas a reboque do poder político, face a posição dupla de Isaac dos Anjos, de governador e 1.º secretário do MPLA.

***Em Benguela**

SEGURO AUTOMÓVEL

VANTAGENS, DESVANTAGENS E FRAUDES

A Passa poucos minutos das 19 horas quando, no bairro da Vila Ali-

ce, uma viatura de marca Suzuki Alto embateu numa outra de marca Toyota Corola como consequência do condutor do Suzuki, no caso uma senhora ignorar que se aproximava à uma via com prioridade e que, pelo facto, a viatura que seguia enfrente tinha parado a marcha. Ultrapassou a viatura parada e embateu no Toyota Corola.

Testemunhas aproximaram-se ao caso e não existia dúvidas quando o culpado da situação que, no entanto, por alguns segundos ainda tentou escapar-se. “É verdade que a via do senhor tem prioridade mas a prioridade não é absoluta”, argumentava para espanto da vítima e das testemunhas.

“A senhora tem coragem”, argumentavam, mas rapidamente aperceberam-se que condutora estava ligeiramente embriagada e, pelo facto, deram algum desconto aos argumentos dela. “Só poderia ser, está bêbada”, murmuravam, enquanto a cidadã ligou para os respectivos familiares que minutos depois estavam no local onde, rapidamente, também concluíram que a cidadã tinha sido a culpada.



nificada, enquanto a que embateu danificou o pára-choques e também o guarda-lamas.

A confirmação de que a viatura culpada tinha o seguro em dia amenizou os ânimos, sobretudo porque o proprietário da viatura vítima não se mostrou preocupado com a suposta demora na recuperação da mesma pela via do seguro.

“Os danos não muito grandes, podemos levar num bate-chapa bom que temos ou senhor prefere esperar pelo seguro que um pouco demorado como deve saber”, argumentou um dos familiares da senhora.

O proprietário da viatura vitimada manifestou interesse pelo seguro, argumentando que se tivessem

que levar em algum bate-chapa sem fazer recurso ao recurso ao seguro seria ele a escolher. Certamente, acrescentou a vítima, poderia existir discordância em relação ao preço.

SEGURADORAS DEVEM INVESTIR NA INFORMAÇÃO

Facto é que as partes concordaram seguir pelo seguro o que deixou a entender que ambas desconheciam os passos que deveriam dar. Uma situação que mostra que as seguradoras devem investir na informação aos segurados. Uma vez que o carro estava segurado pela ENSA, bastava e era necessário que ligassem para o call center da seguradora para saber dos passos que mar-

cariam, mas os envolvidos no acidente desconheciam tal procedimento.

Desta feita, combinaram que iriam à ENSA na segura-feira seguinte (o acidente foi num sábado) a culpada cedeu a documentação, trocaram os contactos telefónicos e cada um seguiu para o seu caminho. Já em casa é que o proprietário da viatura vitimada foi informado por um amigo da necessidade de ligarem e, sequencialmente, ligou a informar na culpada que assim procedeu e foi informada que deveriam fazer uma foto do carro e ainda que seria bom que a polícia estivesse presente, mas não já não era possível porque as partes entenderam-se. Mais: foram também informados que tinham

48 horas para informar à seguradora. Uma questão se impõe. Quantas pessoas desconhecem estes procedimentos? Inúmeras pessoas confessaram à reportagem desconhecer o procedimento em caso de acidente.

EM PRESENÇA DE UMA FRAUDE

O seguro automóvel está entre os mais propensos para as fraudes. As práticas mais correntes são a tentativa de inflação dos orçamentos da reparação dos danos resultantes dos sinistros. Segundo especialistas das operadoras, como os clientes reconhecem que as seguradoras por vezes optam por indemnizar o proprietário da viatura em valores monetários, chegam a um acordo com as oficinas reparadoras para emitir pró-formas com valores acima do que realmente custa para reparar a viatura.

Porém, as seguradoras também facilitam as fraudes nos seguros automóveis visto que em muitos casos realizam o acordo sem certificar a existência ou o estado da viatura. Uma situação muito aproveitada pelas pessoas, segundo admitiu alguns dos especialistas.



C

ONSULTÓRIO MÉDICO



LUÍS FILIPE*

DORES DE CABEÇA (CONTINUAÇÃO)

Quando o vento frio ataca, o frio constri-ge o luo (meridiano) e causa cefaleia que se irradia para as costas na região dorsal e pescoço. Essa dor piora quando encontra vento. Por causa disso, os pacientes preferem usar chapéu ou capuz. Esses pacientes também se queixam de medo do vento e frio. Nesses casos, não há sede em particular, há língua com revestimento branco e o pulso é flutuante e apertado. Os princípios terapêuticos necessários para o tratamento desses casos são eliminar o vento, dispersar o frio e acabar com a dor. Quando o vento quente ataca, as pessoas têm cefaleias e tonturas ou têm dor distendida e quente. Se for grave, há cefaleia forte que piora com o calor e pode ser aliviada pelo frio. Esses pacientes tipicamente têm a face ruborizada, assim como os olhos sempre vermelhos, sede inquietação, obstipação, urina com coloração bem carregada, febre, aversão ao vento, saburra amarela na língua e pulso rápido. Nesse caso, os métodos de tratamento devem consistir da eliminação do vento, limpeza do calor, e anulação da dor. Quando o vento e a humidade atacam o

yang claro e causam dor de cabeça, os sintomas são cefaleias como uma faixa apertada ao redor da cabeça que piora em dias

chuvosos, peso e cansaço nos membros, digestão pastosa, dificuldade para urinar, fezes moles, saburra da língua gorduro-

sa e branca, pulso lento e suave. Nesses casos, é necessário eliminar o vento, a humidade e anular a dor. Na cefaleia crónica devida

a ataque externo ou estagnação do fogo da fleuma, o vento do mal vai directamente para o cérebro e volta para a cabeça como cefaleia. Esse tipo de dor de cabeça vai e vem e surge com facilidade. Ela tende a recorrer quando o tempo fica pior e também volta quando o paciente está sob stress emocional, ou com raiva ou deprimido. Nessa ocasião, a dor de cabeça pode ser tão forte que o paciente é incapaz de abrir os olhos ou levantar a cabeça e pode até sentir-se confuso. A lesão interna também causa dor de cabeça. A cefaleia por lesão interna pode estar relacionada com o Fígado, Rins ou Baço. O Fígado está relacionado com as emoções e quando uma pessoa está com raiva ou deprimida, o yang hepático ascende para causar dor de cabeça acompanhada por tontura. Essa dor de cabeça fica melhor ou pior dependendo das emoções do paciente. Quando o paciente está com raiva, a dor de cabeça piora, o paciente não pode dormir bem e há zumbido nos ouvidos, gosto amargo na boca, língua vermelha com saburra fina e amarela, obstipação e urina muito carregada. Nesses casos, é necessário acalmar o Fígado, submergir o yang, limpar e purgar o sangue hepático.

*(continua)





DOMINGOS CHIPILICA EDUARDO

CIDADANIA

OS JUDAS DO SÉCULO XXI

A vida política angolana é recheada de virtudes e vícios, que jamais se apagarão na memória. Gostaríamos, entreter-vos numa reflexão; um assunto tabu; a segurança, a perseguição dos Serviços Secretos e de Inteligência. Dito de outro modo, os nossos actos que são seguidos por “OS JUDAS.”

As sagradas escrituras caracterizam Judas como um dos discípulos de Jesus Cristo, àquele que O entregou nas mãos dos malféitores. O traidor; aquele que desvirtuou todo o percurso honroso e feliz que o destino reservava para toda a humanidade. Arrependido, enforcou-se barbaramente. Ele conclui que o seu acto foi um fracasso total. Embora haja quem defenda que ele terá sido vítima de Deus.

Tem havido por parte de muitos irmãos o medo generalizado, de forças e pessoas que podem nos entregar e desaparecermos facilmente da terra dos vivos. Temem-se muitos os homens da inteligência e segurança “desnecessariamente”. A lei magna de Angola nos artigos 11.º e 212.º consagram o respeito a lei e a protecção do espaço territorial angolano e a vida de todos os cidadãos. E não contrariamente, como se tem infelizmente propagado.

Certa vez conversávamos com alguém, disse-nos que foi confundido inúmeras vezes por ser da “bófia” pelos seus amigos da sociedade civil, da imprensa ... Ninguém mais gostava de

aproximar-se a ele. Sob pena de transportar “conversas” aos seus supostos chefes.

Criou-se na cabeça das pessoas que os “bófias” são autênticos traidores quiçá porque o passado foram muletas e assinaram páginas sangrentas, nas mortes, desaparecimentos, torturadas ... sem a mínima confirmação da verdade apenas porque alguém maliciosamente forneceu uma informação falsa.

A Constituição Angolana sem distinção atribui aos homens da segurança não como servente do partido da situação mas de



CONSTITUIÇÃO

todos os angolanos quando diz que “Os órgãos de inteligência e de segurança do Estado são órgãos incumbidos de realizar a produção de informações e análises, bem como a adopção de medidas de inteligência e de segurança do Estado necessárias à preservação do Estado Democrático de Direito e da paz pública”. Parece que na vida real é pouco diferente.

Primeiramente, há no meio destes órgãos transportadores genuínos de dados falsos e fabricados contra pessoas e as suas actividades. Quem nun-

ca foi vítima disso?! Por outro lado, existe um temor que nos diríamos desnecessário pois a maioria dos angolanos apenas se preocupam com as pessoas que exercem estas actividades directamente quando os seus verdadeiros colaboradores estão infiltrados na comunidade, na família, na escola, no trabalho, nos partidos políticos (maioritariamente na oposição,) nas Igrejas, nas ONGS e nas associações enfim em tudo que haja instituição e pessoas.

Parece irreal a como descrevemos isto, talvez alguém diga

que é mais uma acusação barata. Entretanto, os Judas estão mascarados de muitas formas. Por isso desconfiar e temer a vida é simplesmente um teatro. Como estão distribuídos!

Se cumprissem o seu verdadeiro papel já saberíamos quem causam” os desmaios de fome e de sofrimento” da riqueza pública. O mais grave é que muitos jovens e não só aderiram aos serviços por causa do salário, é muito bom!

Não adianta temermos a vida, os Judas comem e bebem conosco.

N



ANTÓNIO SETAS

A HORA DA LEITURA

O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL

Mas, vencido que seja o Estado e uma vez desbaratado em batalha campal de modo que não possa refazer os exércitos, não se deve recetar outra coisa senão a dinastia do príncipe; uma vez extinta esta, ninguém mais resta que deva ser temido, já que os demais não gozam de prestígio junto ao povo; e como o vencedor deste nada podia esperar antes da vitória, depois dela não deve receá-lo.

O contrário ocorre nos reinos como o de França, por que com facilidade podes invadi-lo em obtendo o apoio de algum barão do reino, pois que sempre se encontram descontentes e os que desejam fazer inovações. Estes, pelas razões referidas, podem abrir o acesso àquele Estado e facilitar a vitória. Esta, depois, se desejares manter-te, arrasta atrás de si infinitas dificuldades, seja com aqueles que te ajudaram, seja com os que oprimiste. Não é bastante extinguir a estirpe do príncipe, pois permanecem aqueles senhores que se tornam chefes das novas revoluções e, não podendo nem contentá-los nem exterminá-los, perde aquele Estado tão

logo surja a oportunidade.

Ora, se for considerado de que natureza era o governo de Dario, se o encontrará semelhante ao reino do Turco. Para Alexandre foi necessário primeiro encurralá-lo e desbaratá-lo em batalha campal sendo que, depois da vitória, estando morto Dario, aquele Estado tornou-se seguro para Alexandre pelas razões acima expostas. Seus sucessores, se tivessem sido unidos, poderiam tê-lo gozado tranqüilamente, pois ali não surgiram outros tumultos que não os por eles próprios provocados. Mas quanto

aos Estados organizados como o da França, é impossível possuí-los com tanta tranqüilidade. Dessa circunstância é que nasceram as freqüentes rebeliões da Espanha, da França e da Grécia contra os romanos; em decorrência do grande número de principados que havia naqueles Estados e por todo o tempo em que perdurou a sua memória, os romanos estiveram inseguros na posse daqueles domínios. Mas extinta a lembrança dos principados, com o poder e a constância de sua autoridade, os romanos tornaram-se dominadores seguros. Puderam eles,

também, combatendo mais tarde em lutas internas, arrastar cada facção, para o seu lado, parte daquelas províncias, segundo a autoridade que havia adquirido junto a elas; e essas províncias, por não mais existir o sangue de seus antigos senhores, não reconheciam senão a soberania dos romanos. Consideradas, pois, todas estas coisas, ninguém se maravilhará da facilidade que Alexandre encontrou para conservar o Estado da Ásia, e das dificuldades que foram arrostadas pelos outros para manterem o conquistado, como Pírron e muitos outros. Isso não resultou da muita ou da pouca virtude do vencedor, mas sim da diversidade de forma do objeto da conquista.

CAPÍTULO V

DE QUE MODO SE DEVAM GOVERNAR AS CIDADES OU PRINCIPADOS QUE, ANTES DE SEREM OCUPADOS, VIVIAM COM AS SUAS PRÓPRIAS LEIS

(QUOMODO ADMINISTRANDAE SUNT CIVITATES VEL PRINCIPATUS, QUI ANTEQUAM OCCUPARENTUR, SUI LEGIBUS VIVEBANT)

Quando aqueles Estados

que se conquistam, como foi dito, estão habituados a viver com suas próprias leis e em liberdade, existem três modos de conservá-los: o primeiro, arruiná-los; o outro, ir habitá-los pessoalmente; o terceiro, deixá-los viver com suas leis, arrecadando um tributo e criando em seu interior um governo de poucos, que se conservam amigos, porque, sendo esse governo criado por aquele príncipe, sabe que não pode permanecer sem sua amizade e seu poder, e há que fazer tudo por conservá-los. Querendo preservar uma cidade habituada a viver livre, mais facilmente que por qualquer outro modo se a conserva por intermédio de seus cidadãos.

Como exemplos, existem os espartanos e os romanos. Os espartanos conservaram Atenas e Tebas, nelas criando um governo de poucos; todavia, perderam-nas. Os romanos, para manterem Cápuia, Cartago e Numância, destruíram-nas e não as perderam; quiseram conservar a Grécia quase como o fizeram os espartanos, tornando-a livre e deixando-lhe suas próprias leis e não o conseguiram: em razão disso, para conservá-la, foram obrigados a destruir muitas cidades daquela província.



REPÚBLICA DAS TORTURAS, DAS MILÍCIAS E DAS DEMOLIÇÕES



DIÁRIO DA CIDADE DOS LEILÕES DE ESCRAVOS

18 de Julho

O estrangeiro chega, paga salários de miséria e escraviza os mwangolés de acordo com as leis em vigor na RPA- República Popular de Angola, e embora “nesta terra de pretos” quando cai num microfone das rádios e televisões do Politburo, enche o peito e diz em prosa: Cheguei faz pouco tempo em Angola. No início comecei com dois trabalhadores, agora já tenho quase sessenta. Movimento milhões de dólares, em Angola sou um empresário de êxito muito empreendedor. Ouvei na Rádio Ecclesia uma voz feminina a falar sobre a onda de criminalidade no bairro paraíso no Cacuaco, arredores de Luanda, quando abordou a base familiar deu-me vontade de rir de asco. Base familiar? Então, se a nação não está construída – está destruída – nunca será possível falar de base familiar. Ninguém é capaz de apontar o dedo para as reais causas que destroem os angolanos, uma delas – a principal – é a corrupção. Assim estamos sempre na mesma e nunca sairemos deste atoleiro.

Dizem-me que no Hospital Américo Boavida, em Luanda, está como os alemães na segunda guerra, quando no cerco de Leninegrado morriam quatro mil pessoas diariamente.

19 de Julho

Pela manhã os fiscais caíram em cima de tudo o que é vendedor de rua, a maioria são vendedoras,

claro. Carregaram-lhes com tudo, os carros iam bem cheios. Não perseguem os corruptos porquê? Pois se sabe muito bem quem eles são. Isto vai de muito mal a muito pior, e os preços sobem e os corruptos nada dizem, ninguém prendem.

Mais uma vez sem água, pudera, ela está tão corrompida que não consegue sair das torneiras.

Amanhã serão vinte ou mais horas sem energia eléctrica. Disseram que vão aumentar – até deram uma conferência de imprensa – a potência da barragem de Capanda. Luanda ficará pior que o Vietname, com milhares de geradores em funcionamento, pior que uma cidade chinesa poluída. Milhares de crianças respirarão fumo que fará com que fiquem com problemas respiratórios graves e mais tarde cancerosas, os idosos, qualquer ser humano sentirá o abraço da morte. E ninguém se incomoda com isso, pois os pensamentos concentram-se nos dólares do petróleo e os estrangeiros na exportação da morte, que chegam de tão longe na procura do dinheiro caído do céu, quando na realidade estão facilmente expostos à morte.

Já há vários dias que a Internet funciona irregularmente. Pretende-se fingir que tudo funciona, mas na realidade nada funciona.

E o tuga perguntou na funcionária mwangolé se queria trabalhar ou estudar. Foi mais longe, mais preciso: «Escolha entre trabalhar ou estudar». E



a funcionária disse que preferia estudar e abandonou o tuga e a empresa, e assim se concluiu mais um subterfúgio para criar emprego para mais uma portuguesa.

São tantos os atropelos à dignidade humana praticados, como se andassem à caça de animais selvagens, que nesta cidade a vida do ser humano não tem valor, aniquila-se facilmente.

20 de Julho

Afinal a energia não faltou em Luanda. Não vale a pena perder tempo com malucos.

Sim, é verdade! Angola e

Moçambique lideram o crescimento da miséria. Este mundo agora anda ao contrário, onde há miséria diz-se que há crescimento, onde há riqueza diz-se que há miséria.

E os mwangolés dizem dos portugueses e brasileiros que, essas raças não prestam.

A corrupção é como a guerra, destrói pessoas, países... destrói tudo.

21 de Julho

Para obter a nacionalidade angolana é muito fácil: “Já me disseram que houve quem pagasse “milhares de dólares” pelo bendito parecer (???!).

Alguém com experiência recente na matéria poderá esclarecer-me, ou indicar os passos a seguir”. In Rui Jorge. Portugueses em Angola. Facebook

22 de Julho

Uma kinguila para a outra: vou mas é na minha igreja pedir para que Deus me tire a comichão... ah! Os homens são uma merda! E o vice-almirante muito conhecido pela sua eloquência dizia-me que: «Olha! Eu nunca vi um mestiço nos contingentes da Marinha que combatesse. Nem um!»

23 de Julho

“Termo de doação de terreno. SID-Sociedade Imobiliária de Desenvolvimento, S.A ... Lote 4, com a área de 5219 m2... sito na comuna da Funda, Município do Cacuaco, em Caope Velha ... deliberaram, na Reunião de Assembleia Geral de 4 de Dezembro de 2012, doar o referido Lote 4, preferencialmente à Igreja Metodista Unida de Angola ... O Lote doado tem o valor comercial de 1.000.000 USD. (Um Milhão de Dólares Americanos) ” In Jornal de Angola, 25 de Junho de 2014.

Folheto de propaganda distribuído nas ruas: terrenos residenciais e comerciais. Terrenos de 600 m2 (20x30). Áreas comerciais. Escola. Centro Médico. Supermercado. Bomba de Combustível. A pronto USD 16.500. A Prazo, entrada + mensais. Venha conhecer. Luanda Leste. Parque residencial.

Projecto Nova Vida, Rua 21, Casa 697 (esquina com a Rua 54)

24 de Julho

Aumentou a esperança de vida no mundo, dizem por aí. Mas em Angola as crianças quando nascem não têm nenhuma esperança de vida, excepto as do petróleo. As populações lotam os hospitais também sem esperança de vida. Só os lordes do petróleo e os estrangeiros têm direito à esperança de vida.

E Angola deu um grande passo em frente – nisso é espectacular, é exímia – na alavancagem em todas as estruturas que movem um país. Recebeu um sopro da liderança congénita. Por decreto presidencial, Angola entrou no concerto das nações mais desenvolvidas do mundo com o estabelecimento da civilização das barras de ferro. Porque, confor-

me trabalhos publicados nas revistas científicas da especialidade, são o suporte, o garante do futuro do faroeste radioso que nos espera.

Porque será que o Ministério da Saúde não envia o carro da pulverização insecticida, vulgarmente conhecido por carro da tifa – isto é uma coisa muito complicada que envolve alta tecnologia e só os estrangeiros dominam esse ramo da saúde e por isso é necessário importá-los e enquanto isso... tem que se criar brigadas especiais de remoção de cadáveres – para acabar com os mosquitos? Porque pretendem a exterminação dos mwangolés para que os estrangeiros ocupem Angola sem constrangimentos.

Na tal empresa de informática gerida pelos brancos tugas, o mwangolé está há quase um ano sem receber o subsídio de fé-

rias. Várias vezes abordou os “embora nesta terra de pretos”, e a resposta é: «Espere!» Mas, para os “embora nesta terra de pretos” há sempre dinheiro para transferirem os seus milhares de dólares para Portugal.

Já caminho para a Rádio Kairós. Nesta Rádio fiquei a saber que as calemas que assaltaram a Ilha de Luanda causaram estragos nos carros. Outra vez a ditadura dos padres da Rádio Ecclesia, não!

Ainda e sempre as barras de ferro: a introdução das barras de ferro em Angola deve-se à genialidade de alguns homens que nasceram e foram baptizados no mar de petróleo, por isso são extraordinariamente inteligentes, de visão e arquitectura política inigualáveis. Há homens que nascem predispostos para liderar com barras de ferro, a história da morte os celebrará. As barras de ferro

são o vector, o foco do desenvolvimento económico. A centelha petrolífera que ilumina as façanhas dos arquitectos da paz sempre em estado de guerra. Sem barras de ferro não existirá Angola, nem angolanos. E será criado o movimento espontâneo das barras de ferro.

Sem homens sagazes, de mérito, Angola não conheceria, não teria o progresso da arte e da ciência das barras de ferro. E quem não tiver argumentos, argúcia, quem não sabe viver em conjunto com o próximo, quem não sabe nem deseja a democracia, amiúde impõe à força a sua fraqueza, impondo a lei marcial das barras de ferro. As barras são o lúdimo projecto dos direitos humanos em Angola, a vitória da democracia. Que Deus e as igrejas santifiquem tais deuses venturosos seus descendentes.



Dr. M.K Rungwe

Grande Astrólogo
Especialista em medicina
tradicional Trata de quem sofre de:

1-Impotência sexual.
2-Esterilidade
3-Corrimento
4-Borbulhas no pénis
5-Sífilis
6-Doenças venéreas crónicas
7-Asma
8-Dores de útero
09-Período prolongado
10-Diabele
11-Hemorróide

12-Comichão
13-Dores de coração
14-Sonhar a fazer sexo
15-Deixar de fumar
16-Dar sorte no trabalho
17-Recuperação de amor perdido
18-Ajuda de todo tipo de problema que você tem
19-Ser apertado por maus espíritos

Os interessados deverá contacta - me no seguinte terminal: 932630361

E



DOMINGOS DA CRUZ

TICA & EXISTÊNCIA

NOVA ÁFRICA (IV)

I números países de forma individual dão passos na investigação. O Quênia tem equipas multidisciplinares a pesquisar na Universidade Jomo Nkeniata. O exemplo mais recente é de uma equipa de investigadores Quenianos e Chineses que descobriram indícios arqueológicos de contactos milenares entre o Oriente e a África. A África do Sul, talvez seja o país do continente onde mais se produz em quase todos os campos do conhecimento. A um ano pesquisadores deste país construíram um gel que inviabiliza a transmissão do HIV na ordem dos 30%, tal como correm na invenção de um antídoto contra o vírus da SIDA. E mais recentemente um estudante Sul Africano de 22 anos, Ludwick Marishane da cidade do Cabo e da Universidade de Cabo inventou um gel de banho que dispensa a água (DryBath). Por esta razão ganhou prémios internacionais e é considerado o detentor da 12ª mente mais brilhante do mundo. Este gel pode servir para militares em palcos de conflito; serve para ser usado em viagens de longo tempo; é útil para zonas onde há carência de água; para doentes que não podem levantar e para aqueles que são preguiçosos em tomar banho! O pesquisador beninense Medegan Fagla Jerome, inventou a droga sintética mais eficaz com base em plantas medicinais africanas para aliviar a dor de pacientes com anemia falciforme, o “VK 500” e já está a ser replicado a partir de um laboratório no



Sul de França. Outro indicador importante é o intercâmbio de estudantes ocidentais nas universidades africanas. Cada vez mais cidadãos americanos e europeus estudam em algumas universidades africanas, sobretudo as do Senegal, Egipto e África do Sul. De acordo com dados da Embaixada dos EUA em Moçambique, cada ano 10.000 cidadãos Norte Americanos estudam em toda África. Este intercâmbio estende-se também para o corpo docente. Parece fundamental resgatar a memória positiva do génio africano, para que a nossa geração e as subseqüentes tenham referências encorajadoras e não mais aquela visão

traumática e de complexo de inferioridade, por isso, é mister evocar os prémios nobéis que a África tem: Literatura: Wole Soyinka da Nigéria em 1986; Naguib Mahfouz do Egipto em 1988; Nadine Gordimer e J. M. Coetzee da África do Sul em 1991 e 2003. Nobel da Paz: Desmond Tutu em 1984; Nelson Mandela em 1993 e Frederik de Klerk 1993, os três da África do Sul; Anwar Al Sadat do Egipto em 1978; Koff Annan do Gana em 2001; Wangari Maathai do Quênia em 2004; Mohamed El Baradei do Egipto em 2005 e duas da Libéria em 2011, Ellen Jonson e Leymah Gbowee. Esta atmosfera positiva não

é fruto da minha fertilidade ficcional ou cognitiva, mas várias personalidades e instituições mundiais perceberam a possível “talassocracia” que acontecerá em África. Só que a talassocracia africana não terá como substrato o mar. De acordo com dados compilados por Francisco Sarsfield Cabral, “(...) nos últimos dez anos (...), África cresceu mais do que a Ásia oriental (incluindo o Japão). O FMI prevê que a economia africana (como continente) cresça cerca de 6% este ano.” O argumento prossegue afirmando que estudos feitos pelo Standard Bank demonstraram que a pobreza diminuiu todos os anos, tendo acelerado esta

tendência a partir de 2005 e com ela a classe média do continente. Uma franja social importante para qualquer região do mundo. “Um continente que parecia alheio à globalização está agora, finalmente, a integrar-se nela. Desde 2000 o comércio de África com o resto do mundo subiu 200%. Também aumentaram as trocas entre países africanos. Assim como o investimento directo estrangeiro, atenuando a (...) falta de capitais. Para Teresa Pinto Coelho, do Fundo BPI África, este continente «tem vindo a criar condições para ser o principal destino do investimento a nível mundial».

S



DOMINGOS KAMBUNJI

ULTAS & ARREDORES

OS “TOM CRYERS” DA DEMOCRACIA

Não deixa de ser cómico ver e ouvir os “Tom Cryers” do Reigime, os defensores, durante muitos anos, da “democracia de partido único”, a tentarem dar lições sobre Democracia aos que, desde sempre, defendem valores democráticos para a sociedade angolana. E a maior comidade reside no facto de esses “Tom Cryers” manifestarem repulsa contra todos os que apoiam a diversidade de pensamento, opinião e manifestação, na defesa do pluralismo das ideias. Esses “Tom Cryers” ainda não se habituaram à existência da crítica construtiva, das opiniões diferentes, porque, também eles, têm de obedecer ao pensamento único ditado pelo “Líder Querido” do Reigime Feudal Cabritista. Os ingénuos acham estranhas essas lições sobre democracia vomitadas pelos “Tom Cryers” do Reigime angolano. A grande admiração reside no facto de esses papagaios, acéfalos, eunucos intelectuais, defensores da “democracia de partido único” durante as últimas quatro décadas, subirem ao palanque para criticarem os elementos da oposição, por este últimos pensarem com as suas cabeças e opinarem com coerência e razão. É, de facto, muito poluente a ambiguidade desses pagos com trinta dinheiros, abifados do BESA ou das receitas dos recursos naturais, tentando fingir fazerem a apologia do que



refutam nas suas práticas do dia-a-dia na Republicana-Monarquia. Seguindo o ditado “faz o que São Tomás diz, não faças o que ele faz”, será construtivo, para a sociedade angolana, que os opositores do Reigime continuem a apostar nas práticas que desmascaram a corrupção e o despoismo do paraLamento angolano e das actuações dos poderes judicial, legislativo e executivo, propriedade do Senhor Feudal, patrono supremo da corrupção

e do chico-espertismo cabritista. Esses “Tom Cryers”, nas suas crónicas sanzaleiras, acabam por elogiar e apoiar os elementos da oposição, sem se aperceberem de que estão a fazê-lo. Todavia, temos a certeza de que esses pensamentos regurgitados, plagiados de pensadores inteligentes, são hipócritas e nada mais são do que uma estratégia para disfarçar o muito que vai mal no Reigime Feudal Cabritista. Os “Tom Cryers” do Rei-

gime defendem que a democracia não é um produto acabado, pronto a ser consumido. De facto a democracia aperfeiçoa-se no dia-a-dia com as práticas que contribuem para uma maior harmonia social. Não é isso o que observamos nos comportamentos e nas atitudes do Movimento Protector dos Larápios de Angola. As liberdades de opinião e manifestação são reprimidas violentamente, nalguns casos com o fuzilamento de cidadãos angolanos, ver-

dadeiramente democratas e defensores dos direitos humanos. Os cangaceiros, carrascos fardados ou não, gozam da maior impunidade, concedida pela oligarquia dos mamões noa teta da porca da democracia ou da democracia muito porca.

Nas verdadeiras democracias as autoridades respondem em tribunal por abusos de poder. Na República-Monarquia angolana a violência das forças policiais, militares, para-militares e de outros cangaceiros é aplaudida por esses papagaios acéfalos, eunucos intelectuais. O argumento principal para essa apologia consiste em desenterrar teorias do passado, inspiradas no estalinismo, agora cada vez mais presentes e suportadas pelo putinismo que guia os sobas do Movimento Protector dos Larápios de Angola.

No passado existiram dois exércitos que se digladiavam numa guerra civil, na luta pelo poder. Hoje o MPLA é proprietário do exército único e de todos os cangaceiros do executivo, e dos dois sistemas judicial e legislativo que garantem a segurança e continuidade da cleptocracia. Ninguém tem autoridade e possibilidade de levantar o dedo para reclamar das injustiças vergonhosamente evidentes, porque arrisca-se a ser criticado pelos “Tom Cryers” do Reigime Feudal ou, em última instância, a ser eliminado do universo dos vivos, por invadir o perímetro de segurança do Palácio Feudal Cabritista.

LITERATURA

ROMANCE INACABADO DE SARAMAGO PUBLICADO EM OUTUBRO

O romance inacabado de José Saramago “Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas”, será publicado em Outubro, anunciou Pilar Del Rio, viúva do Nobel.



O editorial é assinado pela presidente da Fundação José Saramago, a viúva do escritor, Pilar Del Rio, que afirma que a publicação do texto “será mais uma forma de repúdio à violência”. “São poucos capítulos, mas o tema fica claro, o texto tem unidade”, explica Pilar Del Rio, tradutora para espanhol da obra do Nobel português. Os primeiros capítulos do romance incluem notas que o autor fez quando o começou a escrever. “Neles, José Saramago antecipa o andamento

e o desenlace da história que pretendia contar”, afirma em comunicado a Fundação José Saramago.

“Alabardas, alabardas, Espingardas, espingardas”, título inspirado nuns versos de Gil Vicente, tem como protagonista o funcionário de uma fábrica de armas que vive um conflito moral decorrente de seu trabalho, explica a mesma fonte.

O livro será publicado simultaneamente em português, italiano, espanhol e catalão, na Europa e na América Latina, adianta a Fundação, que tem sede na Casa dos Bicos, em Lisboa.

Biografia

José Saramago, falecido em Junho de 2010 na ilha espanhola de Lanzarote, publicou, entre outras obras, “A Jangada de Pedra”, “Levantados do Chão”, “O Homem Duplicado”, “Ensaio sobre a Cegueira” e o romance inicial “Clara-bóia”, editado postumamente, em 2011.

O autor foi distinguido com vários prémios nacionais e internacionais, como o Grande Prémio de Novela e Romance da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio Camões e o Nobel da Literatura, em 1998.

*Em Lisboa

ESPEZINHAR ZUNGUEIRAS PARA ACABAR COM A MISÉRIA

POR GIL GONÇALVES

Eles chegam ao que chamam de paraíso
É verdade, porque escravos não lhes faltam

Às zungueiras tudo o que elas merecem
Aqueles por quem eles e elas lutaram
E agora de tantas maldades padecem
E à ideologia da miséria abandonaram
Isto é como um jogo tem que se apostar
Só que somos premiados com a desolação

E que muita miséria é à violência incitar
O petróleo é o imperador da maldição
Quem prega a maldade não acaba bem
Não sei que seria desta cidade sem sirenes

Todos os nossos direitos nos inibem
No poder das vigílias religiosas tão soles

E que as zungueiras seriam independentes

Na mãe-pátria terra finalmente libertadas

Receberam o castigo merecido: indigentes

E de tantas outras injustiças inusitadas

Até já dizem que zungueira é corrupção

Há que carregar nelas sem compaixão

Estão proibidas de lutarem pelo pão

Em qualquer esquina espera-as o bastão

É facto que ser zungueira é ser mulher

E não tratá-la como uma coisa qualquer

Desgraçar-lhes a vida é o que se quer

Mais vicissitudes e o que de mau houver

Ela até serve de treino de saco pancada

E da força contra mulheres indefesas

Dos exércitos do petróleo na derrocada

Tantos rastilhos tantas chamas acesas

“O nosso povo continua na miséria”

Há muito disseram os nacionalistas

Afinal não passam de gente galdéria

Que imitam muito mal os colonialistas

Já tem catedral o petróleo Deus

Os reis e seu séquito lá vão orar

As igrejas fabricam em série ateus

E promessas que a miséria vai continuar

Ao petróleo devemos obediência absoluta

E aos nossos príncipes a devida bajulação

Nele está a continuação da nossa luta

Onde está a independência da população?

Porque venderam Angola e o seu povo?

Se venderes ovos acabarás com a pobreza

A riqueza está na venda de um ovo

HISTÓRIA

CAMINHAR ATÉ AO PALÁCIO DE BUCKINGHAM

O Palácio de Buckingham pode ser visitado em Londres onde foi construído ao longo de 75 anos, tornando-se a residência oficial da monarquia britânica em 1837, com a ascensão da Rainha Vitória.

TEXTO DE NVUNDA TONET*

A cidade de Londres é um encanto para destino cultural. Com um enorme espólio arquitetónico fazendo referência hermenêutica ao nome de Reino Unido podemos observar ao longo das vilas, estradas e lugarejos as construções milenares como resultado da preservação da história e identidade, mas igualmente do desenvolvimento sustentável. Neste artigo, vamos retratar o emblemático Palácio de Buckingham, que é oficialmente a residência da família real. Embora a Rainha Elisabeth II anteponha o Palácio de Windsor, a sua residência oficial é o Palácio de Buckingham. É neste lugar memorável que a maioria dos turistas assiste à troca da Guarda. A troca de guarda consiste na substituição dos guardas e envolve manobras militares, marchas clássicas (os guardas vestidos de vermelho por cima dos cavalos no meio da estrada lateral ao palácio) e músicas populares. O horário



como tudo no Reino Unido é pontualmente às 11:30 da manhã. Diz-se por cá que a melhor altura é nos meses de verão europeu, ou seja, de Julho à Setembro, onde se procede diariamente a troca de guarda. Nos meses seguintes, a troca de guarda é efectuada em dias alternados. A Troca da Guarda também acontece na Horse Guards Parade e no Castelo de

Windsor. Os ingleses ao contrário dos espanhóis que também dispõem da monarquia têm amplíssimo orgulho pela sua eminência: a Rainha. Este facto pode ter várias interpretações sociais e culturais. A monarquia no Reino Unido sempre foi símbolo de integridade, honra, dinastia e exemplo de prosperidade familiar. Durante a vi-

sita que procedemos para observar a troca de guarda que é quase impossível chegar próximo do muro de vedação pela quantidade de turistas (aproximadamente cinco mil), observa-se o ambiente organizado e apriorístico das autoridades de segurança pública que faz-nos sentir seguros e até protegidos pela miscelânea de povos em captar um flash independentemente da distância entre a óptica da máquina e os lendários homens do uniforme vermelho que simbolizam a segurança da rainha e a imagem pectoral da residência.

Como Chegar

Para o turista que está no centro da cidade, existem duas opções. Apanhar um táxi ou metro (transporte público de passageiro). Se for de carro, vai gastar

aproximadamente 30 libras, o que equivale a seis mil kwanzas. Se for de transporte público perto de 5 libras (embora demore quase uma hora), as distâncias em Londres são muito longas e a cidade cresceu exponencialmente nos últimos anos, como se diz por cá “a crise financeira passou ao lado”. Independentemente do tempo deve-se chegar com uma hora de antecedência para conseguir um lugar possível de captar alguma coisa, pois ao contrário dos outros locais turísticos de Londres, como o Museu Britânico, o London Zoo, o London Eye ou Tate Modern para citar alguns, a assistência é gratuita. Mas para visitar o interior do Palácio os ingressos para adultos custam 19 libras aproximadamente quatro mil kwanzas e para os mais pequenos 11 libras aproximadamente dois mil kwanzas. No Reino Unido a única moeda comercial é a libra. Se tiver dólares ou Euro, o turista deve dirigir-se a uma casa de câmbio para converter em Libras. O câmbio é estável (100 dólares vale 57 libras).

História
Na Primeira Guerra Mundial, o palácio saiu ileso; porém, na Segunda, foi bombardeado 7 vezes. Os Nazistas acreditavam que, se o Palácio fosse destruído, a população iria desanimar-se. O pior bombardeamento aconteceu em 1940, quando a capela foi destruída. Na época, a Rainha Elisabeth se refugiou no Palácio de Windsor, onde vive actualmente. A Rainha visita o Palácio de Buckingham usualmente, embora seja a residência oficial da família Real.

***Em Londres, Reino Unido.**



LITERATURA

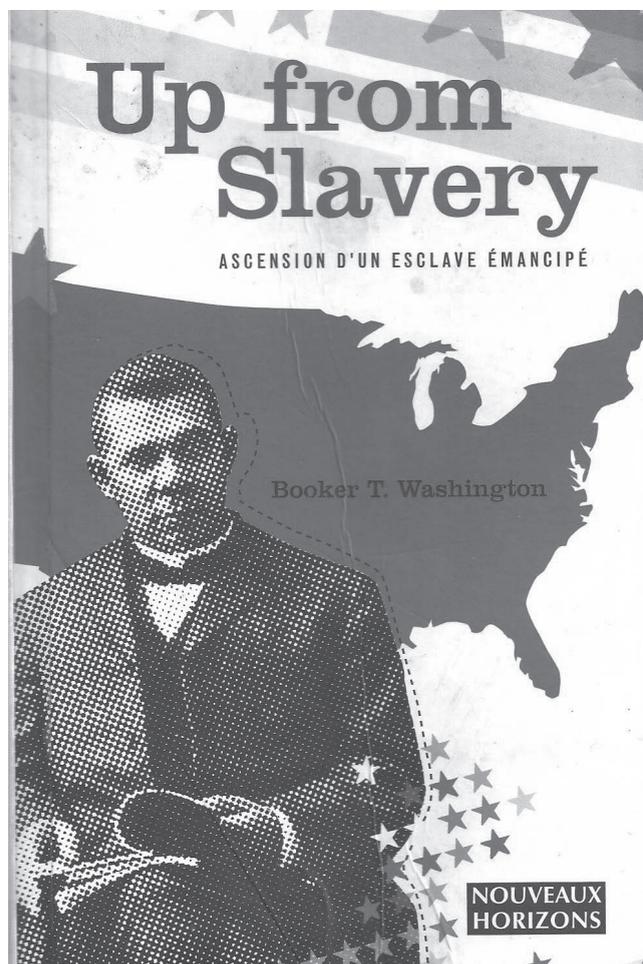
A ROTA NORTE-AMERICANA DA ESCRAVATURA

É o principal facto que pode ser retido da famosa autobiografia "Up from Slavery" do africano-americano Booker T. Washington, 1856-1915, originário da reputada angolana Virgínia, que acaba de ser reeditado, na sua versão francesa, em Paris, nas edições Nouveaux Horizons.

TEXTO DE SIMÃO SOUINDOULA*

A obra articula-se numa dezena de capítulos na qual o autor descreve, num tom extraordinariamente moderado, as suas origens profundamente escravas - de pai desconhecido - uma infância e adolescência miseráveis, numa plantação de tabaco, o seu duro trabalho infantil na exploração do sal e da extração de carvão, o seu longo combate pela educação, o seu contágio altruísta reforçado pelo período pós-guerra de Secessão - 1861-65 - e durante o período da Reconstrução 1865 - 1877 assim como a sua notável dedicação pedagógica aos nativos ameríndios. Evoca a sua experiência didáctica, inicial, numa cavaliária e num galinheiro, as dificuldades atravessadas traduzidas numa bela metáfora Dias negros e Noites brancas, a sua tenacidade, no capítulo 3000 km para

cinco minutos de intervenção e a sua fortificante estadia na Europa, em 1899, onde ele encontrou, entre



outras personalidades Sir Henry Morton Stanley, explorador do rio Zaire. A trama é concluída com uma cronologia da vida do homem de Tuskegee.

INTELIGÊNCIA RACIAL
Neste documento, pode-se notar o discurso de Booker Compromisso de Atlanta, pronunciado em 18 de Setembro de 1895, a visita do Presidente William McKinley ao Instituto de Tuskegee no dia 16 de Dezembro de 1898.

Aponta-se, aí, igualmente, o seu escandaloso convite - o primeiro para um africano-americano - a jantar na Casa Branca. Foi em Outubro de 1901 com o Presidente Theodore Roosevelt. O bastardo angolano convertera-se com o mais célebre dos 4 milhões de antigos escravos tornados plenamente cidadãos dos Estados Unidos de Américas, depois da Proclamação da Emancipação em 1863. Destaca nesta retrospectiva as inúmeras distinções re-

cebidas pelo originário da Black Belt da América meridional na Universidade de Harvard 1898 e Dortmund 1910.

Participou na fundação da National Negro Business League e da National Association for the Advancement of Colored People. E, a título póstumo, Booker será o primeiro níger-americano a ser representado no selo, em 1940. Classificou-se a casa onde ele nasceu como Património e deu-se o seu nome num parque em Chattanooga, no Tennessee. Enfim, a Universidade de Hampton ergueu um monumento em sua honra no seu campus. A reedição de Up from Slavery, num momento durante o qual um africano-americano não foi jantar a Casa Branca, mas ocupa o Palácio Presidencial US, e um sinal dos tempos que confirma a visão de Booker sobre a absoluta força da educação na equiparação da inteligência racial.

*Historiador & Perito da UNESCO

PUBLICIDADE

Psicólogos, porquê e para quê?

O livro "Psicólogos, porquê e para quê?" resulta, na maioria, da coluna Psicologia & Você, publicada pelo Semanário Folha8, e do Portal de Psicólogos de Portugal. Ela (a coluna) tem levado aos jovens um raciocínio mais lógico sobre os fenómenos sociais, sobretudo os ligados à Psicologia, devido ao elevado nível de conhecimento que o autor, Nvunda Tonet, tem evidenciado neste ramo da sua formação.

A obra apresenta considerações pertinentes, algumas delas inovadoras, sobre problemas ligados ao sexo, às drogas, às emoções, ao sofrimento, ao desespero e à vontade de ser feliz. Este livro é um verdadeiro exemplo de investigação, de seriedade e de preocupação com aquilo que chamamos de "bem comum", devido ao seu objecto social.

José Capita

Chiado Editora

NVUNDA TONET

Psicólogos, porquê e para quê?

Chiado Editora

Psicólogos, porquê e para quê?

NVUNDA TONET

Vendida mais de 3 mil exemplares em Angola
6ª EDIÇÃO



Nvunda Will Sérgio Tonet nasceu em Angola. É licenciado em Psicologia Clínica pela extinta Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto e mestre em Novas Tecnologias Aplicadas à Educação pelo Instituto Universitário de Pós-graduação (Madrid, Espanha).

Ex-docente da Universidade Lusitana de Angola (cadeira de Dependência Química), é actualmente professor das cadeiras de Psicopatologia Geral, Métodos de Observação em Psicologia Clínica e Psicologia Clínica Hospitalar na Universidade Oscar Ribas e psicólogo clínico no Hospital Psiquiátrico de Luanda. Além disso, colabora no portal de Psicólogos de Portugal e exerce o cargo de editor de Cultura no Semanário Folha8, onde assina a coluna Psicologia & Você.

Enquanto activista cívico, Nvunda Tonet, entre muitas actividades de militância



nessa área e diversas participações na vida social do seu país, coordenou em 2007, um programa na Rádio Luanda sobre Educação Cívica para a Juventude. Organizou, a 13 de Outubro de 2009 o primeiro Workshop de Saúde Mental "Conhece-te a ti mesmo", na Universidade Oscar Ribas. Por outro lado, diplomou-se em Psicoterapia Sexual pelo Instituto Paulista de Sexualidade (S. Paulo, Brasil), em 2010. Tem preferência pela saúde mental e por temas de sexualidade, assuntos largamente abordados neste livro que ele trata com o devido rigor científico. E a esse propósito, uma vez perguntaram-lhe para quê os psicólogos?

E Nvunda respondeu: "Qualquer um de nós, a determinada altura da vida, pode sentir que, por si só, não é capaz de gerir a sua própria vida emocional e que necessita de ajuda especializada para se superar".

DESMENTIDO DE UM “PANFLETO VERBAL”



Segundo o Committee to Protect Journalists (CPJ), 10 jornalistas foram mortos em Angola desde 1992. Eis aqui a seguir o texto, ipsis verbis, dum comunicado divulgado no mundo inteiro pela imprensa internacional a propósito da asserção dessa ONG: «A total of 10 journalists have been killed in Angola since 1992, according to the New York-based Committee to Protect Journalists, Alberto Graves Chakussanga, Radio Despertar, September 5, 2010, in Luanda; Stanislas Ocloo, Télévision Togolaise, January 9, 2010, in Cabinda; Simão Roberto, Journal de Angola, June 5, 1998, in Luanda; António Casemero, Televisão Popular de Angola, October 30, 1996, in Cabinda; Ricardo de Mello, Imparcial Fax, January 18, 1995, in Luanda; Artur Gilela, Radio Nacional de Angola, June 16, 1994, in Kuito; Elpidio Inácio, Televisão Popular de Angola, August 23, 1993, in Kuito; José Manuel, Benguela Province Rádio, May 1, 1993, in Benguela; Jose Maria dos Santos, Radio Morena, May 1, 1993, in Benguela; Fernando Marcelino, Jango, October 20, 1992, in Huambo...»

Este apanhado não exaustivo da mortandade em Angola sob o regime de MPLA/JES, contradiz com macabra ênfase o arroteo verbal do chefe de Estado angolano, quando num dos seus “panfletos sonoros” afirmou que em Angola há liberdade de opinião e de imprensa. Por outra, os assassinatos cometidos, mas não assumidos pelo nosso tenebroso regime, nove fora os jornalistas abatidos a sangue frio, constituem uma já longa lista desde o 27 de Maio de 1977, passando por várias “Sextas-Feiras Negras”, a “Guerra de Luanda e, depois, na pax angolense instalada por JES, com os assassinatos de Mfulupinga N’landu Víctor, os pseudo-desaparecimentos de Elias Cassule e Alves Kamulingue (assassinados por homens do SINSE e um deles lançado como matabicho aos jacarés do rio Dande), a morte misteriosa do Eng. António Belarmino Brito no edifício novo da Sonangol, assim como o misterioso sumiço de Milocas Pereira, entre outros!

JUSTIÇA PARA QUANDO? VERBAL”

Olhando para trás à procura de indicadores do tão desejado avanço rumo à democracia e, sobretudo, no sentido da instauração no nosso país de uma verdadeira justiça, igual para todos, deparamo-nos com casos aterradores de “impunidade”, isto é, casos em que o autor de um acto punível é agraciado por pertencer a uma determinada “casta”. Referimo-nos a dossiers escancarados por tudo quanto é imprensa não estatal, tão flagrantes exemplos de “impunidade” selectiva. Estamos a referir-nos, por exemplo, às diatribes de Mello Xavier, à burla do antigo vice-governador de Malanje, que se apoderou de um camião alheio e continuou tranquilamente a fazer negócios com ele, ao filho do Nandó, a fazer das suas a torto e a direito e a continuar escorreito, a andar por aí às curvas, a um grande número de empresas que absolutamente nada sofreram como represálias ao desempregarem desordenadamente os trabalhadores, assim como às mais recentes asneiras graves cometidas pelas autoridades do país, como são os casos Cassule e Kamelingue, o “Garina”, com um Bento Kangamba impoluto mas continuando a ser arguido no Brasil, dos torcionários do “revú Nito Alves, isto sem esquecer o buracão do BESA, tipo cratera de vulcão a expelir lava em forma de notas de banco, na agitação nauseabunda duma perigosíssima quadrilha de autênticos gatunos, protegidos pelo chefe supremo de Angola. Para quando uma justiça isenta?



MALEFÍCIOS DAS PROMESSAS INCUMPRIDAS

Ana Pereira, mais conhecida por Milocas Pereira, jornalista, docente universitária, conotada como membro da família do herói guineense Amílcar Cabral, ligada maritalmente a um dos generais que protagonizou um golpe de Estado na Guiné Bissau e residente em Luanda, foi raptada e tudo indica que terá sido assassinada em 2012. O processo de investigação estava no Departamento de Crime Organizado da DNIC desde essa altura, mas, dada a quase inércia na investigação, agravada por orientação superior após a descoberta dos assassinatos do Caso Cassule e Kamulingue pelos oficiais e agentes do Departamento de Crimes Contra Pessoas, decidiu-se a passagem para este departamento a missão de investigar o desaparecimento da jornalista... Nessa altura, por sugestão de João Maria Moreira de Sousa, foi proposto que o Ministério do Interior agraciasse com um grau na carreira policial ou com um certificado de mérito, os diligentes agentes que permitiram destapar um assunto (Kassule e Kamulingue) que estava escondido nos estômagos dos jacarés. Os laureados virtuais esperaram que as promoções os atingiram na realidade, mas nada aconteceu, tudo se passou como se não tivesse acontecido. Nesta passada do faz que faz e não faz e do diz que fez e não fez, mas se inaugura, mesmo estando oco ou inacabado, lá ao longe reagiu a Liga Guineense dos Direitos Humanos, a exortar o procurador-geral da República de Angola, João Maria de Sousa, para abrir “inquéritos urgentes, transparentes e conclusivos”, mas o que se passou e continua a se passar é que essa ONG guineenses está lá ao longe e os seus apelos, exortações e desejos são letra morta. Se ela pudesse ir e fosse de visita à DNIC, encontraria no tal Departamento de Crimes contra Pessoas uma maioria de operacionais desmotivados e quase sem moral para continuar a investigar o caso Milocas. Razão: os promovidos “virtuais” concluíram que não valia a pena fazer esforços para aprimorar a conduta, porque não só o prometido tinha sido ignorado, como, e ainda é pior, a Polícia está mesmo a admitir muitos incompetentes e até bandidos, que ameaçam, a integridade dos quadros antigos. Angola a caminhar para um a ditadura jovem e já, antes de brotar do sangue dos angolanos, em plena evolução.



GIRABOLA-2014

PETROLÍFEROS DE “MAL A PIOR”

Depois da vitória de 2 - 0 sobre o Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, em pleno estádio municipal de Calulo, referente à 18ª jornada do Girabola-2014, acreditava-se na recuperação (classificativa) do Atlético Petróleos de Luanda, afinal tudo passou de mero “acidente” de percurso por parte do conjunto libolense porque o grémio petrolífero teve dificuldades de manter uma postura vitoriosa nos dois jogos subsequentes.

Até antes de 18ª jornada do Girabola-2014, a agremiação futebolística da vila de Calulo desconhecia o sabor amargo da derrota, como se diz na gíria desportiva. Se o Clube Atlético Petróleos de Luanda foi ao Kwanza-Sul “quebrar” a invencibilidade do líder da prova é porque tem força para vencer qualquer adversário, depois daquele desafio; enganaram-se, redondamente, os que assim

pensaram. Pena dos muitos adeptos petrolíferos. Face ao triunfo sobre o

Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, líder do Girabola-2014 agora com 49

pontos, o time tricolor, adstrito à Sociedade Nacional de Combustíveis

de Angola (Sonangol) chegou aos 30; desta forma antevia-se já o assalto do quarto lugar, tendo em conta a diferença pontual que o separava do 1º de Agosto. Ademais, os jogos subsequentes eram diante do Atlético Sport Avião (ASA) e União Clube do Uíge.

O mau momento do Atlético Petróleos de Luanda foi ilustrado na partida contra o conjunto aviador (ASA), válido para a 19ª jornada do Girabola cujo resultado se saldou num empate a zero. A agremiação da Sonangol, sob batuta técnica do brasileiro Alexandre Grasselli esteve aquém das expectativas, parecia uma equipa vulgar.

A deslocação à província do Uíge consagrou, de uma vez por todas, a época fraca do time petrolífero na presente época futebolística, no calendário da Federação Angolana de Futebol (FAF), porque perdeu por 2 - 0 no confronto com um adversário que nunca antes tinha conseguido triunfar no Girabola-2014. Grande Azar.



KABUSCORP ATRASA-SE NA CORRIDA

Com o empate consentido diante do 1º de Agosto, na abertura da 20ª jornada do Girabola-2014, o Kabuscop Sport Clube do Palanca perdeu a possibilidade de reduzir a diferença pontual que o separa do primeiro classificado, Recreativo do Libolo do Kwanza-Sul, duas vezes vencedor do respectivo torneio futebolístico.

A equipa libolense, às ordens do treinador angolano, Miller Gomes, empatou a uma bola com o Recreativo da Caála do Huambo, no estádio municipal de Calulo, mas fica tranquila

na liderança, face à igualdade entre o Kabuscop do Palanca e 1º de Agosto, como referido no parágrafo anterior. O título está próximo de Calulo.

Desta forma, o grémio do polémico empresário, Bento Kangamba, a julgar pelo processo judicial que pesa sobre ele na Justiça Brasileira por (suposto) envolvimento no tráfico de seres humanos (prostitutas de luxo), atrasou-se na corrida ao título da maior prova futebolística na Pátria de Ngola Kilwanji Kya Samba (Angola).

O conjunto da Rua “F”

do bairro Palanca teve o pior desempenho desde a segunda ascensão ao Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão (Girabola). A crítica desportiva prevê o fim do ciclo de ouro “arquitectado” pelo técnico ucraniano, Victor Bondarenko, continuado por Edouard Antranik que venceu o título dos palanquinos na montra maior do Futebol Nacional. Ewé, wanga wabu! (O feitiço acabou), como se diz em kimbundu. Será castigo por se aplicar no desporto lucros de “mbundas” brasileiras?! Apenas Deus sabe.



TAÇA DE ANGOLA-2014

“TITÃS” NOS QUARTOS-DE-FINAIS

E stá fora de hipótese a conquista do título em 2014, desta forma, as equipas do 1º de Agosto e Atlético Petróleos de Luanda dão o máximo na Taça de Angola “II de Novembro”, segunda maior prova futebolística, sob a égide da Federação Angolana de Futebol (FAF), para mitigar o “falhanço” da temporada. A conquista do citado torneio dá direito à participação numa das provas das Afrotaçãs, neste caso a Taça da Confederação Africana em Futebol “Copa Nelson Mandela” e 50 mil dólares americanos, como prémio pecuniário. Se o título do Girabola escapou, os clubes contentam-se com troféu alternativo da FAF.

Os dois maiores clubes de Angola, sem qualquer desprimor para as restantes agremiações angolanas, tiveram adversários con-



siderados fáceis, se comparados com os times do escalão primodivisionário. A equipa do 1º de Agosto foi a N'Dalatando golear (4 - 0) o Porcelana Futebol Clube do Kwanza-Norte, enquanto o Atlético Petróleos de Luanda “despachou” sem apelo, nem agravo o “4 de Abril” do Kwando Kubango por

5 - 2. Com os resultados dos oitavos-de-final, o grémio das Forças Armadas Angolanas (FAA) e da Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) aguardam pelos adversários dos quartos-de-final, mais competitivo em relação aos da eliminatória anterior (Porcelana Futebol

Clube do Kwanza-Norte e “4 de Abril” do Kwando Kubango). Nesta etapa do torneio podem defrontar oponente de grande qualidade técnica.

Face ao exposto, 1º de Agosto e Atlético Petróleos de Luanda poderão cruzar-se com as equipas do Progresso Associação Sambizanga, Recreativo

do Libolo do Kwanza-Sul, Desportivo da Huíla e Benfica de Luanda. Miller Gomes, treinador do conjunto libolense, assumiu publicamente a intenção de conquistar a Taça de Angola “II de Novembro”, mesmo tendo conhecimento das qualidades dos demais concorrentes em prova

ANGOLA PREPARA COPA DO MUNDO

A Equipa Nacional de Basquetebol Sénior Masculino, às ordens de Paulo Macedo, prepara a participação no Campeonato Mundial da modalidade, a decorrer no Reino de Espanha, a pátria do basquetebolista Paul Gasol.

O Cinco Nacional participará da maior cimeira basquetebolística do mundo na qualidade de representante número um de África, face ao rótulo de campeão africano em título e terá a “companhia” das selecções do Egipto, vice-campeã, e da Nigéria, terceira classificada no último Campeonato Continental. Neste torneio Paulo macedo vai arregimentar o grupo para os



próximos compromissos continentais nos próximos anos.

A Selecção de Angola está mais “preocupada” com

o domínio no Continente Berço da Humanidade (África) que a nível mundial, tendo em conta a diferença qualitativa dos

oponentes de outras paragens continentais, sobretudo da Europa e América (do Norte e Sul), os grandes dominadores do

basquetebol no Mundo. O grupo de basquetebolistas seleccionados por Paulo Macedo, também treinador do, 1º de Agosto diz tudo.

Face ao “estatuto” conseguido junto da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA-MUNDO), o Cinco Nacional vai participar de dois torneios internacionais, no Rio de Janeiro (Brasil) e Taça “Borislav Stankovic”.

No Rio de Janeiro, Angola far-se-á representar com Selecção “A”, enquanto o Grupo “B” competirá na Taça “Borislav Stankovic”. A Equipa Selecção Nacional de Basquetebol Sénior Masculino já venceu o respectivo torneio.

EDIÇÃO
NACIONAL

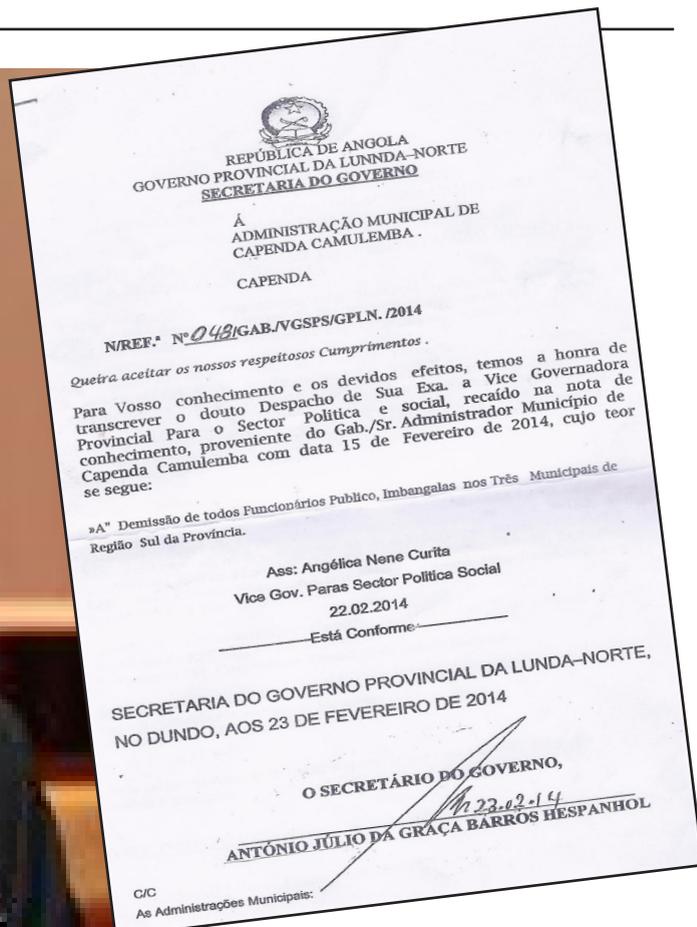


Rua Crescimento Júlio de Vilhena, -37, 4ºº 19
Bairro Ingombota - Luanda
Departamento Administrativo, Financeiro e Comercial
Manuela Joaquim
Secretariado, Publicidade e Marketing
Paula Padro
Tel: 391943 - 394077 Telefax 392289 Caixa
Postal 6527
E-mail: folha@ebonet.net

«Só depois de:
A última árvore ser derrubada,
o último peixe ser morto,
o último rio envenenado,
vocês irão perceber que
dinheiro não se come»
(Pensamento indígena)
E-mail: kubao@hotmail.com



+7157 dias
BASTONÁRIO INFORMANTE
Hermenegildo Cachimbombo violou os Estatutos da Ordem de Advogados, ao enviar processos dos membros ao SINFO e a PGR, para incriminar colegas. Vergonhosa “bufaria”. E nisso os bons acobardam-se com o silêncio.



GOVERNAÇÃO TRIBAL NA LUANDA-NORTE

GOVERNO ORDENA EXONERAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS IMBANGALAS

O documento datado de 23.02.14, foi rubricado pelo secretário do governo da Lunda-Norte, António Barros Espanhol, tendo antes estado em discussão numa reunião de funcionários em Capenda Camulemba, cuja agenda tinha 4 pontos: 1 - os membros devem cumprir as decisões saídas na 1ª reunião extraor-

dinária da Administração de Capenda Camulemba; 2 - aprovar o programa de actividade dos 12 anos de paz; 3 - informe sobre o ofício 043/14, da secretaria do governo Provincial da Lunda-Norte, que visava o afastamento de todos funcionários Públicos da etnia Bangala da Administração de Capenda Camulemba, por, diz o Ofício, “terem dirigido uma carta nº001/014, ao Gabinete do Vice-presidente do

MPLA”, alega a nota e continua...devem ser exonerados dos bairros Muxina, Kitumba-Kambala, Muanha-Ngango, Chilómbo, Kituxi, Hólo, Kiluange...”; 4 - necessidade de provocar a mudança das povoações do bairro Muxinda e a construção de estrada das vias alternativas para se chagar a zona. No entanto este clima de discriminação, latente é que esteve na origem, dos funcionários públicos e

populares da etnia Imbangalas, terem redigido documentos de reclamações, enviados ao Presidente da República, José Eduardo dos Santos, ao vice-presidente da República e outras instituições do Estado. “Pedimos ao Governo Central que separe os municípios onde habitam os Bângalas, (nomeadamente Capenda Camulemba, Cuango e Xá muteba) da Lunda, para fazerem parte da Província de Malan-

ge, caso contrário, haverá mortes”, dizem os mesmos na nota enviada ao Presidente da República. Para terminar, os Imbangalas consideram-se maltratados pelos dirigentes locais e alertam que a acção irresponsável do Governo da Lunda-Norte, sustentado pelo partido no poder, está a causar secessão de vários militantes que, diariamente, têm ocorrido para outros partidos políticos.